



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Subjetividade Migrante:
A Importância da Transmissão na Construção e
Consciência de Si e do Outro

TERESA PAULINO

Orientador de Dissertação:

PROF. DOUTORA Maria Emília Marques

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTORA Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006

Agradecimentos

Agradeço à Professora Doutora Maria Emília Marques por todo o conhecimento que ao longo de todo o percurso académico transmitiu, em especial, ao longo do seminário de estágio e pela possibilidade de aprender e refletir sobre paradigmas e metodologias de investigação. Agradeço a possibilidade de ter tido a oportunidade de aprofundar o conhecimento numa área tão apaixonante e complexa como a psicanálise.

Agradeço ao participante deste estudo, pela disponibilidade e generosidade que colocou na partilha das suas experiências e sentimentos, para que fosse possível a elaboração desta dissertação.

Agradeço à Raquel, ao Pedro e à Paulinha, pela disponibilidade, apoio e companheirismo nesta etapa que agora se finaliza. Agradeço todos os momentos de contenção das minhas ansiedades e angústias, das incertezas e, mais que tudo, pela força e motivação que me transmitiram para a construção deste trabalho.

Agradeço às minhas filhas, Bárbara e Valentina, há minha mãe e ao Luís, ao Hélder e à Rita, pelo amor e dedicação, compreensão e suporte emocional, que nunca faltaram mesmo nos momentos mais difíceis para todos nós. Amo-vos profundamente!

RESUMO

Tomando como referência as linhas teóricas propostas pela clínica etnopsicanítica, a transição de um país de origem para um outro (desconhecido), coloca o sujeito numa situação vulnerável capaz de provocar consequências na forma como este irá integrar a experiência ao nível psíquico. Na tentativa de aceder a um entendimento da sua vivência de migração, enquanto sujeito psicológico, recorre-se ao Método de Narrativas de Associação Livre (Hollway & Jefferson, 2000). Realizada uma entrevista a um homem nascido em Tomé e Príncipe, onde permaneceu até aos sete anos, tendo migrado para Cabo-verde, onde nasceram os seus pais, e onde permaneceu até aos dezasseis anos, idade em que imigrou para Portugal, faz-se uma análise profunda da narrativa recolhida, norteadas pelas orientações da referida metodologia. Destacam-se da análise grandes temas, a destacar: a identidade, a filiação e a transmissão psíquica, cuja ligação é evidenciada enquanto problemática central. As representações que Francisco faz dos seus vividos, em lugares e tempos diferentes, como se da mesma experiência se tratasse, são denunciadoras da sua impossibilidade de firmar uma identidade própria, a qual, numa fase ainda muito prematura do seu desenvolvimento, encontrou obstáculos, inscritos na incorporação de conteúdos psíquicos transmitidos pela geração precedente. Perante uma visão de si e dos outros, marcada por uma confusão clara entre tempos e lugares, tornam-se evidentes as dificuldades para construir um Eu, sentido como único, caracterizadas na inexistência de uma estrutura identitária necessária para conseguir aceder à alteridade, absolutamente necessária à (re)organização psíquica perante o diferente e o desconhecido.

Palavras-Chave: Etnopsicanálise, Sujeito Migrante, Narrativa de Associação Livre, Transmissão Psíquica, Identidade

ABSTRACT

Accordingly to the theoretical assumptions of ethnopsychiatric clinic, the transition from one country (origin) to another (unknown), and the experience of rupture implied in this change, puts the person in a position of vulnerability affecting the way he/she psychically organizes the experience. The Free Association Narratives Method (Hollway & Jefferson, 2000) is used to access the understanding of the psychological subject within the scope of his migratory experience. We conducted a detailed analysis of the narrative produced on an interview by a man born in Tomé and Príncipe, where he remained until the age of seven. Then he has migrated to Cape Verde where his parents were born, remained there until the age of sixteen and finally immigrated to Portugal. The analysis is guided by the theoretical postulates of proposed methodology. Three main themes emerged: the subject identity, affiliation and the psychic transmission emerged as central problems closely linked as the central problem. “Francisco” representations of his life in different times and places, appear as a unique experience and reveal how is unable to develop a true sense of identity, at a very early stage of its development, encountered obstacles of psychic contents transmitted by the previous generation. Francisco’s vision and from the other(s) are marked by a clear confusion between different times and places and reveal’s the impossibility of constructing an identity of its own, a unique away, expressed as a lack of identity structure required to access alterity, necessary to (re)psychic organization to cope with the different and the unknown.

Key words: Ethnopsychanalysis, Migrant Subject, Free Association Narrative, Psychic Transmission, Identity

Índice

1.	Introdução	1
2.	A Etnopsicanálise	4
3.	Cultura e Migração: O olhar da clínica psicanalítica	9
4.	Identidade	14
5.	Filiação e Transmissão Psíquica	16
6.	Objetivo de Estudo	23
7.	Tipo de estudo	25
8.	Método	27
	8.1. Entrevista Narrativa em Associação Livre.....	27
	8.2. Participante	28
	8.3. Instrumento.....	29
	8.4. Procedimento de Recolha de Dados.....	29
	8.5. Procedimento de Análise dos Dados.....	31
9.	Análise dos Dados	31
	9.1. A apresentação e análise dos dados.....	31
10.	Análise dos Grandes Temas	44
	10.1. Identidade.....	44
	10.2. Filiação e transmissão psíquica.....	47
11.	Discussão	52
12.	Conclusão	58
13.	Referências Bibliográficas	61

Anexo: Transcrição da Entrevista

1. Introdução

Neste trabalho pretende-se discutir algumas questões, que julgamos fundamentais para o nosso tempo atual, em que, ainda que continuemos a organizar-nos em sociedade, isolamo-nos cada vez mais do “outro”, do “estranho” que quase sempre nos assusta, e muitas vezes nos obriga a mobilizar um conjunto de recursos internos defensivos.

Do ponto de vista da psicanálise sabemos quão fundamental e intrínseco ao humano, é criar as próprias raízes num pedaço de chão, em paredes e tetos que possam chamar de seus; processo que faz parte do estabelecimento da sua identidade psíquica e social. No entanto, pensamos que a primeira casa que temos é o nosso corpo e que a nossa casa (concreta) tem uma significação psíquica fundamental ao humano, não sendo somente um conjunto de tijolos, cimento e telhas. A casa é uma das representações mais profundas e primitivas que o humano constrói sobre si mesmo. É o lugar onde estamos protegidos dos perigos reais que ameaçam a nossa vida (no passado, dos predadores), é o lugar onde cultivamos e construímos a nossa identidade básica e nos sentimos seguros e contidos no nosso psiquismo.

Para focar o efeito da separação da “casa” que protege o sujeito migrante, analisaremos algumas questões associadas à experiência de ruptura e aos seus efeitos, focando elementos gerais do drama do sujeito nessa aventura, bem como os aspectos mais particulares das suas vivências subjetivas.

Neste sentido, é à luz das concepções tecidas sobre o sujeito migrante e a sua vivência subjetiva da migração - entendida como a passagem entre o modo de pertença (a sua casa) e o novo mundo (mundo que lhe é estranho e diferente), que se tornam o objeto central da presente investigação.

Lança-se assim um olhar sobre a disciplina da etnopsicanálise, evidenciando a sua importância na adoção de uma concepção psicanalítica, na tentativa de compreender a vivência psíquica do sujeito imigrante, iniciando com as reflexões lançadas por Sigmund Freud, seguidas por Réza Róheim e logo após desenvolvidas por George Devereux. No seguimento, e uma vez que não é possível conceber a disciplina etnopsicanalítica, sem a passagem por uma abordagem cultural, procuraremos compreender a interação psíquica entre estas dimensões; a cultura e as transformações psíquicas na subjetividade da experiência de imigração.

Relacionadas à vivência subjetiva da imigração, surgem algumas concepções teóricas sobre identidade/identidade étnica, filiação e transmissão psíquica entre gerações. A identidade é aqui tomada em apropriação conjunta com o fenómeno de migração, através do qual esta experiência pode tornar-se problemática ou mesmo traumática e colocar em risco a continuidade psíquica dos sujeitos que a vivenciam. Neste caso, a condição de ser um sujeito imigrante pode, em

circunstâncias específicas, apresentar-se como verdadeiramente ameaçadora à possibilidade de uma (re)organização psíquica, capaz de conter vividos angustiantes.

Apresentado o domínio no qual assenta a nossa investigação, importa situá-lo no contexto da investigação em Psicologia Clínica, nos seus paradigmas e compreensões acerca do objeto de estudo, bem como nas opções metodológicas que orientam o trabalho.

Como refere Marques (1999), o posicionamento face às conceções e aos modelos e, por consequência, aos métodos e às técnicas determinam o lugar que é reservado ao objeto de estudo (e na investigação em geral), no nosso caso, na Psicologia clínica.

A proposta assenta num tipo de estudo situado numa conceção teórica do seu objeto, entendido enquanto sujeito psicológico. Marques (1999) considera que o entendimento do sujeito psicológico - o acesso ao seu inconsciente, ao que foi esquecido ou propositadamente escondido - só é possível por via do paradigma psicanalítico, no qual o conhecimento do observado ocorre da sua revelação por via da intersubjetividade, onde o sujeito se revela sem se dar a ver, e não do paradigma epistemológico, onde o conhecimento se procura em relações de causa-efeito. A intersubjetividade marca assim a primeira condição para o entendimento do sujeito psicológico.

O primeiro dos pressupostos conduz ao entendimento de que a compreensão do sujeito psicológico só será possível através do reconhecimento da interação entre o observador e o observado, sendo que, através deste par relacional surge a possibilidade de criar e adicionar sentidos concebidos e demarcados na relação que se estabelece entre as duas subjetividades. Neste sentido, só será possível num modelo de investigação fundado na compreensão (Marques (1999).

O segundo pressuposto, refere-se à compreensão do sujeito psicológico, que poderá ser acedida apenas *“no insignificante, no esquecido ou escondido, no transitório e mutável. É nesse domínio que o sujeito se revela sem se dar a ver. Aceder a esse domínio impõe o recurso a modelos que usam a significação e o sentido, que se fundam, também, na consensualidade, comunicação, construção e transformação”* (Marques, 1999, p. 74).

Opostamente ao paradigma experimental, onde se procura a relação causal, no intuito de basear a realidade em leis universais, pretende-se posicionar esta investigação no paradigma psicanalítico, onde a hipótese de compreensão do sujeito nasce de *“uma historicidade e um espaço e tempo de expressão e de captação pela intersubjetividade, que obriga a considerar o inefável e o mutável, a transformação e a criação”* (Marques, 1999, p. 81).

Foi no contexto psicanalítico que Hollway & Jefferson (2000) criaram uma proposta metodológica alicerçada em pressupostos ontológicos e epistemológicos análogos aos atrás

referidos; as narrativas de associação livre de ideias. Os autores mencionam um ponto de partida básico para considerar esta metodologia: A forma como são compreendidos os sujeitos na pesquisa. A base de entendimento é a de que o mundo interno dos sujeitos não é o reflexo do mundo externo, contendo a ideia quase implícita, em outras metodologias, de que os sujeitos seriam “transparentes” na hipótese de serem estudados enquanto tal.

Deste modo, com assento na noção de associação livre de ideias, de Sigmung Freud, este método tem como primeiro objetivo aceder ao sentido latente, através das associações de ideias pelos sujeitos, em contraste com a lógica do aceção exata das palavras ou do seu conjunto. Esta metodologia pressupõe também que os sujeitos têm tendência a colocar em ação mecanismos de defesa contra a angústia. Assim, apenas o significado latente do sujeito se torna acessível, naquilo que pode ser constitutivo na sua subjetividade, através da relação intersubjetiva fundada entre entrevistador e entrevistado, à semelhança da clínica psicanalítica, nas relações de transferência e contratransferência (Hollway & Jefferson, 2000).

Questiona-se assim o sujeito migrante acerca da sua vivência como tal - a deslocação da sua terra natal para outro lugar, à partida, desconhecido, com o objetivo de realizar um entendimento profundo dos processos e efeitos psíquicos desencadeados por essa vivência, à luz das considerações referidas na metodologia proposta por Hollway & Jefferson (2000).

Sendo a nossa proposta de investigação inscrita nos pressupostos do paradigma psicanalítico, apresentaremos um domínio teórico, cujo suporte permitirá posicionar teoricamente a nossa investigação. Iniciaremos com uma breve passagem sobre o nascimento da disciplina etnopsicanalítica, com destaque aos seus principais precursores, cujo contributo de estende a outros temas, nomeadamente às questões identitárias, como é o caso de Georges Devereux como a identidade dada a influencia que os seus postulados teóricos exercem sobre toda a temática central, os quais nos conduziram, também,

Por esta via, entraremos numa linha de considerações teóricas sobre o fenómeno migratório, mais concretamente, o entendimento sobre a subjetividade migrante, onde os temas da cultura e identidade são centrais. A par destes temas, será desenvolvido o tema da transmissão psíquica entre gerações, mais concretamente, a influência que a transmissão de conteúdos psíquicos de uma geração a outra, poderá ter na construção da identidade dos sujeitos, neste caso, em contexto migratório.

A abordagem da intersubjetividade na ligação com a intergeracionalidade possibilitará um entendimento posterior, sobre a centralidade destes temas, nas opções metodológicas eleitas e no desenvolvimento da análise e discussão dos resultados.

Segue-se a descrição do objetivo do estudo, do tipo de estudo e do método proposto para esta investigação, já um pouco adiantado nesta introdução. A análise da narrativa do Francisco (um homem de cinquenta e sete anos, nascido em São Tomé e Príncipe, que ainda criança migrou para Cabo-verde, de onde são naturais os seus pais, e já adolescente migrou para Portugal, onde até hoje permanece), servirá como único ponto de partida na discussão do caso. Ou seja, será através da análise dos processos intersubjetivos numa lógica interpretativa, que se poderá desenvolver um entendimento sobre os processos psíquicos associados à imigração.

Por fim, é apresentada a uma conclusão, através da qual será possível unir a sequência das etapas percorridas na investigação, e fechar ideias desenvolvidas na discussão do caso.

2. A Etnopsicanálise

As considerações elaboradas por Sigmung Freud parecem não ter sido entendidas e muito menos aceites por investigadores que na altura dedicaram os seus estudos ao tema da Cultura, com destaque para os antropólogos, nomeadamente Malinowski. Tais escritos vieram espoletar várias discussões e reflexões sobre a forma de observar a cultura, pela via de inúmeras perspetivas existentes na área das ciências sociais, que parecem manter-se na atualidade

De acordo com Barros & Bairrão (2009), a etnopsicologia é uma disciplina que liga a antropologia e a psicanálise na teoria e na prática terapêutica, ainda pouco difundida e acolhida devido aos impasses teóricos que incitaram a separação destas duas disciplinas a partir das primeiras conceções de Freud sobre a pesquisa da cultura.

Freud (1919/1987) fala do “estranho” e relaciona-o com o que é assustador. As coisas “estranhas” seriam aquelas que representariam um contexto ameaçador. O estranho para Freud, não é a “coisa” nova ou distante do sujeito, respeitaria a algo familiar - a “coisa” secreta. O retorno do recaiado, segundo o autor, surge como sintoma na medida em que o conhecimento alienado, através do recalque no inconsciente atuaria como oposto – a “coisa” estranha. O que é estranho seria assim, tudo aquilo que se conserva no inconsciente, no espaço psíquico, e que envia àquilo que não se pode partilhar com o grupo. A estranheza é assim para Freud, o que aparece como sintoma – o retorno do recalque.

Ao escrever grandes textos como *Totem e Tabu* (1913), *Mal-estar na Civilização* (1930), *O Futuro de uma ilusão* (1927) e *Moisés e o Monoteísmo* (1939), Freud mostra o seu desejo em descobrir uma “clínica da cultura” para além dos estudos de casos (Barros e Bairrão, 2010). Nas obras citadas, destaca-se *Totem e Tabu* considerado um feito singular em termos literários, referenciado com uma notoriedade intelectual única, prestando uma contribuição reveladora na área da antropologia psicanalítica, ao desenvolver teorias sobre como surgem as leis nas sociedades. Freud gera uma reflexão nesta obra sobre a hipótese de compreender o Complexo de Édipo no sentido universal, através dos totens e tabus de sociedades distintas (Paduart, 2008).

Barros e Bairrão (2009) dizem que sempre existiu e continua a existir um espaço privilegiado para o diálogo entre psicanálise e antropologia. No entanto, e sem qualquer dúvida que coloque em causa o incontestável contributo de Freud, ao inaugurar a entrada do pensamento psicanalítico na área da antropologia, foram grandes as controvérsias surgidas e as reações negativas às suas teorizações sobre a cultura, em especial, por parte dos antropólogos, tal como já referido. Por essa razão, a convergência entre a psicanálise e disciplinas das ciências sociais, como a antropologia, foi muito dificultada ao longo do século XX até aos dias de hoje por inúmeras razões, podendo ser destacada uma discussão que teve início com a crítica de Bronislaw Malinowski à teoria freudiana, em especial, no que concerne às teses freudianas acerca dos tabus sexuais nos postulados teóricos de *Totem e Tabu* (Barros & Bairrão, 2010). Considerado pioneiro da antropologia contemporânea, Malinowski fundamentou-se, em especial, no combate às afirmações de *Totem e Tabu* (1913/1993), que visavam refletir sobre a possibilidade de compreender o Complexo de Édipo de maneira universal, através dos totens e tatus de sociedades “primitivas” diferenciadas. Para o antropólogo, Freud não teve em conta a variedade entre as configurações familiares e sociais, para além de ter constituído as suas teorias baseado nas famílias burguesas de cidades modernas como Viena, Londres ou Nova York. Este argumento foi alicerçado pelo autor, através do uso de dados, considerados célebres, recolhidos em trabalho de campo realizado na Nova Guiné, dos quais se valeu para refutar a existência do complexo de Édipo entre os trobriandeses (Malinowski, 1929/2000).

Malonowski tenta combater a principal tese de Freud, através de considerações como a grande liberdade sexual dos trobriandeses, opondo-se à repressão sexual generalizada por Freud, por considerar que existia entre aquele povo uma evolução sexual independente das fases propostas por Freud, (defendia que não havia uma fixação anal entre os trobriandeses), na ausência de importância do pai no desenvolvimento da criança, e a conclusão de que entre os trobriandeses,

os desejos do menino se dirigiam à irmã e não à mãe, e os mesmos teriam impulsos hostis em relação ao tio materno e não ao pai (Pulman (2002).

Segundo Lioger (2002), Freud faz o convite ao seu colega etnólogo e psicanalista Géza Róheim para reagir às análises feitas por Malinowski. Róheim ruma assim à Nova Guiné e contesta in loco as afirmações de Malinowski contra a teoria freudiana, atribuindo às suas críticas uma marcada ignorância sobre a psicanálise, assente no facto que o antropólogo se baseou apenas do discurso manifesto dos nativos para certificar a ausência do complexo de Édipo entre os trobriandeses. No entanto, a discussão não teve continuidade nem por antropólogos, nem por psicanalistas da altura. Pelo que consta, Freud deu-se por satisfeito pela fácil contestação feita aos argumentos de Malinowski, e segundo Quinodoz (2007), nunca abdicou das suas conclusões, aliás, não fez qualquer alteração na sua obra. Pelo contrário, recuperou as mesmas asserções em trabalhos posteriores sobre a psicologia coletiva, e em 1939 reafirmou a sua posição: *“Mas, antes de todo, não sou etnólogo, sou psicanalista, eu tinha o direito de extrair da literatura etnológica tudo o que pudesse ser útil para o trabalho analítico”* (Freud, 1939^a, p,236, cit por Quinodoz, 2007).

Apesar da escassez de diálogo entre a psicanálise e as ciências sociais, o interesse parece não ter cessado, em especial para Géza Róheim, que segue o estudo psicanalítico de diferentes culturas pelo mundo, passando a ser reconhecido como proclamador da etnopsicanálise (Roudinesco; Plon, 1998, citados por Barros e Bairrão, 2010).

Contudo, apesar de Róheim ser reconhecido por alguns como um “etnopsicanalista”, parece não se ter valido desse termo, pois o acordo, segundo Barros e Bairrão (2010), é que o termo “etnopsicanálise” foi aplicado em primeiro lugar por Georges Devereux (1972) que contribuiu, a partir da década de 1960 para a evolução da disciplina, cunhada com a característica principal de conjugar a psicanálise com a antropologia. Os autores destacam que Devereux discutiu não só a questão de uma forma teórica, como a desenvolveu na sua prática, através de uma “psicoterapia transcultural” ou “etnopsicanálise transcultural” (Lioger, 2002, citado por Barros e Bairrão, 2010). Pelo que consta, segundo os autores, Devereux vem colocar termo ao impasse epistemológico que opôs Róheim ao movimento culturalista.

A obra de Devereux desenvolveria assim o que se chama de “complementarismo” em Ethnopsicanalyse complementarist (Devereux, 1972). Para o autor, os fenómenos humanos podem ser esclarecidos a partir de um discurso duplo, neste caso, por ambas as disciplinas

(psicanálise e antropologia), por sendo indissociáveis, devem ambas ser chamadas a refletir sobre os fenômenos (Barros e Bairrão, 2010; Paduart, 2008).

Também referenciado como um precursor da disciplina etnopsicanalítica, aparece Tobie Nathan (Lioger, 2002), um etnopsiquiatra, que tal como Devereux, argumenta que existe no mundo uma imensidão de doutrinas terapêuticas eficientes, as quais não são reduzíveis à ciência “ocidental”. Como tal, devem ser observados como reais teorias conceituais e não como crenças demitidas de sentido (Nathan, 1995, cit. por Barros e Bairrão, 2009). Segundo os autores Nathan não se socorre muito na questão psicopatológica dos sujeitos, e chega mesmo a convidá-los na busca das soluções das próprias doenças: *“Je considere désormais que le seul objet d’une psychopathologie véritablement acientifique doit être la description la plus fine malade possible des thérapeutes et des techniques thérapeutiques – jamais des malades. Allons! Reconnaissons nos erreurs! Oublions nos symptômes, nos syndromes, nos entités morbides, nos structures, toutes dirigées à défendre un seul type clinique. Non, nous ne pouvons plus continuer à chercher des maladies mentales dans les malades!”*. (Nathan, 1998, p. 105-106, cit. por Barros e Bairrão, 2009).¹

Importa sublinhar que Tobie Nathan desenvolveu o seu trabalho, a partir, principalmente, de práticas terapêuticas com imigrantes de países africanos, residentes em França. Para este etnopsiquiatra, tanto a psicanálise, como a psiquiatria não estariam aptas a ocupar-se este tipo de população com os seus próprios instrumentos de trabalho, sejam as interpretações ou os fármacos. Seria assim necessário um reconhecimento das formas singulares de se cuidarem e tratarem, que fazem parte das suas doutrinas culturais de origem. Daí, ter passado a realizar grupos terapêuticos em que, para além do próprio e do paciente, estariam presentes uma equipa diversificada de áreas do saber, formada por co-terapeutas de outras origens, como psicólogos, médicos, antropólogos, linguistas, e também um tradutor da língua do paciente para que este pudesse expressar-se na sua própria língua, enquanto possibilidade de se tratar dentro das próprias doutrinas de crença (Barros e Bairrão, 2009).

Marie Rose Moro, especialista da etnopsiquiatria, de etnopsicanálise e psiquiatria transcultural, segue a mesma linha de Tobie Nathan, ao nível da prática. No entanto ela não procura distinguir-

¹ Irei considerar doravante que o único objeto duma psicopatologia verdadeiramente anticientífico deve ser a descrição mais fina possível da paciente dos terapeutas e dos técnicos terapêuticos – nunca dos doentes. Vamos. Reconheçamos os nossos erros. Esqueçamos os nossos sintomas, as nossas síndromes, os nos corpos mórbidos, as nossas estruturas, todas dirigidas a defender um só tipo clínico. Não, nós não podemos continuar a procurar as doenças mentais nos nossos doentes”. (Nathan, 1998, p. 105-106, cit. por Barros e Bairrão, 2009, tradução nossa)

se da psicanálise e defende a prática de uma clínica transcultural, e afirma que é preciso reconhecer o facto de que existem outras formas de se cuidar e tratar que não devem ser descurados, pois fazem parte dos sistemas culturais de origem dos pacientes (Moro et al, 2006).

Apesar de reconhecida e elogiada a contribuição teórico-prática de Nathan, a sua principal fragilidade, reside na sua declaração, de que é a “aculturação” e o choque entre a cultura de origem do sujeito e a cultura europeia que adocece o sujeito e, não se ficando apenas nessa asserção, chega mesmo a defender abertamente a criação de guetos para que as pessoas pudessem fraternizar com os seus “idênticos” (Nathan, 1994).

Já François Laplantine, teórico da etnopsicanálise e discípulo de Georges Devereaux, mostra uma posição oposta à de Tobie Nathan. Contrariamente à hipótese patológica que a mestiçagem implicaria, na perspetiva de Nathan, Laplantine (2002, 2005, 2007) especula sobre as vantagens da mestiçagem, a partir das suas práticas de campo no Brasil. Laplantine (2007) considera que a mestiçagem facilita ao sujeito encontrar-se e revelar-se no outro. O autor acrescenta que a psicanálise pode mesmo orientar-nos de forma a acrescentar a experiência etnológica: *L'unité et l'homogénéité du sujet éclatent au profit d'une pensée qui nous vient du dehors et nous fait réaliser qu'il y a de l'autre en nous et que nous pouvons devenir autre que ce que nous sommes. Enfin et surtout, nous voici confrontés avec la psychanalyse à une théorie complexe du sujet et du social qui, liant étroitement la connaissance et la reconnaissance (des autres et des autres en nous), dessine une perspective qui est celle de l'éthique* (Laplantine, 2007, p. 13).²

François Laplantine vale-se assim da psicanálise e da antropologia. Para o autor, os limites disciplinares são fruto de dicotomias construídas por perspetivas diferenciadas.

Feita uma síntese do caminho percorrido pela disciplina etnopsicanalítica, parece-nos, de facto, ter existido, entre alguns dos teóricos atrás referidos alguma insistência em colocar a psicanálise de parte e em fundar limites disciplinares., talvez justificado por algum temor que se conserva em relação às análises “psicológicas” nestas campos, à luz das anteriores considerações etnocêntricas e “patologizantes”, genericamente ligadas à ideia de um “eu” psicológico exclusivo e único.

² “A unidade e a homogeneidade do sujeito rompem-se em benefício de um pensamento que vem de fora e nos faz perceber que há outro em nós e que nós podemos nos tornar outro além do que somos. Enfim e sobretudo, somos confrontados com a psicanálise a uma teoria complexa do sujeito e do social que, ligando estreitamente o conhecimento e o reconhecimento (dos outros e dos outros em nós) delimita uma perspetiva ética (Laplantine, 2007, p. 13, tradução nossa)

3. Cultura e Migração: O olhar da clínica psicanalítica

Num sentido normativo de Cultura, Cuche (2002), observa que a concepção da noção deste conceito se deu pós o desenvolvimento semântico da palavra “cultura”, tendo surgido no idioma francês no séc. XVIII, cuja difusão se deu por “empréstimo linguístico”, aos idiomas alemão e inglês. Num sentido figurado, o termo “cultura” passa a ser empregado com maior frequência no séc. XVIII, primeiramente seguido de um complemento, “cultura de artes”, cultura de letras”, cultura das ciências”; e depois, para significar a “formação”, a educação” do espírito. Depois, num movimento oposto, deixa de ter a significação de “cultura” como ação (de instruir) e passa a “cultura” como estado (do indivíduo que tem cultura). Nesta ótica, parece-nos que a cultura seria algo da ordem do universalismo - algo particular, característico de uma ideologia do Iluminismo, onde a palavra é relacionada às ideias de desenvolvimento, de evolução, de instrução, de inteligência, que estariam no núcleo do pensamento dessa época.

Já no início do séc. XIX, a palavra “cultura” era utilizada como um sinónimo para descrever, em oposição com a palavra “civilização” (termo este empregado em França e Inglaterra no fim do séc. XVIII), um sistema crescente de evolução humana, em direção ao refinamento e à ordem, por contraste e à selvageria (Thompson, 2009). O uso distinto, na Alemanha, das palavras “cultura” e “civilização”, segundo o autor, estaria ligado aos estratos sociais existentes na Europa nessa fase, sendo que, imediatamente antes da Revolução Francesa, deixa de existir lugar à diferenciação entre os dois termos, consistindo na controvérsia franco-alemã do séc. XVIII ao séc. XX, o início e o motivo das duas concepções de cultura, uma de cunho particularista e outra universalista. Este duplo olhar constitui a base das duas formas de definir a noção de cultura nas ciências sociais atuais (Cuche, 2002), as quais tiveram, decerto, influencia na forma como os diferentes postulados sociológicos, psicológicos, e etnológicos se desdobraram.

A primeira aceção etnológica de cultura foi dada pelo antropólogo britânico Edward Burnett Taylor (Cuche, 2002). Taylor apresenta a cultura como manifestação da totalidade da vida social do homem, representada por uma dimensão coletiva. Sendo adquirida, então, a sua origem e o seu caráter são, em grande parte, instintivos. O Homem e a cultura seriam assim indissociáveis, e não têm lugar de forma independente, já que a cultura resultaria de um sistema de simbolização White (2009).

Muitos dos contributos para a evolução do tema surgiram na prática clínica com pacientes de múltiplos contextos culturais, difundindo considerações e desafios entre terapeutas e analistas, sobre o papel da cultura nas relações terapêuticas e sobre a forma como o fenómeno migratório acrescenta especificidades nos processos psíquicos (Paduart, 2008).

O contributo de Nathan (1986/2013), passa pela ideia de que, a incorporação das representações culturais é essencial para o desenvolvimento da psique humana, salientando a necessidade da sua continuidade e permanência da sua reafirmação, para que o “envelope cultural” seja conservado na psique e, assim, permitir ao sujeito a obtenção do sentimento necessário de proteção e “totalidade”. Segundo o autor, o sujeito ao mudar-se para um ambiente desconhecido, a reafirmação do “envelope cultural” pode ser reduzida ou ficar mesmo comprometida.

(Scliar, 1997), concebe o sujeito migrante como a aquele que obedece, na maioria das vezes, contra a sua vontade. O autor adianta, que ao ir em busca da “terra prometida”, paga o preço do desenraizamento e da frustração, desenvolvendo uma relação ambivalente de amor/ódio. Considerando este olhar sobre os movimentos migratórios, assiste-se assim a um cenário complexo de mobilidade social, que acarreta ruturas com referencial psíquico que os indivíduos transportam em si, atestando assim a perspectiva de Nathan (1986/2013), de que só através da conservação desse referencial (envelope cultural) na psique, o sujeito estará apto para manter o seu sentimento de proteção e “totalidade”, condição essa, essencial à sua continuidade psíquica.

Segundo Trad, L. (2003), o sistema de adaptação do sujeito imigrante passa por uma integração complexa entre estruturas a diferentes níveis: como sejam, sociais, culturais, económicas e políticas, tanto do antigo, como do recente contexto, e por uma profunda reestruturação subjetiva, surgida das expectativas ligadas ao processo migratório, e pelas dinâmicas das suas identificações e internalizações. Depreende-se assim, que na impossibilidade do sujeito aceder a uma (re)organização psíquica perante este complexo processo, o seu bem-estar psíquico fica comprometido.

Num estudo que realizou, Leny Trad, através de uma análise de dados produzidos num estudo etnográfico, realizado com imigrantes brasileiros, em Barcelona, tendo por base a observação participante e entrevistas por cerca de dois anos (análise das experiências de 29 imigrantes brasileiros distribuídos por três grupos: recém-chegados do país, residentes entre cinco anos, e com mais de 12 anos de permanência), permitiu identificar algumas situações que determinavam perspectivas de maior proteção ou maior fragilidade para o imigrante. A satisfação profissional, o sentir-se aceite pela comunidade local, a elaboração relativamente conseguida do luto migratório, são alguns dos elementos que preservaram o bem-estar psíquico dos sujeitos. Neste caso, o valor do suporte material, bem como a satisfação em torno das relações socio-afetivas, revestem-se da maior relevância. Por outro lado, o sentir-se isolado na comunidade, o não reconhecimento da

sua competência profissional ou sentimento geral de inadequação, são indicadores negativos da sua saúde mental (Trad, L. (2003).

No mesmo estudo, o que nos pareceu de especial interesse, foi a dúvida que ficou sobre os limites da integração, mesmo naqueles que julgavam a sua integração satisfatória. Para muitos, de acordo com Trad, L. (2003), o desejo de integração não envolvia a renúncia às suas raízes, sendo esta posição percebida pela sociedade nativa como uma reivindicação. Neste ponto, mencionamos Melman (1992), quando refere que o imigrante estrangeiro sujeita-se ao domínio de outro “clã”, ou “totem” e vive o impasse entre aceitar de incondicionalmente tal domínio, ou demarcar o domínio da sua filiação de origem.

Também na tentativa de compreender os processos psíquicos envolvidos na situação de sujeito emigrante, Moro (1994, 2002, 2003) propõe o conceito de “vulnerabilidade” dos sujeitos migrantes, na elaboração das suas concepções teóricas. A autora propõe que o conceito seja entendido como uma dimensão dinâmica capaz de causar alterações e afetar um processo em desenvolvimento. Atendendo a que todos os sistemas de pensamento, de representação e de simbolização ocupam o seu lugar no mundo devido aos códigos culturais que o sujeito fez seus, ao longo da sua vida, são estes processos que são complexificados em situação de migração (Moro, 2002), trazendo consigo um conjunto de implicações que impõem uma rutura adversa, capaz de envolver uma perda do quadro cultural de origem. Neste sentido, o conceito de estruturação cultural introduzido por Nathan (1998) assume-se como relevante, ao referir-se a uma estrutura que se desenvolve nos primeiros dias de vida. O autor fala-nos numa relação dinâmica em constante movimento ao longo da vida dos sujeitos, ou seja, a ligação entre o mundo cultural exterior assimilado pelas crianças, tem um ação interdependente da estruturação psíquica do sujeito.

Desta forma, parece-nos, que esta concepção Nathan ganha maior sentido na opinião de Bouche-Florin et al. (2007), quando afirma que a situação de imigração pressupõe processos de aculturação, que põem em risco o vínculo que une a estrutura psíquica e a estrutura cultural dos sujeitos que a experienciam, adiantando, que só mantido vivo e funcional esse vínculo, que contempla os intercâmbios permanentes entre o indivíduo e o seu ambiente cultural, é possível impedir a rutura violenta desse mesmo vínculo. Não se contendo apenas nesta afirmativa, o autor, reforça ainda, que no caso da inadaptação forçada, por conta da nova situação, a perda de referências externas pode ser de tal ordem perturbante, que pode causar no sujeito uma confusão

psíquica na forma de olhar o mundo, e ter implicações ao nível da eficácia do uso dos recursos que o sujeito dispõe.

Por esta via, fica assim colocado em causa todo o sistema elaborativo do sujeito, no qual as suas experiências de rutura, põem em causa o seu mundo interno e externo. No primeiro caso, relativo à continuidade psíquica e continuidade de si, ao uso dos mecanismos de defesa, à estrutura das identificações e ao mundo fantasmático. No segundo caso, as experiências de rutura colocam o sujeito numa posição de confronto, que envolve as suas relações familiares, a segurança nos seus elos de pertença a um grupo, para além de toda uma eficácia na prática de um código análogo a todos aqueles que compartilham a mesma situação em termos sociais e culturais (Mohamed, 2001).

A noção de rutura que Mohamed (2001) alcança assim a uma questão primordial. O autor acentua a importância da continuidade psíquica do sujeito no processo de formação da sua identidade, que no caso da migração, ganha contornos peculiares no que respeita à forma como o atividade mental do sujeito se vai organizar.

Neste sentido, Pastori (2006) refere que o conflito entre indivíduos de origem diferente demarca a necessidade de predeterminar elementos essenciais para a auto-preservação, pois vem confirmar a presença de uma grande ameaça, que procura atacar algo fundamental para a proteção da imagem de si. Segundo a autora, o que é sentido como ameaçador é essa mesma impossibilidade de recuperação de uma herança significativa, cuja ausência é sentida como uma perda irre recuperável, e que atinge, por vezes, a capacidade do ego manter a unidade da imagem de si. Ao levar os sujeitos ao encontro com o outro (diferente), o processo migratório, envolve assim uma necessidade de elaboração constante da imagem de si, na tentativa de manter um mínimo de diferenciação necessária à continuidade. Dado que o encontro com o mesmo, é uma necessidade narcísica e, ao contrário, o diferente tende a ser vivido como ameaçador, a terra estranha (e o estranho) vem, muitas vezes, complicar (ou mesmo impossibilitar) que o sujeito recupere o que faz parte de um outro lugar (Pastori, 2006).

Em reforço a todo o conjunto de possíveis efeitos negativos, no que respeita ao bem-estar psíquico dos sujeitos migrantes, que temos vindo a desenvolver, aludimos a Berta e Rosa (2005), (citados por Rosa et al., 2009) que defendem, que frente à perda das referências identificatórias, há um primeiro tempo que pode ser pensado, tendo como referente o conceito de angústia. As autoras afirmam que a angústia é o afeto que não engana e que respeita àquilo que o sujeito não pode pronunciar em significantes, consistindo o sinal de um real, que se depara com

impossibilidades no processo de simbolização. As autoras fazem ainda alusão a Jacques Lacan, no seu seminário *A angústia* (1963), o qual parte do “desamparo inicial”, para indicar as diversas respostas do sujeito na sua relação ao Outro. “ O encontro com situações que evocam esse desamparo inicial provoca angústia, não como manifestação sintomática, e sequer como fuga, mas como um tempo no qual o sujeito custa a localizar-se e que, por esta razão, é vinculado ao sentimento de estranheza, o *unheimlich* freudiano” (Op. cit, p. 54). As autoras afirmam, portanto, que a dificuldade do sujeito em localizar-se neste tempo gera efeitos na sua organização subjetiva e no vínculo social, e será essencial que entre a angústia e o desejo, tenha lugar a elaboração face ao perdido, possibilitando, não só, o restabelecimento da imagem do sujeito, bem como, uma reorganização do lugar a partir do qual se vê amável para o Outro (ideal do eu). Desta forma reafirma uma posição que o possibilita localizar-se no mundo.

Atendendo à centralidade que as questões identitárias ocupam no contexto da migração, e tomando em consideração as problemáticas, que tendencialmente sobressaem das vivências de rutura envolvidas no fenómeno migratório, são várias as posições possíveis de serem assumidas, para compreensão da identidade.

Parece-nos, que tomando em consideração o que até aqui vindo sendo exposto neste campo de reflexão, dizer que a construção da identidade não será erguida num centro interior, também não é rejeitar a questão das identidades como central, mas será mais, no nosso entendimento, reforçar que as identificações se desenvolvem dentro das representações, através da cultura do sujeito, e também no contacto com outras culturas distintas da sua.

Não importa, aqui, tanto catalogar as particularidades objetivas que marcam e distinguem o indivíduo imigrante no contacto com outras e diferentes culturas, mas antes, dar conta do sentido, da apropriação e da (re)interpretação dos elementos que, supostamente, fazem parte da identidade do indivíduo imigrante, e que nos parecem sobrevalorizadas por separação, face à sociedade recetora. Importa-nos, sobretudo, procurar o sentido e a reinterpretação que o sujeito migrante faz (na sua subjetividade) sobre a sua cultura, ponderada aqui como um núcleo repleto de simbolismo. Importa na mesma medida, perceber, como a confrontação com a diferença pode afetar e produzir consequências para o sujeito, numa tentativa de sustentação e de transformação da sua identidade.

Compreendendo a identidade como estreitamente relacionada às questões de filiação e afiliação estabelecidas pelo sujeito, importa conceber uma abordagem destes conceitos a par da clínica psicanalítica, sendo também por esta trilha, que abriremos um espaço de pesquisa, assente nos

sistemas de transmissão psíquica entre gerações, onde o termo transmissão, aponta para o sentido da transferência na psicanálise, entendida como o cerne do trabalho psíquico da subjetividade, ou seja, o trabalho da retradução e transformação de uma geração a outra, das várias configurações de objetos psíquicos que compõem a “pré-história” do sujeito, e que, decerto, têm muito a dizer sobre a forma como o sujeito se vê na sua subjetividade.

4. Identidade

Para Georges Devereux, toda a individualidade supõe uma identidade, e ambas supõem uma existência (2009). Como tal, a identidade, percebida como produto de um processo de diferenciação, respeita a um conjunto de atributos que dizem respeito a um determinado objeto/sujeito, e com a sua justaposição particular, sendo que, no seu conjunto, estas precisões formam uma série de medidas repartidas sobre um sistema de diretrizes, do qual o conjunto é um campo multidimensional. Uma vez que a identidade envolve inúmeros elementos diferenciados, que não tocam a um único indivíduo, apenas se torna um resultado da diferenciação pelo agregado de traços significativos, dos quais a justaposição e a combinação sistemática de uma grande série destas dimensões compõem uma estrutura. Sob este prisma, tanto a identidade, como a individualidade, são percebidas por Devereux como estruturas, no real sentido estrutural do termo (2009).

Apesar de identidade e diferenciação emergirem de uma variedade de precisões dadas sobre um objeto ou um ser, é essencial ter em conta, o facto de o homem ser, antes de mais, um ser em si integrado. Para Devereux, uma individualidade não se estabelece enquanto produto acabado, muito pelo contrário, ela é sujeita a uma constituição progressiva, que é submetida a uma série de imprevisibilidades, motivo pelo qual, o autor afirma que o sentido da identidade e da assimilação interna devem ser gerados por duas vias: no espaço e no tempo (Op. cit).

Desta forma, Devereux (2009) vem dizer-nos o que precede o problema, segundo a forma como é gerada a identidade da criança, e o sentido subjetivo da sua individualidade enquanto configuração total. O autor sugere que a estrutura da criança é um processo muito complexo, pois acarreta, antes de mais, um sistema de “desembaraço” da unidade dual que a une à mãe.

A identidade no espaço supõe assim uma causalidade espacial, que requiere a harmonia das coisas no espaço, contudo, numa fase inicial, enquanto os objetos surgem à criança “desmontados”, ainda não há uma interpretação espacial organizada. No que respeita ao tempo, observa-se que, no início da vida, a criança ainda não compreende que o seu Eu é um invariante temporal, apesar

das suas mudanças de estado a vários níveis (fisiológico, emocional, etc.). Não sendo o presente ainda representado como uma união entre o passado e o futuro, sendo para a criança a única coisa que efetivamente existe, esta não possui ainda um verdadeiro Eu, ou seja, um Eu que reconheça o sentido da sua própria continuidade através do tempo. Para que sujeito possa ser ciente da sua continuidade e invariância no espaço e no tempo, é essencial, por um lado, que exista uma causalidade espacial, que postula a harmonia das coisas no espaço e, por outro, que ele seja capaz de organizar os acontecimentos que se desenrolam no tempo numa sucessão causal. À luz destas considerações, compreende-se porque é que a identidade não é um dado primário, mas sim o efeito de uma composição de partes tanto planeada quanto casual (Devereux, 2009).

É desta forma que, para o autor, a vivência da migração tem propensão a desequilibrar o sentido de identidade do indivíduo imigrante, colocando em causa, muitas vezes, a solução de continuidade de si mesmo. Perante a presença do fantasma, assente no facto de deter uma identidade, incita os outros a destruir, não só a identidade, mas também a existência, o sujeito busca a proteção contra essa ameaça, renunciando a sua identidade real. No centro desta problemática verifica-se o desejo de não se compreender e de não possibilitar aos outros ser entendido, ou seja, não ter uma identidade que possa ser firmada e circunscrita, atendendo a que possuí-la seria fatal, tal como afirma Devereux (2009). Posto isto, perante o trauma produzido por quem o conhece melhor, o sujeito terá tendência a esperar dos outros, por efeito, ser prejudicado por todos os que conhecem a sua identidade. Assim, sendo o conhecimento da identidade do sujeito, um indicador da sua vulnerabilidade, a recusa à sua identidade constitui uma via privilegiada contra a ameaça ao “desmantelamento” (Op. cit.)

Georges Devereux assegura que os sujeitos desencadeiam ações defensivas próprias e formas de fraudar, no sentido de se proteger, impedindo assim o confronto extremo que os sujeitaria a perder a sua “identidade real” (2009).

Depreendemos assim, que aquilo que acontece atualmente no “embate” com a diferença, nem sempre é vivido pelo sujeito imigrante como uma possibilidade de força, no sentido de lhe conferir poder e conseguir ser (e estar) no lugar que é do outro. Ao contrário, diante da falta de possibilidades de ser, o receio e a rejeição, ao apresentarem-se como constantes, tenderão à convergência dos processos sociais e psicológicos. Ora, o valor negativo aplicado a tudo o que não é igual a si, encontrará suporte tanto “dentro” quanto ‘fora’ do sujeito.

Mas esta identidade, que assegura, à partida, uma harmonia ao nível individual e uma união ao outro, não será algo que permanecerá incólume no sujeito imigrante, ou seja, se ao nível da

relação com o outro a identidade é edificada e reorganizada a partir das pertenças culturais, ao nível individual é imposto ao indivíduo um constante arranjo entre ajustamento e alienação, cujo papel é o de anular ou gerir de forma favorável, para o sujeito, os sintomas ameaçadores que colocam em causa a sua identidade.

5. Filiação e Transmissão Psíquica

Neste ponto, e cumprindo a linha teórica proposta para a compreensão das formas pelas quais o sujeito se constrói e (reconstrói), e atendendo às questões já discutidas sobre como estabelecer o que seria individual e o que seria herdado, onde a subjetividade ocupa um lugar central, parece-nos útil, mesmo que de uma forma abreviada, mencionar os conceitos de filiação e afiliação, uma vez intimamente ligados à necessidade de pertença e reconhecimento dos sujeitos, considerando o seu processo de (re) construção identitária. No mesmo sentido, é importante assinalar que, numa perspetiva multigeracional, parece difícil, mas igualmente interessante, avaliar o impacto que uma geração tem sobre a outra, quando pensamos nos processos pelos quais os indivíduos se constroem, uma vez que cada uma das gerações se organiza em função das transições do ciclo de vida, ou seja, “enquanto uma geração caminha para uma idade mais avançada, a próxima está a lutar com o ninho vazio; a terceira, com a sua juventude e idade adulta, e assim por diante” (Passos e Bertin, 2003). Entretanto, de acordo com Passos & Bertin (2003), os eventos que ocorrem num determinado nível, produzem efeitos nos relacionamentos de cada um dos outros níveis.

Julgamos que é aqui que todos estes conceitos se cruzam, pois os laços que unem o indivíduo migrante à sua família (filiação) e aos conteúdos psíquicos por ela transmitidos (transmissão intergeracional) e à sua comunidade de origem (afiliação), e as transformações que ocorrem através do “corte” (ou afastamento) com essas raízes (crenças, valores, mitos, interditos) no contacto com o Outro – o desconhecido; a forma como é vivenciada essa (s) experiência (s) pelo sujeito migrante, é o cerne do nosso objeto de estudo. Neste trabalho, colocamos a hipótese de uma subjetividade migrante fundada por uma multiplicidade de vias que se cruzam, sendo que o material psíquico herdado no seio da família, nomeadamente das figuras parentais, poderá trazer importantes contributos para a o nosso estudo.

Por afiliação, considera-se assim, o laço que une as pessoas à sua comunidade cultural, seja a de origem ou de acolhimento, que segundo (Pedneault, Ammara, Luong & Rashed, 2006), pode ser considerada “mista”, como acontece no caso dos imigrantes. Uma vez que pode assumir várias

formas (filiação social; filiação espiritual; filiação parental, seja materna ou paterna; etc.), o conceito de filiação é intrínseco ao conceito de afiliação, ou seja, se por um lado a sociedade de afiliação determina o modo de filiação, por outro, a filiação possibilita a pessoa de aceder à cultura dos seus pais e respetiva sociedade de afiliação. O fenómeno da migração coloca assim em causa a filiação e a afiliação, no sentido de poder vir a debilitar a transmissão dos conteúdos psíquicos culturais, colocando até em causa a saúde mental dos sujeitos, através do possível surgimento e evolução de psicopatologias, não só nos sujeitos migrantes como também dos seus filhos (Guyotat (1991, cit. Por Pedneaut et al., 2006).

A imigração é assim, tal como já referido neste trabalho, um acontecimento psicológico que pode ser desorganizador dos referenciais psíquicos e dos laços externos dos sujeitos que a vivenciam, sejam eles culturais, familiares ou sociais, pelo que, neste movimento de “desenraizamento”, as suas forças psíquicas são fortemente mobilizadas para conter e organizar os diferentes níveis de experiência, tidos como essenciais à construção da personalidade (Herbin, 2007). Reforçamos assim, que a passagem/transmissão de conteúdos psíquicos entre gerações terá um papel significativo em todo o processo de (re)construção do indivíduo em contexto de migração. E, a psicanálise, segundo Passos & Bertin (2003) tem oferecido contribuições muito importantes para o estudo da transmissão entre gerações. Refletir sobre a transmissão psíquica significa então pensar no “vir a ser do sujeito”, cuja construção se dá no espaço intersubjetivo das relações familiares; significa pensar também sobre o que nos caracteriza como sujeitos, e como se forma a nossa subjetividade numa realidade psíquica compartilhada, que neste caso, implica observar que certos conteúdos que recebemos do(s) outro(s) também são dados a outro(s) por nós.

A abordagem psicanalítica atribui importância vital à família de origem, como as internalizações dos pais da infância e do modelo parental de relacionamento, e coloca em relevo a capacidade de cada indivíduo relacionar-se e vincular-se. Na teoria das relações objetais o desenvolvimento da capacidade de criar vínculos está diretamente ligada à subjetivação do indivíduo, tal como afirma Gomes e Porchat (2006, cit por Rodriguez & Gomes, 2012). As experiências vividas pela criança/adolescente/jovem, tanto em contexto familiar como em outros ambientes contribuem para a sua formação e amadurecimento até a idade adulta. É dentro da célula familiar que a criança vai passar pelas primeiras experiências de afeto, dor, medo, raiva, e outras, possibilitando a aprendizagem para a sua atuação futura (Pratta e Santos, 2007, cit por Rodriguez & Gomes, 2012),

Nesta linha, destacamos a transmissão na sucessão das gerações, entre as funções do aparelho psíquico familiar, que segundo André-Fustier & Aubertel (1998, p. 133, cit por Passos & Bertin,

2003) remete à maneira pela qual cada família dará à criança as “chaves de acesso ao mundo”. Cada família transfere assim a sua forma de entender e apreender o mundo externo, assim como de organizar o mundo interno. E será a partir desses dispositivos psíquicos que a criança, através das suas interpretações, construirá o seu mundo interno, enriquecido pelas suas próprias fantasias (Passos & Bertin, 2003). De acordo com as autoras, “não se nasce com um livro de instruções, mas com um “*script* um tanto já elaborado” e cada sujeito fará assim a sua própria interpretação do *script* familiar. Acrescentam ainda que “uns irão aprisionar-se nele, enquanto outros poderão tomá-lo como instrumento de libertação”.

De acordo com Passos & Polak (2004), a história familiar precedente serve de base para que o indivíduo retire dela o material necessário aos seus alicerces narcísicos, como vetores da subjetividade. Nesse processo, ele recebe não só uma herança intergeracional organizada, através das vivências psíquicas elaboradas, tais como fantasias, imagens e identificações que têm origem numa história familiar, como também numa herança transgeracional, que consiste em elementos brutos, provenientes de vivências traumáticas, de não ditos (segredos) e de lutos não elaborados. E, justamente, pela falta de elaboração em gerações anteriores é que esses elementos reaparecem assimilados por indivíduos de uma geração atual (Passos e Polak, 2004).

Em Totem e tabu (1912-1913), Freud (cit por Passos e Polak, 2004) aponta duas formas de transmissão do psiquismo entre gerações. A primeira delas consiste na identificação com os modelos parentais, cujo processo está ligado à história do indivíduo. A segunda forma é a “transmissão genérica”, caracterizada por traços mnésicos de relações com as gerações precedentes, sendo que o seu processo refere-se à “pré-história” do indivíduo.

Nos seus estudos, René Kaës (cit por Passos e Polak, 2004), retoma algumas noções freudianas e amplia o debate sobre a transmissão, revelando a importância dos investimentos e dos discursos de antecipação dos pais. Dessa forma, segundo as autoras, as figuras parentais transportam consigo desejos suscitados pelas representações dos seus antecedentes, e tais desejos são projetados nos filhos, que por sua via, encontram nos pais um modelo de identificação.

Kaës (2003) fala da estrutura interna do vínculo intersubjetivo, enquanto matéria-prima, que o organiza de diversas formas, permitindo-nos aceder à interiorização da relação de objeto para a análise das identificações. O autor salienta o papel da identificação introjetiva enquanto processo primário pelo qual o recém-nascido estabelece um vínculo emocional com os seus objetos, enfatizando que é este tipo de identificação que permitira conservar o investimento narcísico e a relação com o objeto na ausência deste. Acrescenta, que falhas na introjeção, que precederiam o desenvolvimento de outras formas de identificação, como a identificação adesiva e a identificação

projetiva, na sua vertente patológica de cariz destrutivo, levariam a confusões de identidade organizando os vínculos grupais, segundo um modo de fusão e não-separação.

Das teorias do grupo e das teorias do vínculo emerge uma questão central que consiste na compreensão do inconsciente, das formações e dos processos que organizam a psique de grupo, e os vínculos que aí se estabelecem. Esta questão mantém-se ainda em aberto, embora as respostas se edifiquem nas investigações que têm sido realizadas nas últimas décadas, que têm por base a análise do retorno do recalcado, das transferências, da formação de sintomas e do discurso associativo. As alianças inconscientes seriam as organizadoras do vínculo grupal e da formação da realidade psíquica própria do grupo e são definidas por Jacques Lacan como as operações de recalçamento, de negação ou de rejeição, efetuadas pelos sujeitos do vínculo, para o benefício de cada um (Kaës, 2003).

Kaës (2005) considera o mecanismo de identificação como uma das bases essenciais do processo de transmissão da vida psíquica entre gerações. Contudo, nesse processo de identificação, o autor observa a necessidade de metabolizar a perda para que o processo de introjeção se realize, porque no seu contrário o que ocorre é uma incorporação, em que *“o sujeito, de um modo mais ou menos fantasioso, faz penetrar e conserva um objeto no interior do seu corpo”* (Laplanche, 2004, p. 238).

Debrucemo-nos agora sobre as contribuições de Heidée Faimberg e de Jorge Badaracco para este tema, que à semelhança dos autores referidos anteriormente, prestam um relevante contributo, para a compreensão do nosso caso.

Faimberg (2006), através da análise do caso Mário, aborda o conceito da transgeracionalidade, nomeadamente no que respeita aos conteúdos e aos processos psíquicos que podem ser transmitidos através das gerações, e, de que forma, estes operam no mundo psíquico dos sujeitos. Através da análise da transferência e da contratransferência, pôde perceber a presença de histórias que não pertenciam ao paciente e que o próprio desconhecia, que se relacionavam diretamente com o seu funcionamento psíquico atual. A *“Telescopagem de Gerações”*, conceito introduzido pela autora, referir-se-ia a esta forma particular de identificação inconsciente, revelada na transferência, em que se verifica no sujeito, a presença de uma história que, pelo menos parcialmente, não pertence à sua geração.

Na sua análise coloca duas questões fundamentais: 1) Como se explicam os processos de transmissão de uma história que, apesar de já não fazer parte da vida do paciente, aparece como constituinte da sua vida psíquica? 2) Como acontece e de que forma prevalece a condição

duplamente contraditória de um aparelho psíquico que parece vazio e ao mesmo tempo “demasiado cheio”?

A autora, baseando-se no conceito de narcisismo proposto por Freud, nas ideias de que a criança pode permanecer prisioneira dos ideais narcísicos dos seus pais e que a relação de objeto poderá ser a herdeira deste narcisismo, defende que, para o reconhecimento da criança como ser único e separado, os pais teriam que eles próprios reelaborar ativamente o seu narcisismo, condição que permite que a criança alcance verdadeiramente o Édipo, reconhecendo a diferenciação de gêneros e gerações (Faimberg, 2006).

Define narcisismo como *“o amor que o ego dirige a si próprio e aos seus objetos, baseado na ilusão de ser o dono e o centro do mundo. Este amor é investido no ego que é amado como um objeto, sendo que este amor e esta ilusão estão ligados à constituição do próprio ego”* (op. cit., p. 31).

Deste modo, o narcisismo necessita de ser aprovado pelo outro, apresentando um caráter contraditório podendo, desta forma, ser tratado como um conflito intrapsíquico. O conceito reclama uma autossuficiência que necessita de um outro para a confirmar.

A relação seria simultaneamente uma relação de objeto e uma relação narcisista. A relação de objeto narcisista não tolera qualquer coisa por parte do objeto, que não evoque prazer. O ego seria o equivalente do prazer e o não-ego, o do desprazer. Assim sendo, quando o sujeito sente sentimentos que não evoquem prazer, tenderá a expulsá-los do ego e quando o objeto não lhe proporcione prazer tenderá a odiá-lo (Faimberg, 2006).

Os pais inconscientes, que aparecem na transferência, revelam-se como algo impresso na realidade psíquica do paciente. Muitas vezes existe uma identificação deste com os seus “pais internos” e deste modo, o próprio sujeito funciona de um modo narcisista.

Faimberg defende assim, a presença de uma identificação alienada ou dividida do ego, na medida em que a sua origem é encontrada na história do outro (op. cit.).

O narcisismo filial seria afetado por uma regulação narcisista de objeto, através das funções que a autora designou de “intrusão” e “apropriação narcísicas”. Na função de apropriação, atribuindo a si próprios, tudo o que amam no filho, apropriam-se da identidade positiva do mesmo e através da função de intrusão, atribuem e expõem para a criança tudo o que odeiam em si mesmos, isto é, o não-Eu, definindo-a pela sua identidade negativa (Faimberg, 2006).

A criança adquire assim uma identidade negativa e identifica-se com estas atribuições negativas e positivas, através de uma “identificação alienante”, que permanece clivada. Esta identificação é

alienante na medida em que não permite o reconhecimento do espaço psíquico da criança, identificando-se esta com aspetos psíquicos que lhe são estranhos, pertencentes a um ou a uns outros que os rejeitam de si próprios. Assim sendo, a história dos pais seria incorporada na história do sujeito, originando o que a autora designa de “telescopagem de gerações” (op. cit.).

A regulação narcisista dos pais internos não permite a criação de um espaço psíquico para que a criança desenvolva a sua identidade, livre do poder alienante do narcisismo dos pais, estabelecendo-se um dilema baseado na lógica ou/ou, o sujeito sente-se possuidor do objeto de forma absoluta ou ao contrário, vive completamente excluído por ele. Não existe uma verdadeira diferenciação de limites, assistindo-se ao que se pode chamar de um psiquismo vazio e, ao mesmo tempo, cheio demais. Seriam os processos de intrusão/ apropriação, presentes na organização narcisista que levariam o paciente a uma adaptação alienante. A autora acrescenta que as identificações envolvidas no processo de telescopagem são realizadas com o objeto e todos os seus atributos, e não apenas com o objeto em questão.

A telescopagem de gerações e as identificações inconscientes alienantes que dela participam, constituem a “dimensão narcísica do Édipo”, sem diferenciação entre o ego e os objetos, onde o tempo é circular, repetitivo. A diferenciação de gerações está ligada, ao contrário da primeira, à passagem do tempo e à diferenciação de gerações, que poderá ser acessível através de um processo de (des)identificação, com a construção interpretativa da análise da transferência (Faimberg, 2006).

A conceção da autora é centrada na relação existente entre o narcisismo parental e o processo de identificação. Para ela, os pacientes identificam-se com o modo de funcionamento dos seus pais internos, que consideram a criança como uma parte deles próprios, privando-a de um espaço psíquico próprio. Nesta organização narcisista é apropriado tudo o que causa prazer, e é expulso tudo o que provoca desprazer pelas funções de apropriação e intrusão (op. cit.).

Considerando que o amor narcisista dos pais pressupõe a apropriação da criança de tudo o que lhes dá prazer, quando a criança se diferencia, será odiada por eles. No caso analisado por Faimberg, existe uma questão adicional, uma vez que o que os pais odeiam na criança é também o que odeiam em si mesmos ideia que, segundo a mesma, já foi defendida por outros autores, como Klein, Winnicott ou Bion. A consequência antagónica é que esta separação tende a desaparecer. No caso Mário, a sua identidade foi determinada pelos elementos que tinham sido excluídos da história dos pais, permanecendo assim ligada a esta história e podendo ser designada de identidade negativa, uma vez que foi constituída através da negação (Faimberg, 2006).

O ego encontra no não-Eu a negação, que determina a sua identidade, sendo assim, uma identidade negativa. A afirmação do sujeito seria construída através do modelo de expulsão, isto é, a negação fundamental dos pais internos. A autora defende que a libertação do controle narcisista dos pais internos poderia ocorrer de duas formas: 1) o sujeito definir-se como o odiado, de modo a conseguir a separação; 2) o sujeito assimila tudo o que é odiado na história dos pais, definindo-se como indiferenciado (Faimberg, 2006).

No caso da primeira forma, a distância entre o ego e o objeto mantém-se, ainda que tenha por base o ódio; na segunda, esta distância que corresponde à perda do objeto, não é estabelecida (op. cit.).

Na mesma linha de ideias, abordamos agora as formulações de Badaracco que no seu artigo “*El Objecto Enloquecedor*”, se debruça sobre os processos de identificação que operariam nos vínculos psicótizantes (Badaracco, 1986). Concordante com as ideias da autora anterior, salienta a possibilidade dos processos de identificação, enquanto elementos fundamentais da constituição e desenvolvimento do mundo psíquico do sujeito, poderem constituir-se enquanto elementos positivos para este desenvolvimento ou pelo contrário, poderem condicionar incorporações negativas que contribuem para a configuração de estruturas patológicas (op. cit.).

Para o autor os processos de identificação promotores de uma estruturação do aparelho psíquico, permitem o desenvolvimento dos recursos egóicos e o crescimento psicológico que se desenvolve maioritariamente de forma lúdica, criativa e reversível. De um estado inicial de dependência para um estado de interdependência recíproca sã, onde se constrói e implementa a dimensão intersubjetiva que, simultaneamente, possibilita a diferenciação entre o Eu e o Outro (Badaracco, 1986).

Ao contrário, as identificações patogénicas obrigariam a uma reestruturação e submissão de outras funções mentais, através da incorporação de elementos que atuam no psiquismo como invasores e exigentes, acarretando grande sofrimento psíquico (op. cit.).

Através de mecanismos de introjeção ou identificação interjetiva, produzidos por invasão e intrusão num ego frágil e imaturo que, não tendo a possibilidade de defender-se, é obrigado a mimetizar-se ou transformar-se no outro, perdendo a sua alteridade e singularidade, constituindo vínculos asfixiantes da espontaneidade, geradores de submissão e paralisação.

Estas identificações patológicas mantêm-se desagregadas e organizam-se como partes clivadas da mente, como “objetos enloquecedores”, passando a formar um inconsciente clivado como sugerido por Freud (cit. por Badaracco, 1986) e assim sendo, deveriam ser controlados por fortes

mecanismos de defesa de forma a ser tolerados pelo sujeito, o que acarreta um grande investimento económico que compromete o desenvolvimento e estruturação do aparelho psíquico.

Através das ideias enunciadas, baseadas nos dois autores abordados anteriormente, pode salientar-se a lógica de conceção do mundo psíquico do sujeito no e com o outro, onde a intersubjetividade se evidencia enquanto fundadora do mundo intrapsíquico, onde os vínculos que são estabelecidos assumem um papel fundamental na forma de organização do psiquismo, e na forma como estes se relacionam nas suas relações com os objetos, externos e internos. O sujeito desenvolve-se no e com o grupo, sendo a família a matriz deste processo.

6. Objetivo de Estudo

Sendo o fenómeno migratório o cerne desta investigação, o qual tomamos como ponto de partida para aceder ao sujeito psicológico no contexto da imigração, e analisar os processos psíquicos associados à experiência vivida, debruçamo-nos sobre uma variedade de considerações sobre o tema, através de vários autores que se propõem a um entendimento mais profundo sobre o mesmo. Assim, tal como considera Scliar (1997) a imigração é um tema complexo refletido numa multiplicidade de questões, como as socioeconómicas, políticas, culturais e, sobretudo, as questões emocionais. Os movimentos migratórios, constituem assim um panorama multifacetado de mobilidade social, que implica ruturas com a bagagem referencial que os indivíduos transportam em si, a qual orienta as suas ações individuais.

Deste modo, o processo de adaptação do imigrante passa por uma complexa reorganização subjetiva na relação, tanto com o velho, como com o novo contexto, surgida das expectativas ligadas ao processo migratório e pelas dinâmicas das suas identificações e internalizações (Trad, L., 2003).

Desta forma, o objetivo deste estudo centrou-se na análise dos processos intersubjetivos numa lógica interpretativa, através da qual se poderá desenvolver um entendimento sobre os processos psíquicos associados à imigração, tal como já referido.

Tendo um carácter qualitativo, o objetivo passa por aceder à natureza do funcionamento e da dinâmica interna subjacente aos sujeitos que vivenciam a imigração, procurando caracterizar e compreender este fenómeno enquanto prática pessoal e isolada, inscrita numa natureza de representação de si em relação com o Outro, ou seja, atendendo à compreensão dos mecanismos psíquicos e dos processos mentais, afetivos e objetivos (relacionais), procura-se compreender a

natureza dos processos de identidade ao nível da alteridade – na relação eu-outro (Devereux, 2009).

Talvez, mais do que situar-nos perante uma demarcação dicotómica entre universalidade e particularidade dos processos psíquicos, ou entre individual e cultural, interessa-nos conhecer e compreender os processos fundados numa subjetividade dinâmica, apreendidos na intersubjetividade das relações filiativas, explorando as ligações e interações com a cultura (Melman (1992); (Moro (1994, 2002, 2003); (Nathan,1998); Bouche-Florin et al. (2007); (Mohamed, 2001); (Pastori (2006).

Compreende-se que o sujeito, na relação de sociabilidade e diferença com o outro, possa formar a sua identidade, permitindo-se ser capaz de distinguir entre a relação de oposição entre si e o outro e, conseqüentemente, assumir a existência de um outro independente e diferente de si. O reconhecimento e o sentido subjetivo de uma individualidade enquanto configuração total, terá origem na forma como é gerada a identidade da criança, sendo que a sua estrutura pressupõe um processo complexo, baseado num sistema de libertação de uma unidade dual (Devereux, 2009). No mesmo sentido, o autor não concebe o estabelecimento de uma individualidade enquanto produto acabado, pois ela é sujeita a uma série de condições não previstas, ao longo da vida, e na ausência de um sentido de uma identidade e assimilação interna estruturadas, as quais deverão ser construídas pela via do tempo e do espaço, fica comprometida uma série de possibilidades, nomeadamente as representações internas que permitem o suporte, não só da impressão das interações reais, mas também do nível de desenvolvimento do indivíduo e da sua vida intrapsíquica, ou seja, os impulsos, as pulsões, as fantasias e os afetos (Op.cit).

Procura-se assim analisar o sentido da delimitação da identidade que o sujeito imigrante apresenta face ao Outro, inscrito numa diferenciação de si e do Outro, no movimento entre relações simbióticas e relações diferenciadas, na diferença e na complementaridade, onde as respostas de si e do objeto refletem a capacidade de relação intersubjetiva do sujeito.

Na impossibilidade deste processo de diferenciação entre sujeito e objeto, procura-se também entender os processos de transmissão psíquica nas vertentes do não elaborado, onde operaria a identificação projetiva, na sua vertente mais negativa, caracterizados por, e baseando-nos nos conceitos de Faimberg (2006) e Badaracco (1986), uma função de intrusão/ apropriação, tendente a vínculos asfixiantes da espontaneidade, responsáveis por uma submissão e penalização, como acontece na telescopagem de gerações. Poderíamos, neste caso, pensar em dificuldades na simbolização, no processo de pensar e no desenvolvimento, decorrentes da não

existência de um continente apropriado, perturbando, desta forma, a internalização de um bom objeto.

A transmissão entre gerações poderá assim conter duas vertentes em si: uma construtiva, que favorece os sentimentos de pertença e segurança, situando o sujeito e o grupo familiar nas gerações. Por outro lado, a vertente do não elaborado que, fora do campo representacional, pode emergir na forma de diferentes perturbações, pela via de eventos familiares traumáticos, vividos por gerações anteriores. Acontecimentos que não foram elaborados e significados, e que persistem atualmente sob a forma dos seus efeitos (Kaës, 2003).

A escolha da metodologia parece adequar-se ao interesse do estudo e aos respetivos pressupostos teóricos, na medida em que as narrativas de livre associação de ideias, através do postulado teórico da livre associação de ideias, procuram aceder aos processos de intersubjetividade e investimento inconsciente, possibilitando a compreensão da subjetividade (Hollway & Jefferson, 2000).

É de salientar que este estudo tem uma enorme pertinência para na área de estudo da psicologia clínica, devido ao acesso ao inconsciente do sujeito, em toda a sua dinâmica e complexidade do Eu, de acordo com a sua subjetividade e intersubjetividade.

7. Tipo de Estudo

O presente estudo inscreve-se nos procedimentos das metodologias qualitativas. Trata-se de um estudo de caso realizado com um participante, tendo por objetivo analisar a vivência subjetividade, na sua condição de sujeito migrante.

Segundo Schramm (1971, cit. in Yin, 2001), "*(...) a principal tendência em todos os tipos de estudo de caso, é que ela tenta esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões: o motivo pelo qual foram tomadas, como foram implementadas e com quais resultados*" (Yin, 2001, p. 31). A metodologia escolhida, tem como objetivo estabelecer uma estrutura de discussão e debate na comunidade científica com os resultados encontrados. O estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real. O investigador detém, desta forma, pouco controlo sobre os eventos, e o foco encontra-se nos fenómenos inseridos num contexto da vida real, sentida e experienciada pelos participantes em estudo (Op. cit.).

Os estudos de caso contam com muitas técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, tendo fontes de evidências que usualmente não são incluídas no relatório do investigador, nomeadamente, entrevistas de narrativas em associação livre. Não existe uma formulação de

hipóteses fixas, e os dados a serem analisados dependem do que se irá encontrar no material obtido, proporcionado pelas narrativas recolhidas (Op. cit).

Os métodos quantitativos e psicométricos, bem como os métodos qualitativos convencionais, fornecem uma parte ínfima da explicação dos fenómenos e das experiências dos sujeitos. Neste caso específico, em que o presente estudo pretende analisar a vivência subjetiva de um sujeito migrante, os referidos métodos, mostrar-se-iam incompletos e insuficientes para o cumprimento do objetivo proposto.

Yin, (2001), faz referencia a um conjunto de habilidades que um pesquisador de estudo de caso deve ter. O autor afirma que muitos investigadores são levados a utilizar a estratégia de estudo de caso, por considerarem ser um processo de pesquisa mais fácil. O autor, diz-nos que esta visão está totalmente errada e distante de qualquer verdade, porque as exigências que um estudo de caso coloca na relação com o intelecto, o ego e as emoções de uma pessoa, são muito maiores do que aquelas que são colocadas em qualquer outra estratégia de pesquisa.

O autor propõe uma lista básica de habilidades que comumente incluiria: a) Ser capaz de fazer boas perguntas – e interpretar as respostas; b) Ser um bom ouvinte e não ser enganado pelas suas próprias convicções, ideologias e preconceitos; c) Ser capaz de ser adaptável e flexível, de forma a que as situações recentemente encontradas, possam ser entendidas como oportunidades e não como ameaças; d) Ter uma noção clara das questões em estudo, mesmo que seja uma orientação teórica ou política, ou mesmo num contexto exploratório; e) Ser imparcial em relação a noções preconcebidas, incluindo as que têm origem numa teoria.

Indo ao encontro da perspectiva de Hollway e Jefferson (2008), quando nos fala da responsabilidade que o entrevistador deve no que toca a ser um bom ouvinte, também Yin (2001) faz especial referência a esse aspeto particular. O autor afirma que o ato de ouvir envolve uma observação e perceção mais genérica, e não se limita apenas a uma “mera modalidade auricular”. Ser um bom ouvinte, nas palavras do autor, *“significa ser capaz de assimilar um número enorme de várias informações sem pontos de vista tendenciosos. À medida que um entrevistado relata um incidente, o bom ouvinte escuta as palavras exatas utilizadas (algumas vezes a terminologia reflete uma importante orientação), captura o humor e os componentes afetivos, e compreende o contexto a partir do qual o entrevistado entende o mundo”* (Yin, 2001, p.82).

Ao explorar os dados, no nosso caso, a narrativa do sujeito, a pergunta a fazer, na sequência desta habilidade de ser um bom ouvinte, é se existe alguma mensagem naquelas *entrelinhas*. Assim,

“ouvintes” desatentos podem deixar cair um sem número de oportunidades existentes nas “*entrelinhas*” (Op. cit).

Face ao exposto, o instrumento escolhido para a formulação do presente estudo de caso foi a Entrevista Narrativa em Associação Livre (FANI).

8. Método

8.1. Entrevista Narrativa em Associação Livre

O FANI é um método conceptual de resposta livre que ao ter por base o princípio psicanalítico da livre associação, permite e facilita que o sujeito exponha o seu “eu-em-relação” de forma livre e verbal num mundo de representações. Utilizada como ponte para o inconsciente, a associação livre de ideias tornou-se a regra fundamental do método psicanalítico. Através dela Freud estabelece, rigorosamente, a “regra de ouro” que define a forma discursiva da clínica freudiana, o seu modo de funcionamento, assim como permite e determina a natureza desse método e do seu objeto de estudo, definido pelos processos psíquicos inconscientes. Com efeito, a associação livre é inerente à psicanálise. É um método terapêutico onde a pessoa não é pressionada na procura de uma lembrança específica. É dada possibilidade à pessoa para dizer o que lhe vier à cabeça. A pessoa é estimulada a ultrapassar as suas limitações e as suas resistências. É livre para dizer tudo o que surge no seu pensamento. O analista deve escutar e interferir apenas para quebrar as resistências do paciente, de acordo com as suas possibilidades. É o paciente que determina o curso da análise e o analista interfere unicamente para o ajudar atravessar qualquer tipo de limitação.

A livre associação de ideias assenta assim no pressuposto de que as motivações e os elementos do discurso estão ligadas por um emaranhado de conteúdos inconscientes e, no exercício de dizer o que lhe vem à mente, a pessoa vai circular nessas “teias”, encontrando significado, naquilo que à partida são elementos isolados.

Desta forma, as ligações entre uma e outra ideia, bem como a forma como são produzidas na relação com o ouvinte, são terreno para a procura do significado emocional (Hollway, 2003). Ao acompanhar o livre curso das ideias, produz-se uma melhor compreensão da relação entre o paciente e os elementos representados na narrativa, numa partilha que conduz ao conteúdo verdadeiramente significativo.

Assim, qualquer Entrevista Narrativa em Associação Livre tem início através de uma questão. Esta instrução, ao mesmo tempo que apela à construção de narrativas, dá espaço à pessoa para que estruture a sua narrativa de forma livre. Hollway e Jefferson (2010) estabelecem critérios básicos para a condução da Entrevista em Associação Livre, os quais já foram referidos neste capítulo: (1) formulação de questões abertas; (2) apelo à construção de histórias; (3) evitar questões de “porquê?”; (4) acompanhar a narrativa procurando ecoar a ordem e a terminologia do sujeito sem interpor conteúdos ao livre desprender de ideias – as intervenções devem surgir apenas como incentivos à continuação da narrativa ou para convocar esclarecimentos relativos a conteúdos carregados de significado emocional colocados pela pessoa no seu discurso.

Na condução da entrevista, o ouvinte deverá assim adotar uma postura de analista bioniano, sem memória, sem desejo e sem compreensão, elementos que reservam o sujeito a uma conceção estática e desvitalizada (Bion, 1962). Ao invés, o ouvinte deve substituí-los por uma consciência meditativa, movimentando-se na atmosfera de uma atenção flutuante em relação ao discurso do sujeito.

Assente nos referenciais teóricos da psicanálise, este método facilita o acesso às dimensões latentes do discurso dos sujeitos e através da disponibilização de elementos interpretativos relevantes. Além das dimensões teóricas que auxiliam a descodificação dos mecanismos subjacentes ao discurso do sujeito, importa ter em conta as noções de transferência e de contratransferência. Em 1912 Freud define a transferência como o deslocamento sobre a pessoa do analista de desejos inconscientes primariamente dirigidos a uma figura significativa. No seio da relação analítica, esses desejos são experienciados como se da pessoa real do analista se tratasse (Hollway, 2003).

Apesar de na situação da Entrevista, por ser única e não-clínica, a dinâmica transferocontratransferencial se encontrar esbatida, ela evidencia-se. Deste modo, um investigador sensível às suas expressões, da sua própria parte e da parte do sujeito conta a sua história, e poderá recorrer a estes dados como elementos da investigação, o que permite complementar a sua reflexividade e compreensão (Hollway, 2003).

8.2. Participante

O participante deste estudo pertence a uma população não-clínica e qualquer pessoa poderia participar neste trabalho, com a condição única de ter tido uma vivência de sujeito imigrante. O Francisco (nome fictício) é um homem que tem 57 anos, nasceu em São Tomé e Príncipe, tendo imigrado para Cabo Verde, de onde são naturais os seus pais, com apenas 7 anos, sendo que aos

16 anos voltou a vivenciar uma experiência de imigração, desta vez, de Cabo Verde para Portugal. Reside presentemente na cidade de Lisboa. Trabalha numa empresa de marcas e patentes, integrado numa categoria profissional designada por “Contínuo”. É também Músico, integrado num Grupo musical que interpreta ritmos e canções de origem cabo-verdiana. Ao nível de habilitações, não completou o segundo ciclo. Tem um filho de 16 anos e está separado da mãe do mesmo, presentemente.

Francisco foi informado sobre o tema e foi-lhe comunicado que teria uma finalidade académica. O anonimato da informação por ele fornecida foi assegurado, e as dúvidas referentes à natureza do estudo foram esclarecidas no final da entrevista.

8.3. Instrumento

A Entrevista foi o instrumento selecionado, e foi usado como método conceptual de resposta livre, o qual procurou compreender o modo de funcionamento psíquico do sujeito traduzido através das operações mentais mobilizadas no decurso da entrevista, inscrita numa natureza relacional entre o sujeito e o psicólogo na elaboração de um espaço intermediário intersubjectivo (Marques, 2001). A Entrevista Narrativa em Associação Livre conduz assim a uma descrição do eu no mundo representacional mediada de forma livre e verbal.

Guiados pelo princípio psicanalítico da associação livre e destinada a recolher narrativas, os dados foram recolhidos com recurso a uma única entrevista, orientada pelos critérios propostos por Hollway & Jefferson (2000;2008). Assim, formulou-se previamente uma questão para dar início à entrevista/narrativa, elaborada com o objetivo de ser aberta, mas tendo em vista o tema do nosso objeto de estudo: “*Gostaria que me falasse na sua experiência de imigração*”. Iniciada a entrevista, procurou-se seguir a narrativa do participante sem interferir com o seu livre desenrolar de ideias, intervindo somente no sentido de incentivar a continuação da narrativa e/ou solicitar alguns esclarecimentos relativos a conteúdos trazidos por si (datas, locais, dados biográficos, etc). Ao nível dos dados sociodemográficos do participante, os únicos que foram obtidos foram os que decorreram da própria narrativa, pois não foram colocadas quaisquer questões nesse sentido.

8.4. Procedimento de Recolha dos Dados

O contacto com o participante foi estabelecido através de conhecimentos pessoais, neste caso, através de um funcionário do ISPA-IU – Instituto Universitário, que amavelmente se propôs a contactar várias pessoas que poderiam estar disponíveis para dar a entrevista, atendendo a que,

preferencialmente, procurávamos pessoas de origem africana, nomeadamente, naturais das Ilhas de Cabo-Verde, que tivessem imigrado para Portugal. Rapidamente foi marcada a entrevista, após resposta positiva do participante, através do já referido funcionário.

Assim, a entrevista decorreu numa sala do ISPA, disponibilizada para o efeito, Após sentados frente a frente, foi explicado ao participante o propósito da sua participação e pedida autorização para a gravação áudio da entrevista, sendo explicado também que tal procedimento apenas serviria para efeitos de transcrição, e posteriormente seria eliminada. Obtido o consentimento, deu-se início à entrevista, que teve uma duração considerável de uma hora e quarenta e oito minutos.

Apesar da simpatia e aparente receptividade, fez-se sentir um certo nervosismo ou ansiedade, sentido pela agitação motora da parte do Francisco, muito embora não seja claro o papel que a própria investigadora assumiu neste sentido, pois o desconforto e a preocupação relativamente aos critérios básicos a aplicar, obrigatoriamente, durante a entrevista, estiveram presentes. No início, logo após a questão/pedido formulada/o, foi sentida uma certa confusão ou dificuldade em iniciar o discurso, devido, talvez, à forma menos clara de se ter colocado a questão, pois onde se colocou o termo “experiência”, deveria ter sido colocado “vivência”, uma vez que remete para a forma como são sentidas e representadas as experiências pelas pessoas. Assim, ao invés de: “*Gostaria que me falasse na sua experiencia de imigração*”, pedido que poderá ter provocado incertezas no participante quanto ao tema a desenvolver, deveria ter sido dito: “*Gostaria que me falasse sobre a sua vivência de imigrante*”. Por este motivo, houve a necessidade de reformular da seguinte forma: “*A sua experiência enquanto imigrante... sendo o Francisco de Cabo-verde, tendo emigrado para Portugal... a sua história, digamos assim... a deslocação da sua terra natal para outro país, desconhecido, à partida...*”. Apesar de ter conduzido, na nossa opinião, a um discurso mais centrado no tema pretendido, voltamos a considerar que a reformulação feita à questão, não foi também a forma mais clara de levar o Francisco a desenvolver a sua narrativa, no sentido proposto. Não sabemos assim se o desenrolar da narrativa teria sido diferente.

Contudo, Francisco foi ficando cada vez mais à vontade e livre na partilha das suas ideias, pensamentos, histórias, pelo que, a certa altura, foi de facto a *partilha* que imperou entre o Francisco e a investigadora, onde se foi criando um ambiente isento de tensão que inicialmente estava presente, dando lugar a um ambiente de cumplicidade, marcado por um diálogo fluido e com muitos momentos de risos. Importa referir, que foi sentida alguma dificuldade em encerrar a entrevista, pois Francisco parecia não querer que terminasse. A sensação foi de que, de facto, a entrevista tinha dado lugar a um diálogo, onde uma longa e silenciosa escuta teve lugar,

permitindo a Francisco mergulhar nas suas histórias, possibilitando-o a um discurso livre, sem que houvesse interferência por parte da investigadora, para assinalar um ou outro ponto, sem crítica ou seleção, ficando o sentimento de que aquilo que inicialmente considerado como uma entrevista, se tornou um acontecimento muito natural, sem inscrição num procedimento formal, onde a relação empática imperou entre dois desconhecidos, apenas.

8.5. Procedimento de Análise dos Dados

A entrevista foi transcrita de forma integral (consultar anexo) e analisada segundo o método de associação livre (Hollway & Jefferson, 2000; 2008), tendo a análise decorrido em dois momentos.

Numa primeira fase, reuniu-se um grupo de intervisão, com sete elementos, onde estiveram incluídas a investigadora e a orientadora, estudantes e profissionais da área da psicologia, para proceder à análise da narrativa. A transcrição foi lida em voz alta, sendo que, à medida que iam surgindo, entre os membros do grupo, aquilo que o discurso invocava, os mesmos interferiam de forma livre, sendo no momento discutidas essas mesmas intervenções. Esta etapa decorreu numa única sessão, cuja duração teve um tempo aproximado de cerca de duas horas. Concluída a análise dos conteúdos que surgiram no grupo de intervisão e aqueles que foram sentidos pela investigadora, como ressonância de algo, foram selecionadas as temáticas da narrativa que sobressaíram como de maior relevância. Deste procedimento resultaram três grandes temas: Identidade (representação do eu e do(s) outro(s); Filiação e Transmissão Psíquica (passagem de conteúdos psíquicos de uma geração para outra).

9. Apresentação e Análise dos Dados

9.1. Análise dos Dados

A análise da entrevista, em consonância com o Método descrito neste trabalho consistiu numa atribuição de significados ao discurso do participante, assente no conteúdo latente da sua narrativa. Desse exercício, resultou a composição do texto que a seguir se apresenta, contendo propostas de significação do discurso do sujeito, seguindo a ordem do surgimento dos conteúdos (entrevista em anexo).

Francisco, 57 anos

Francisco inicia a sua narrativa revelando um afeto maciço sobre a sua história – “ (...) *acho que passei por várias experiências... acho que não há tempo, não há tempo, nem há livro que cabe a história da minha imigração (...)*. Neste movimento, condensa e ao mesmo tempo separa a sua história de migração

em várias experiências, parecendo colocar toda a sua existência nessa mesma história, revelando uma impossibilidade de se situar em tempos e lugares diferentes – (...) *eu passei por tantas... não sei... portanto... na área social, na área profissional, como estudante... o dia-a-dia... não sei agora... experiências há bastantes (...)*. Assim, desde o começo Francisco é claro na sua impossibilidade de se situar no contexto da sua vivência enquanto sujeito imigrante, revelando, desde logo, uma dificuldade em separar diferentes experiências – “(...) *qual a experiência que queria que eu me baseasse? Não sei...*”. Reformulada a questão: “*A sua experiência enquanto imigrante... sendo o Francisco de Cabo-verde (CV), tendo emigrado para Portugal... a sua história, digamos assim... a deslocação da sua terra natal para outro país, desconhecido, à partida...*”, Francisco deixa passar alguma agressividade, dando conta de um desejo de situar a sua raiz em algum lugar, neste caso, São Tomé e Príncipe (STP) – “*Em relação à deslocação, quero corrigir o seguinte: sou filho de cabo-verdianos, nascido em São Tomé e Príncipe... então a primeira deslocação não se deu em Cabo-verde para Portugal, mas sim de São Tomé e Príncipe para Cabo-verde, de Cabo-verde (...)* e de Cabo-verde para Portugal”. Francisco prossegue: “*Portanto a minha imigração... eu posso dizer que já sou imigrante desde feto... já era imigrante... isso para mim... daí eu dizer que tenho uma longa história como... portanto como imigrante*”, dando conta da ausência do sentimento de pertença a um lugar.

Segue contando a história da sua infância, que descreve vivida na condição de adulto, deixando passar uma angústia (que parece acompanhá-lo ainda), reveladora de um forte sofrimento psíquico: “*Desde que me recordo... eu nasci numa roça, em que aos meus 7, 8 anos de idade, os meus pais já me levantavam de cama para acompanhar as roças, (...) até aos meus 9 anos de idade nunca tive um brinquedo... tinha que levantar, ajudar os pais nas colheitas (...)*”. Francisco faz uma passagem abrupta de um sentimento angustiante, para uma lembrança que remete para a sensorialidade vivida com prazer – “(...) *pois tinha que chegar a casa... tomar o banho... não sei se era banho (risos) porque aquilo é... está por debaixo de equador, chove de dia e noite... nós andamos sempre de corpo lavado (risos)*” acendendo a partes de memórias, sentidas como boas. Contudo, a descrição das condições de vida parece ser um assunto complicado. De referir que ele nasce no centro do colonialismo.

Francisco manifesta repetidamente a falta e a ausência de qualquer coisa sobressaindo os sentimentos de desamparo e sofrimento, sempre presentes.

Francisco continua e conta como se perde no tempo quando regressa da escola:

“(...) *quando saía da escola encontrava os militares... na altura nós chamávamos os caçadores... portanto, eram os militares que estavam... então eu vendo a jogar os militares numa cidade a sete, oito km... eu tava... então eu também queria jogar e perdia-me no tempo... (...) cidade até roças, quem se lembra daquilo nos anos 70, não havia iluminação... então, meu Deus... Agora como que eu vou? Como que vou regressar à roça? Como que eu*

vou regressar a casa dos meus pais? Com medo dos bichos... por vezes chegava a bater nas portas das pessoas pedindo agasalho... me deixasse dormir... para o dia seguinte, porque tinha medo dos animais, ou medo de outros consequências e... quando sim, não acontecesse, então tinha de regressar mesmo p`ra roça... à noite! (...)”.

Não deixa de ser curioso que aqueles a quem chama os caçadores são os únicos que lá estão e com quem se permite perder-se no tempo. O medo do regresso à roça e à casa dos pais é referido, invocando a falta de proteção e aconchego – a ausência de acolhimento por parte de todos, é reveladora da sua impotência e da sua imaturidade perante um mundo que é sentido como assustador. Neste momento da sua história, pela primeira vez, a figura do pai aparece “(...) *vendo ao fundo... vendo e vindo... vendo ao fundo um vulto... só poderia ser meu pai, né? Ao encontro do filho... Meu Deus do Céu! (...)*”o meu pai claro... com medo do filho perdesse ou tivesse acontecido algo... *batia, claro*)” revelando a sua ambivalência entre o consolo de encontro com quem o protege, e a angústia da punição. Ele parece também substituir a angústia que o vulto lhe provoca, por um sentimento de culpa por ter infringido a lei (do pai). Uma lei que pune em nome do bem – invocando o Édipo. E, neste movimento de identificação ao pai, evidencia uma clara projeção: “(...) *eu hoje sou pai, eu reconheço. Eu também era capaz de bater (...)*”.

Francisco parece viver a infância, como um período interminável, emergindo do seu discurso uma intensa angústia vivida, produzindo movimentos temporais confusos, observando-se a sua dificuldade em organizar-se psiquicamente: “*desde que me recordo(...) e quando chegava a casa já cansado... cheio da fome... comia na cama... e era assim sucessivamente... diariamente... foi assim ao longo de anos e anos, até que 69 regressámos de vez para Cabo-verde, né?(...)*”.

Ao avançar para CV, realiza um movimento confuso entre o lá (CV), e o cá (PT), parecendo manter vivo cá, o que viveu lá “*Ainda me recordo. Hoje tenbo aqui, estou aqui tão perto, onde paravam aqui os barcos da CNN – Companhia Nacional de Navegação... a ultima viagem... (a de STP para CV, ou a de CV para Portugal ?) portanto... parece que foi no dia 31 de outubro de 69... foi num barco chamado Quanza (...)*. Continua, e relata o que parece ter sido vivido como um choque emocional e sensorial: “(...) *Quando chegamos a Cabo-verde... (...) vendo uma ilha deserta... uma ilha toda seca... eu disse: Meu Deus, onde é que nós estamos? (...)*” . Ele exterioriza o choque perante o que lhe é estranho Antes (STP) era mau, mas agora parece ser pior (CV): “(...) *Na altura tinha 9 anos de idade. Disse: Nã... pai, pai, mãe, mãe nã! (...)* eu tenbo de voltar... eu quero voltar! Tenbo de voltar para a ilha... eu não conheço isso! (...) *um calor intenso e... tudo cheio de pó... Eu disse: “Ai Meu Deus!” – Aquilo foi terrível p`ra mim!(...)*”. Perante o desconhecido, Francisco parece perder a estrutura. Emerge a urgência de recuperar o conhecido. Francisco evoca o desamparo, dando lugar à angústia, com manifestações sintomáticas, pela impossibilidade em localizar-se perante a estranheza.

Pela primeira vez, Francisco fala do outro: “ (...) *Foi terrível para me adaptar... foi muito terrível para nos adaptar. Todos os dias agente chorava (...)*”. Até aqui, não existia o Nós, o que poderá ser revelador de um distanciamento afetivo em relação aos restantes membros da família, nomeadamente os irmãos. Questionamo-nos: Porque suprimiu a sua existência em STP? No mesmo movimento, é ele (a criança) que tem que se adaptar (conformar) à a situação penosa – “ (...) *e portanto, na altura, era eu - o Francisco, o meu irmão... hummmm... era eu mais três... portanto... eu mais três... foi terrível! (...)* *Mas pronto! Com o tempo... criança tem que se adaptar.*”

Repetimos: “*Terrível para se adaptar? Disse?*”. E logo Francisco realiza aquilo que parece ser sentido como terrífico na ilha seca e cheia de pó em contraste com um certo paraíso (natural), que é STP, anunciando um sentimento clivado entre as ilhas, parecendo procurar um compromisso que o mantenha nos dois lugares:

“Foi terrível por causa... p`ra já, os mantimentos... na alimentação não tinha nada... Em termos de frutas, Cabo-verde..., ... porque são São Tomé por natureza... São Tomé e ilha de Príncipe, por natureza... Sabe que aquilo chove diariamente... daí que se diz que o povo de São Tomé é malandro. Porque a natureza também ajuda. Quando chove tem tudo. São Tomé, agente não precisa cavar para ter uma batata, nem uma mandioca, nem ... aquilo é espontâneo (...) daí que eu dou a razão ao povo de Cabo-verde, que o povo de São Tomé não quer trabalhar... porque a natureza oferece... e quando se diz que o povo cabo-verdiano é trabalhador... Sim! É trabalhador... mal de si se não trabalhasse muito, morria então!”

Apresentam-se aqui dois tipos de lógicas: clima e condições das ilhas, onde numa habita o paraíso (STP) e noutra habita o deserto (CV). Ele passa do discurso da ilha em más condições, para a ilha cheia de tudo. Contudo, a posição de base é penosa, e reconstrói a cena de STP quando chega a CV. Ele depara-se com uma outra realidade, mas mantém a sua posição de base: a angústia da não pertença e do desamparo.

Mantendo-se num movimento ruminante entre o contaste das ilhas, aparece algo novo – a lógica do acolhimento (CV):

“ (...) foi difícil, pois quando chegamos a Cabo-verde, o meu pai, ou os nossos pais, na altura... a habitação era tão limitada, (...) nós tínhamos que deitar na casa duma avó... Mesmo assim na nossa avó, tinham vizinhos... tinham vizinhos que partilhavam partes de casa na qual nós deitávamos... Daí que tem... ou que havia, uma tradição que chamava Morabeza. É isso! É partilhar, que em cabo-verde... na altura, partilhava-se tudo que agente tem partilhava-se em tudo. Na educação, na saudação... em tudo partilhava-se...”

Em CV faz referência a um quadro social de apoio, mas revela-se estrangeiro:

“ (...) não sabia falar crioulo... para falar com as crianças... mal percebia, e nós tínhamos uma maneira de conversar, e gozavam muito connosco... “he pá lá... tão os vindo lá de sul”(...) “lá vieram de sul”... até hoje tenho um irmão que é o “Sul”! (...) Nós achávamos que eram mais rebeldes... Gostavam de guerras e não estávamos habituados... Eu então, sofri muito!”.

E entre divagações sobre o que era, mas já não é (em todos os lugares), faz referência a um lugar novo, onde fixou memórias de um vivido, sentido como bom: *“(...) já tive na ilha da Madeira... a maneira e o procedimento de receber as pessoas... é o respeito!”* - Um lugar onde se sentiu (sente) “respeitado” – onde o outro o vê, e ele acede a uma imagem (positiva) de si (idealizada?)

Novamente, num movimento abrupto, Francisco retira-se do que vai dizendo (de lá – CV) e coloca-se no “aqui e agora”, referindo-se a si mesmo, num movimento confuso, sobre a forma como se vê como indivíduo:

“ Até hoje posso dizer... Eu não sou um homem tímido. Eu vivo mais pelo respeito... O respeito para mim acima de tudo... Eu não sei se sou um homem tímido ou se sou um homem respeitador, porque timidez chega a uma altura que todo o homem perde a timidez! É verdade! Há momentos que o homem (risos) é obrigado a cometer besteiras porque senão não se safa...”.

É notória a sua necessidade de aceder a elementos/ características que lhe confirmam uma individualidade – Um Eu com qualidades. No entanto, no seu discurso pobre, duvidoso e confuso sobre si, deixa clara a sua confusão identitária, e as dificuldades em diferenciar-se e ter um sentido de si.

Ao longo da narrativa é notória a sua ruminação, em tentativas (mal conseguidas) de aceder a um referencial identitário: *“(...) só que hoje, é um novo procedimento... Mas é o respeito! Não havendo respeito, não havendo disciplinas e regras o homem jamais...”.* Hoje o mundo é diferente, mas é lá atrás que ele permanece – num lugar e num tempo onde as regras e as disciplinas tinham lugar (em STP e CV), de onde trouxe, e mantém cá (PT), o que apenas parece existir dentro de si – o DEVER de cumprir as regras e as disciplinas – porque só por essa via o homem (ele) pode existir – encontrando assim uma solução de continuidade.

Surgindo o que parecem ser manifestações de uma angústia incontida, Francisco diz: *“(...) porque eu não sou obrigado a ser um doutor, eu não sou obrigado a ser um enfermeiro, um piloto... um arquiteto, porque não tive possibilidades...”.* As suas palavras mostram bem, o quão dolorosos são os seus sentimentos de “não-ser”, mostrando as suas impossibilidades de aceder a uma imagem de si positiva, que o permita identificar-se com o “outro”, que não lhe é acessível – porque essas

possibilidades foram-lhe/são retiradas, primeiro lá, e depois cá. De lá, ele já trouxe (todas) as impossibilidades (de ser).

O discurso adensa-se, e par das suas impossibilidades, surge, novamente, a confusão identitária, que o impede de atribuir também ao(s) outro(s) uma identidade que os diferencie e lhes dê um lugar (também na família): “(...) nós eramos 5 filhos... eu, o Francisco, o meu irmão... hummmm... era eu mais três... portanto... eu mais três (...) e ainda continuamos a ser 5 filhos... o nosso pai... ou seja... os nossos...”.

Depois de deixar a marca, na sua narrativa, dos vividos penosos e de todas as “coisas” terríveis pelas quais passou, parece querer fechar a história de CB, e prossegue: “Assim se foi sucedendo até aos meus 16 anos de idade... então deparei-me sempre com essas dificuldades”. É neste momento da sua narrativa que inicia o discurso de uma nova mudança, dando conta também da situação política que se vivia na altura – o período colonial:

“cheguei a pertencer a Nova Mocidade Portuguesa! Terrível também! (...) no fim do ano tínhamos que repor as mesmas fardas de mocidade... Então no final... o que é que se passa? Eu sempre tive curiosidade e estimação pelos animais... isto é... os pássaros! Porque em São Tomé muitos papagaios, muitas rolas... Então chego a Cabo-verde... he pá... ao menos um casal de pombos eu queria ter aqui... Gozavam muito comigo! Mas é o que mais aprecio. É o pássaro! Por causa da sua liberdade... as suas cores... espontaneidades... eu... peguei farda da Mocidade (...)”.

Ao mesmo tempo, o discurso reenvia-o a STP - num movimento contrário à situação terrível – onde se voa livremente, existem cores e espontaneidade – Passa de um contexto de guerra para o paraíso. Francisco prossegue, após uma digressão pela experiência da Mocidade Portuguesa, e desenvolve a história da sua vinda para PT:

“ Aos meus 16 anos, então disse ao pai... “Ho pai, tu tas a sacrificar muito... é verdade – nas férias de minha escola eu ia ajudar o meu pai num estabelecimento... era um estabelecimento chamado “Adega do Leão” na cidade da Praia... então eu ajudava... nem tempo para ir à praia, porque tinha de ajudar o pai... é porque o dinheirinho que eu recebia... era para ver se desse para comprar caderno, um lápis... um tostão no bolso para no intervalo comer também uma bola de Berlim... uma bola com creme! Nunca tinha comido... aquilo fazia uma grande confusão! Muita dificuldade!”.

Novamente, o discurso foca-se na dificuldade e na falta de tudo em CB, até conseguir recomeçar, pela segunda vez, a história da vinda para PT. Este movimento dá conta, novamente, da sua impossibilidade para entender os acontecimentos e as experiências. Ele sai da escola, vai para a Mocidade, é expulso, depois vai ajudar o pai, mas o dinheiro é para comprar o lápis e os bolos

que ele nunca tinha comido. Tudo aparece como um conjunto de experiências condensadas e mal compreendidas por ele.

Francisco, retoma a posição de sacrifício e sacrificado, “(...) talvez a vida tornaria mais fácil, porque é menos um na família.... Menos custo! E lá ganha-se “Ho pai! Nós somos tantos na família (...) Então tentei convencer o pai. “Ho pai... se me deixasses viajar... (...) Eu quando me recordo até vem lágrimas aos olhos... a mãe chorava, o pai chorava e eu... dizia: “Eu vou tentar!””.

Começa assim a contar a história da sua partida de CV para PT, com assento nas dificuldades, e de novo, descreve um choque no encontro com o novo mundo: “Lá vem o Ferrando para Portugal. Sozinho! Eu não sabia o que era o frio! A minha vida era ao sol... aquele calor intenso... até no Natal há sempre aquele sol (...)”.

A partir deste ponto da sua narrativa, Francisco inicia uma “viagem”, na qual é levado e enviado, de lugar para lugar, de uns para outros. As dificuldades reaparecem e Francisco faz o mesmo movimento de sempre: “ (...) eu sabia lá o que era frio... Hooo meu Deus do Céu! Quando chego ao aeroporto, elas 7 da manhã... eu disse: “ Não. Eu não (...) ... chorava... Eu queria voltar no mesmo avião (...) Chorava ao meu pai e há minha mãe (...) ”. Repetidamente, ele coloca uma sobrecarga emocional penosa, e isto é mal vivido por ele. Os tempos e as experiências são confusos e isso explica as condensações. Cada chegada a um sítio leva-o ao sítio anterior, revelando um modo de funcionamento – o novo leva-o ao antigo. Era a aridez da ilha e agora o frio – a falta de aconchego. Tudo é muito sensorial.

Francisco continua na mesma lógica quando chega ao novo destino, sendo levado por “eles” – que nunca sabemos quem são – apenas alguém que o leva: “ (...) Ali pronto! (...) pensava que ia morrer... Trouxeram-me um sobretudo... Deitei-me dentro daquele sobretudo 3 dias. Eu não conseguia levantar de cama... com frio. Deitei-me 3 dias. Eu quando acordava, sonhava, acordava... pensava que estava em Cabo-verde... chorava todos os dias... Ai meu Deus do Céu! Eu vou morrer aqui!”) Novamente o sensorial é sobre investido face à solidão. Condensa tudo mais no sensorial – o frio, o calor, algo mais colocado no físico, muito mais do que na experiência. Ele não explica as coisas. Fala delas sem grande explicação, evidenciando a sua dificuldade em representar os seus vividos, pois não os compreende. Esta nova experiência em PT reenvia-o de imediato para as roças em STP:

São pavilhões, e pavilhões e pavilhões (...) as fezes das galinhas (...) Eu não estava habituado... alergia... comecei a ter mesmo problemas gravíssimos (...) Transportar sacos de farinhas (...) 50 kg às costas... Na altura, 30 a 50 kg às costas... 16 anos, e eu tinha que fazer aquilo... A sério! Eu pensei... Acho que estou no fim do mundo... Acho que vou morrer sem ver meu pai e minha mãe e meus irmãos...(...) numa semana,

mandava 2, 3 cartas para Cabo-verde... a solicitar que me mandassem buscar de novo, porque eu já não podia mais”).

Algo que sobressai, é não dar nome às personagens que o acolhem, mas que o escravizam; que o levam e trazem de lado para lado: “ (...) são cestos e cestos de frangos que **eles** matavam, (...) **eles** eram fornecedores diretos (...) **faziam** carruagens em São João das Lampas... (...) depois, tinha de recolher aquilo tudo outra vez, para voltar a por (...) **eles** lá me libertaram. É que eu estava ali dentro como se fosse um escravo. Eu não podia sair (...) Mas **eles** sempre disseram: “Vai, mas tem de voltar!”).

Francisco, ao não dizer quem são estas personagens, não lhes dando uma identidade, parece retirar-lhes as qualidades para sobreviver às experiências penosas a que o sujeitam. Não referir, não dizer, impossibilita o sujeito na sua subjetividade e logo na intersubjetividade. Ao não dar identidade a estas personagens que o escravizam e o aprisionam, Francisco vê-se impedido da palavra substituir a vivência. Calar, parece preservá-lo da vivência traumática, mantendo-a intacta e incontestável, e assim inacessível ao Outro, aparentemente sob o seu controlo, podendo ter, também, uma função de recusa a uma realidade vivida.

Por entre histórias que se vão sobrepondo, e temas que se vão ramificando, e entre comentários através dos quais vai dizendo o mesmo e o seu contrário, Francisco reporta-se às mesmas questões: o contraste entre lugares; o mau, que face ao novo, é bom; o bom, que face ao antigo, é mau; o choque com o novo que o leva ao antigo; o desconhecido que o leva de volta; a condensação de tempos e espaços; um Eu sozinho e desamparado, sacrificado e escravizado em todos os lugares; um Eu que obedece a personagens sem nome; Um Eu que é, mas não é.

De destacar, é uma expressão que usa, quando encontra pessoas, que para ele representam a salvação (as pessoas da comunidade e a madrinha): (“*Lá não podes ficar! Tu voltas e vais dizer que vens para nossos pés. Assim o fiz.*”); (“*procurei a minha madrinha Elisa (...) Ela disse: “Filho, tu vens para os meus pés. Quando fui para os pés dela, então... OK! Já estou melhor*”). Impressionante esta expressão que ressoa à submissão (ir/vir para os pés), figurativa de um sentimento de inferioridade e sujeição, que é representado por ele como acolhimento e aconchego. Neste mesmo sentido, são vários os momentos na sua narrativa, onde aparece na condição de ter que se submeter, como se de um escravo se tratasse: (“*Depois **eles** também, com a educação que eu apresentava, me convidavam para casas... eu ia, davam-me conselhos. Chegava hora de recolha, e eu tinha de me recolher... Chegava a hora das minhas obrigações, tinha de cumprir... Pronto!*”). Ele obedece, porque é educado, e logo é acolhido. Prosseguindo, Francisco fala, exaustivamente, de uma doença que contraiu em PT, devido à sua primeira experiência de trabalho:

Mas já ali comecei tão mal(...) surgiu-me uma perfuração no estomago... (...) era só chorar de dores... Que havia de fazer? (...) Mas também como eu vim de um lar, em que o meu pai tocava instrumentos... mais o cavaquinho.... Iam muitos músicos lá a casa. Desde pequeno encontrei instrumentos em casa. Meu pai não deixava pegar instrumentos, mas eu pegava...touvava com os dedos... às vezes partia uma corda e batia tanto, o pai... “Francisco, quem mexeu?” Fui eu, pai! – o pai nunca queria que eu tocasse.

É impressionante esta passagem de uma perfuração do estômago para os instrumentos musicais. Quando está mal vai buscar algo que lhe foi interdito lá (na casa do pai) – algo de lá, da terra e do lar de onde veio. Isto era mau lá, porque o pai batia, mas fica bom cá, para ultrapassar as dores (“E eu vim. E quando eu vim, vim sempre com aquela doença... aquele bichinho no interior musical...”); (*Eu pegava na minha guitarra e ia para a praça, tocar, tocar... e tocava... e era a minha terapia para passar a dor...*). Quando ele veio, ele trazia a doença, que podíamos ler como um representante das suas raízes, que cá o acalmam e apaziguam.

O seu discurso continua num vaivém, onde os acontecimentos aparecem de uma forma confusa no tempo, que apesar de difíceis de significar objetivamente, vêm testemunhar, sobretudo, a confusão que habita o seu mundo interno. Contudo, chega um momento da sua história em que, perante o receio de morrer na operação, decide visitar o pai em Cabo-verde (“*Eu vou ser operado e sou capaz de morrer... já não vou ver meu pai*”). *Eu disse: “ Não!”*. Ele apenas refere o pai, excluindo a mãe e os irmãos, o que nos leva a considerar que Francisco tem uma ligação apenas a este pai, apesar da mãe e dos irmãos aparecerem, mas com pouca ressonância afetiva. A mãe, o pai e os irmãos choram quando parte para Portugal e quando regressa a CV, mas é o pai a figura a quem parece liga-se afetivamente.

Prossegue, e faz um movimento claramente projetivo. A carga afetiva é colocada no encontro com os pais e os irmãos, sobressaindo, o seu desejo de ser acolhido e sentir-se amado pela família, que até aqui nunca é invocada num registo de afeto: (“*Precisamente no dia em que saí de CB, 6 anos depois, sem dizer nada, cheguei a casa. (...) Era choro... a mãe e o pai, os irmãos... nem acreditaram! Choravam, choravam...*”).

Neste ponto, Francisco parece bloqueado, e interrompe a entrevista (“*Não tem um lenço?*”), dando conta do seu estado emocional. Ele não contém a angústia e a entrevista é interrompida por iniciativa da investigadora (“*Não tenbo, mas posso tentar arranjar... vamos interromper um pouco.*”), com o acordo de Francisco (“*Sim, por favor.*”). Ele fica sozinho alguns minutos, e retoma o discurso e remete para um novo acontecimento, que identificámos como algo de novo, pois dá conta de um ponto de viragem – pela primeira vez, ele aparece na imagem de um homem forte e poderoso: (“*...e depois ia tocar para uma disco chamada “Lontra”, porque eu queria dinheiro para voltar a visitar os meus*

país. (...) pensava que podia... Tinha vinte e tal anos... Era um homem possante... um jovem possante...). Finalmente cresce- Ganha dinheiro e torna-se um homem possante. Ele evidencia bem a sua representação sobre aquilo que faz de um menino um homem, evocando assim o tema da transmissão. É também neste momento da sua história que, pela primeira vez, não ouve os conselhos e decide por ele próprio.

Perante a possibilidade de uma nova mudança, ele decide agir como um homem possante que deseja ser: “(...)Mas eu não ouvi conselhos (...) e apareceu um individuo (...) Me disse: “Hooo Xico... que tal se nós fossemos até à Ilha da Madeira aventurar? Eu disse: (...) Está bem. Ok! Então eu vou!” ”.

Apesar de, nesta altura, ele se tornar um homem possante, novamente se depara com as dificuldades e a situação penosa, atualizando o passado: (“Quando lá cheguei não tinha um sítio para dormir, não tinham nada (...) Onde vou ficar? (...) Quando cheguei, eu vi logo que aquilo... deitado ao pé das grades das cervejas, eu vi logo... Ai Meu Deus do Céu! Outra vez!”).

Mas entre a coisa má que volta encontrar, ele invoca algo bom: (“Musica africana. Nós é que levamos a música africana para a Madeira, na altura (...) Pra mim, é a minha segunda Ilha...”). Talvez por isso ele considere aquele lugar a sua segunda Ilha. Ele leva “algo de si” para lá. E mesmo continuando no registo das dificuldades, ele encontra espaço naquele lugar para ser um homem possante: (“Já ganhávamos 40 contos. 40 Contos cada um, na altura, já dava para pagar um quarto para deslocar daquela vida”). Prossegue num movimento idêntico, mas agora ele invoca uma identidade cultural e social de forma manifesta, dando conta de um sentimento afiliativo, e também de uma imagem de si, que nos parece idealizada, no lugar a que chama a sua segunda ilha:

(“...e tive um convite para ir jogar para um clube regional da madeira (...)Eu vou tentar!” Sabe? Nós temos sempre aquela queda... é a música, é desporto... é Africa!”); (“o Xico passou a ser o miúdo... o black muito conhecido na Ilha da Madeira... O Xico é o Xico. O Xico, tanto pode estar no Hotel Charenton, como pode estar no “On the rocks”, como pode estar no “Neandertal”... nos melhores Hotéis, com os melhores músicos, o melhor cinema (...); (“O Xico é reconhecido até hoje. Quando vou à Madeira ... se disser que vou à Madeira, tenbo alguém à minha espera no aeroporto com uma viatura e com uma casa posta para o Xico”).

A certa altura, Francisco fala do “mau caminho” e do “bom caminho”, para nos falar de duas formas de vida. O mau caminho é representado através de uma vida fácil e criminosa, e o bom caminho, representa como vida penosa, e na qual se situa e coloca o(s) seu(s) valor(es) filiativos:

(“o bom caminho... é o caminho é aquele que nós nunca deixamos o rasto de... de destruição... na nossa má imagem. E um rasto de más ações. Temos de evitar no bom caminho todas as perseguições e todas as tentações. É muito difícil. E esse é o bom caminho. Aquele que nós chegamos ao objetivo lá em cima. Mas esse é muito difícil.

Temos de resistir. Sabe que o bom caminho, é o caminho da luta. Para mim é o caminho da luta...”; (“O mau caminho é sair dali fora...” (desviar-se do bem?) “Ser solicitado (para o mal?) e logo ... uma tentação! (o interdito?) Não resistir à tentação, que é o mau caminho. Esse mau caminho pode ter pernas curtas”); (*A verdade é que eu posso atingir o objetivo facilmente e poderei não atingir... Não sei. Eu mesmo atingindo esse objetivo nunca a minha consciência é tranquila, porque tudo o que se consegue, também facilmente acaba. Ou acaba a vida, ou acaba aquela boa obra, ou acaba agente. Aos meus 57 anos de idade, até agora eu ando de cabeça levantada. Não há ninguém que me aponte o dedo*)”.

Ao aproximar-nos do final da entrevista, reenviamos Francisco para STP e CV: “E Cabo Verde e São Tomé?”. É exatamente neste ponto da narrativa que conseguimos compreender com maior profundidade o que levou/leva Francisco a representar o mundo e as experiências da forma como o faz exaustivamente. Francisco responde:

“O meu pai chegou um dia a Cabo-verde... Em 1947, o livro que Miguel de Sousa Tavares escreveu, em 47 o meu pai passou por aquilo. No tempo do Gorgulho. Ele tinha 11 anos de idade e foi uma das razões que me obrigou deixá-lo aos meus 16 anos. Porque quando... ele às vezes passava-se... por isso eu digo... não devemos estar sempre a pedir, porque um dia o pai passa-se... e sem querer pode mandar uma frase mais picante... uma frase que nos choca e se nós tivermos a consciência, se nós sentirmos, temos de tomar uma decisão. E foi a decisão que eu tomei. O pai dizia: “Pa..., desculpa lá, mas aos teus 12, 13, 14 anos, já devias fazer assim, e assim e assado... enquanto eu, teu pai, aos meus 11 anos, fui senhor do meu nariz. Fui homem aos 11 anos de idade. “Mas como pai? Como foi possível?” - “Por causa de necessidade, obrigou-me a fugir...”. Ele fugiu de CV tinha 11 anos de idade... Apareceu-lhe uma pessoa que lhe disse... olha eu vou para São Tomé, se fores também... e o pai fugiu de barco. Fugiu de barco... pronto! Entrou num barco que agente na altura chamou de lancha ou batenão, com uma lata e entrou e desapareceu de casa, até... olhe... aos 11 anos saiu de casa, sem mãe, sem pai, sem ninguém no meio daquela mata toda. Ele quando dizia-me aquilo, servia como exemplo... “Não... Se tu foste Homem aos 11, eu também posso ser Homem. E fui responsável aos 16 anos...”).

Através desta descrição impressionante, Francisco revela os motivos que o empurraram para uma maturidade que não tinha. Francisco não escolheu partir. Foi o pai que o mandou embora. Ele fala de um livro escrito por Miguel Souza Tavares, que pensamos ser o “Equador”, cujo tema é a vivência dos colonos de STP nas roças de exploração de cacau. Ele diz que o pai passou por aquilo no tempo do Gorgulho, que segundo conseguimos perceber através da obra, posteriormente, se tratou de um massacre a mando de um governador português que escravizou os nativos, sujeitando-os a condições brutais de tratamento. Um cenário de pura escravatura, que Francisco conta ter sido vivido pelo pai, e que parece ter sido incorporado por ele, como fazendo parte da sua própria história. Ele é fruto desta vivência, até porque ele nasceu numa roça e é a

marca de “escravo” que parece transportar consigo. Este momento da narrativa é revelador de um sofrimento que Francisco carrega consigo, com origem na história do pai. Um sofrimento que nos parece inteiramente relacionado com o uso de um sistema defensivo que aplica nas suas representações e afetos ao longo de toda a narrativa. Toda a história reverte para as representações que vai tendo das situações. Na sequência, Francisco volta e evocar o tema da transmissão, recorrendo à relação com o seu filho:

“Isso não acontece com o meu filho de 16 anos... (curiosamente a idade em que foi responsável) ... ele vai fazer 16 anos e só pede computador... só pede ténis de marcas, só pede... é triste dizer isso. Eu quando tento cativar isso na cabeça do miúdo, o que é que a mãe diz? A mãe diz: “Tu não podes meter na cabeça do miúdo o teu passado”. Mas eu não sei se é verdade. Se não deverei dizer isso ao meu filho. Eu acho que devo dizer isso ao meu filho para mostrar que a vida não é só estender a mão. A vida tem vários procedimentos. Tolerância, sacrifício, a benevolência, a esperança, esforço... a vida...”

Francisco releva uma impossibilidade de compreender uma realidade diferente, talvez porque a sua herança psíquica não o permita. Os conteúdos traumáticos que transporta consigo são elementos constitutivos do seu sistema de representações, que ele sente que deve passar para o filho.

Por fim, quando se refere a CV, ele diz:

“Em relação a CV tenbo ido... Fui há dois anos... Quem poderá falar de CV melhor que eu, são aqueles que lá habitam, porque eu quando vou, vou com uma mente e quando lá chego, na minha ótica, na minha maneira de ver, falar e sentir, só eu é que sei... (...) em relação a nós, aquilo não está a acontecer... Primeira coisa é a educação. A segunda é a segurança das pessoas. (...)já não consigo! Não é a mesma coisa. Eu se for a CV agora (...) bastante criminalidade. Isto é, a nossa Ilha de Santiago (...) Eu sinto muito... Miúdos, mas são crianças de 9, 10 anos que já andam de armas empunhadas... Eu sinceramente... eu não acredito! Não acredito! (...) Não há ensino, não há trabalho... Eles querem algo. Mas algo como? Como é que se pode ter algo na vida? Têm de se preparar e às vezes fazer aquele caminho difícil. O caminho fácil é isso. O fácil é isso! É assaltar as pessoas. É tirar vida. É pancadarias. Isso é caminho fácil.”

Ao referir-se a CV, Francisco parece aproximar-se e separar-se ao mesmo tempo, enquanto filho da terra. Por um lado ele diz que já não é de lá, mas não consegue deixar de ser. CV ficou um terror, quando antes foi de lá que trouxe a morabeza – a saudação que cá pratica, mesmo quando fica difícil. Francisco coloca e retira qualidades de lá e de cá. Ele é de cá quando aqui é bom, e é de lá quando aqui é mau. Quando lá fica mau, é aqui que ele pertence. E quando não pertence aqui, ele vai buscar lá.

Por fim, atendendo a que o acesso à subjetividade de Francisco se fundou na relação estabelecida entre entrevistado e entrevistador, à semelhança da clínica psicanalítica, nas relações de transferência e contratransferência (Hollway & Jefferson, 2000), o sentimento que a entrevistadora (E) teve durante todo o processo, foi de que Francisco pareceu a todo o tempo, dar uma imagem de si, fundada em valores de respeito pelos outros, nomeadamente pela E, através de pequenos gestos, como afastar-se, fisicamente, quando sentia que estava demasiado próximo da E, pedindo desculpa, várias vezes, sem que as ocasiões o justificassem. A própria postura de Francisco, mais no início da entrevista, revelava uma rigidez corporal, assente numa certa formalidade. Contudo, esta também foi a postura da E, também no início, a qual poderá ter sido assimilada por Francisco, e o tivesse levado também a reproduzir essa mesma postura, postulada pelo fenómeno da contratransferência. A agressividade manifestada por ele, após a reformulação da questão inicial, talvez tivesse sido provocada por este distanciamento adotado pela E, inscrita talvez no mesmo fenómeno. A verdade é que o momento foi tomado pela E como uma ocasião formal, que se foi dissipando pela segurança por si alcançada no decorrer da entrevista. Também a descontração de Francisco foi tomando lugar, acabando o momento por se transformar numa conversa simples entre duas pessoas (subjetividades), suprimindo possíveis sentimentos, de ambas as partes, de uma certa desigualdade de posições perante o momento. Outro aspeto a apontar, foram os sentimentos introjetados pela E quando Francisco falava da sua infância penosa, talvez inscritos numa certa identificação a alguns aspetos da vida de Francisco. Todos os gestos corporais e expressões de sofrimento manifestadas pela E, revelados pelo desconforto surgido dessas mesmas identificações, tivessem sido sentidos por Francisco, levando-o a falar de si de uma forma mais aberta e livre, por se sentir acolhido e ouvido. Esta experiência foi sentida pela E como um momento que lhe provocou angústia em muitos momentos, os quais, decerto, não passaram despercebidos a Francisco, e motivo pelo qual não sabemos, que influência poderá ter tido as exteriorizações de angústia da E em todo o processo, ou seja, na forma como Francisco foi relatando a sua história. No final, após a gravação, Francisco reproduz com a E o que em momentos na sua narrativa, é sentido como uma movimento de serviço ao outro. Ele diz: (*“...o importante é estar aqui a falar consigo, sem segundas intenções e sem querer nada em troca...apenas para conviver e conversar consigo (...) não sei bem o objetivo desta entrevista...”*). A E pergunta: (*“Então, porque aceitou?”*). Francisco responde: (*“Porque deve ser para algo importante”*). Ele transfere para E a mesma lógica de funcionamento manifestada na narrativa.

10. Análise dos Grandes Temas

10.1. Identidade

Representação Eu/Outro. Ao longo da sua narrativa, Francisco fala, quase exclusivamente sobre si mesmo – as suas vivências em vários lugares e em diferentes tempos, mas não em si enquanto Eu – Eu Sou e Pertença. Os outros aparecem quase sempre sem uma identidade definida. São várias as histórias que Francisco descreve, sem que seja atribuída uma identidade às personagens da sua história. Eles chama-lhes “eles” que nunca chegamos a saber quem são. Não têm rosto nem nome. Apenas percebemos que são personagens que o enviam e trazem de um lado para outro, com inscrição na coisa má. O mau vivido. Silva (2000, p.81) salienta que “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”. Segundo o autor, onde existe diferenciação, aí está presente o poder. A diferenciação, portanto, é responsável por (re) construir/(re)produzir a alteridade, por definir quem é o “outro”, e torná-lo identificável, (in)visível, previsível. Ao dividir, separar, classificar, normalizar, a diferenciação resulta na hierarquização. Através desta ideia de “diferenciar para identificar” colocamos a hipótese de Francisco de ver impossibilitado de dizer quem são estas personagens, no sentido em que, identificando-os, ele torna-os visíveis e atribui-lhes qualidades, o que para si constitui uma ameaça resultante de uma alteridade mal tolerada.

Ele começa por se apresentar como sendo imigrante desde feto, ou seja, antes de Ser, ele já era de lugar nenhum – a condição de um Eu sem lugar. Ao invocar a filiação enquanto filho de cabo-verdianos, mas nascido em São Tomé, Francisco revela a sua parte são-tomense e a sua parte cabo-verdiana, que ao longo da sua narrativa vão-se evidenciando sem forma e sem profundidade, pois o contraste que faz entre os dois lugares, e a forma como os representa remete sempre para as faltas e para as necessidades, bem como para a falta de possibilidades (de estar-aí e ser-aí).

Os primeiros 16 anos da sua vida são divididos entre São Tomé e Cabo-verde, e dos 16 aos 57 anos ele permanece em Portugal. Apesar de se tratarem de tempos, épocas e locais diferentes, os movimentos de Francisco parecem um só. Até aos oito anos ele representa uma vivência penosa e solitária, invocando o trabalho, a dor, o sacrifício. Quando se reporta a Cabo-verde ele depara-se com o choque das condições da ilha, e manifesta a estranheza e o medo perante a diferença que encontra. O lugar anterior (São Tomé) era de sacrificio e dor, mas passa a ser um lugar paradisíaco onde existe tudo, em contraste com a aridez e o deserto que encontra no lugar seguinte (Cabo-verde). Ele apropria-se do lugar da sua (falsa) pertença ao deparar-se com a coisa terrífica que é um lugar que não conhece e lhe causa medo – a ilha deserta (Cabo-verde). Contudo Francisco não descreve São Tomé como uma ilha habitada por outros. Existe ele, o pai

e uns militares com quem joga a bola. Apesar de ter irmãos, eles não existem lá, o que faz emergir uma condição fraterna desvalorizada. O pai e os militares são representados através de dois tipos de sentimento: o pai representa a lei e o interdito, e os militares, que apesar de nomeados como caçadores, o permitem ser criança (livre?).

Francisco faz referência às pessoas de São Tomé e às pessoas de Cabo-verde apenas quando invoca a subsistência – os mantimentos que permitem a sobrevivência. Ele parece identificar-se com ambos os povos, num movimento ambivalente entre as condições das duas Ilhas. Ele invoca o trabalho e o sacrifício para diferenciar as pessoas – o povo de São Tomé é malandro porque não precisa de trabalhar – a natureza oferece tudo – mas ele não pôde ser criança porque era obrigado a trabalhar, mesmo tratando-se do “paraíso” onde o alimento é dado pela natureza. Em Cabo-verde o povo é trabalhador, mas só o é, porque ao contrário morre, pois a ilha é deserta e não dá nada. Mas tal como em São Tomé ele é sujeito ao trabalho e ao sacrifício e a condição penosa permanece, apesar de dizer que não estava habituado, o que contradiz a vivência que descreve no lugar onde nasceu. Francisco invoca a coisa má em ambos os lugares, mas parece efetuar um movimento através do qual procura compensar a falta de um e de outro lugar. Em São Tomé ele sofre, está sozinho e desamparado, e é privado da infância. Mas é lá que habita o paraíso. Em Cabo verde ele sofre e é igualmente privado da infância, mas tem um quadro social de apoio. Em Cabo-verde existe uma avó e vizinhos que o acolhem, onde tudo é partilhado, mas lá, ele é um estrangeiro – é a lógica do bom acolhimento quando alude à Morabeza que em Cabo-verde encontra. Uma morabeza que na Ilha da Madeira também é reconhecida.

Já quando se reporta ao “aqui e agora” (Portugal) ele parece dizer que apesar de lá (em Cabo-verde) já não ser a mesma coisa (hoje), essa condição é diluída na perda de uma coisa em substituição de outra, que não é coisa originária de lá, mas de todos os lugares – a saudação e a partilha de outrora, coisa boa lá, já não é, porque não existe em lugar nenhum, porque hoje, o mundo (todas as pessoas) só vivem pelo material em oposição (“*aquela maneira acolhedora*”) que lá havia, e que já não encontra lá nem cá.

Quando faz referência ao mundo materialista - os outros que só vivem à base do material, Francisco parece reportar-te a uma espécie de apropriação, como se esses outros se apropriassem de algo que lhe pertenceu – (“...*aquela morabeza que havia, bom dia, boa tarde, boa noite...*”). É possível compreender-se assim que, tudo o que ele tinha em Cabo-verde lhe foi retirado cá em Portugal. Lá ele tinha um suporte social de apoio, e cá ele não tem nada, tal como em São Tomé. Francisco faz um movimento impressionante ao ligar duas experiências em tempos e lugares diferentes. O impacto emocional é tremendo quando descreve a sua primeira experiência profissional em

Portugal, colocando nela o seu vivido nas roças de São Tomé. Ele atualiza o trauma, embora as experiências sejam diferentes. Ele não reconhece as diferenças. Parece não ter a consciência da sua existência num outro lugar – um estar-aí num tempo e lugar diferentes. Um saber-aí (os seus conhecimentos sobre o mundo) dos seus julgamentos (as suas crenças) e das suas ações (o seu poder fazer).

Quando menciona os amigos que foi fazendo quando chegou a Cabo-verde (na escola), “porque as crianças habitam-se e aprendem depressa” (evidenciando um claro movimento projetivo), ele refere as dificuldades em comunicar com outros, porque ele sentia-se diferente e tinha uma maneira diferente de conversar, e sentia-se gozado por isso, parecendo ter encontrado uma forma de expressar a sua condição de estrangeiro e ausência de identificação com estes outros, a quem chama rebeldes e que gostavam de guerras. O contacto com estes outros parece provocar-lhe angústia, por os perceberem como diferentes de si. Contudo, aqui, ao ver o outro como diferente, ele próprio se diferencia (mesmo que de uma forma negativa) – ele é em Cabo-verde o miúdo que veio do Sul – o estrangeiro.

Enunciando um vivido que nomeia como terrível, sem nunca dizer porquê, é a sua referência a ter pertencido à Nova Mocidade Portuguesa, que aparece na sua narrativa como um caminho de regresso a São Tomé (onde habita o “paraíso” – onde os pássaros cheios de cores voam livremente e são espontâneos). Parece clara esta projeção nas características dos pássaros que voam livremente, num movimento de anulação da angústia. Francisco ao longo de toda a narrativa chega aos lugares, depara-se com as condições que lhe são estranhas, sentindo-as como coisas terríveis, e retoma de imediato os lugares anteriores, num movimento de contenção da dor psíquica. Ele parece não estabelecer qualquer ligação com os lugares novos, mas o seu movimento oscilatório parece funcionar para ele como uma coisa compensatória. Recuperando as qualidades (boas) do lugar que foi mau, ele consegue sobreviver ao terrível que o lugar novo lhe traz. Na tomada de contacto com o novo lugar e os outros que lá habitam – a que chama “eles” – latente estão as suas dificuldades de se sentir-aí, pois só a tomada de consciência da diferença entre o eu e o tu, lhe poderia conferir uma marca identitária – uma estrutura. Ele não parece estabelecer uma relação entre si e o outro, entre o idêntico e o diferente, que à partida seria condição para aceder ao mundo e aos seus constituintes.

Este não reconhecimento do outro, como tendo uma identidade, é uma constante ao longo da narrativa. Aqueles que têm nome não são de cá (Portugal). Os poucos nomes que refere são de pessoas de São Tomé e Cabo-verde (nomeados apenas quando fala de Portugal). Todos os que são de cá, são personagens sem nome e são aqueles que o enviam de lado para lado, e que fazem

das suas experiências vividos maus. Em qualquer circunstância, Francisco deixa-se levar por *eles* e regressa quando “eles” mandam. São “eles” que o prendem e que o libertam, sem que se dê conta (na narrativa) de qualquer ação concreta que contrarie a decisão (deles). Ele refere-se a si próprio como um menino, tenha oito ou dezassete anos. Um menino ou um miúdo que precisa ser acolhido e orientado por mestres que o enviam e trazem de volta aos lugares, ou então, um menino que tem de ir para os “pés” de alguém para ser salvo. O movimento é sempre o mesmo – a dependência e submissão do/ao outro. Ele parece ter-se fixado num período precoce da sua vida, que o impede de desenvolver uma estrutura – uma identidade pessoal., que lhe confira um poder ser-aí.

Existe um momento na narrativa em que esta constante dependência e submissão é interrompida. Francisco parte para uma nova experiência, por sua escolha, e nela representa-se como um homem possante, mostrando bem a tentativa de se revelar através de um “Eu” que aparece na forma de homem crescido. Ele vai para outra Ilha, que nomeia como a sua segunda Ilha (Madeira). Lá ele parece ter desenvolvido e fixado uma identidade (social) quando se refere a si próprio como “o Xico” que todos reconhecem (“*o Xico passou a ser o miúdo... o black muito conhecido (e reconhecido) na Ilha da Madeira ... o Xico é o Xico*”). Lá encontra um lugar e apropria-se dele, porque é lá que ele recupera sentimentos de afiliação – o bichinho musical que trouxe consigo de Cabo-verde. Ele diferencia-se, porque o outro o reconhece. Através da aceitação do outro ele consegue diferenciar-se. Contudo, quando regressa ao Continente ele perde as qualidades que o outro que conferiu lá, e volta a sentir-se nos “pés” dos outros, deixando na Ilha da Madeira, uma identidade que só existe lá, o que é revelador da ausência de continuidade de si; uma ausência de estabilidade e unicidade; uma imagem de si negativa, reveladora da sua baixa autoestima.

10.2. Filiação e Transmissão Psíquica

Conforme se faz notar na sua narrativa, STP é o lugar onde Francisco nasceu. Contudo, nasce de um ventre cabo-verdiano, onde no seu interior, se refere a si como um feto emigrante, sobressaindo desde logo a sua condição de não pertencer a lugar nenhum. Em São Tomé ficou até aos oito/nove anos, e de lá trouxe consigo a ideia de paraíso e abundância, na mesma proporção que trouxe a marca da escravatura que parece carregar consigo até hoje. Ele representa a terra onde nasceu num duplo movimento – um paraíso natural onde a natureza é generosa (alimenta) e o remete à liberdade e espontaneidade (os pássaros como símbolo de beleza e liberdade); e um lugar que deixou a marca de um vivido penoso. Um lugar onde habita a solidão e o sofrimento. É em STP que ocorrem os seus traumas mais dolorosos, marcados por tristeza e

desamparo; onde estão os pais estão ausentes no afeto e no acolhimento das duas angústias, mas presentes no sentido da castração, sendo o pai a referência direta a essa presença. A STP não há a possibilidade de regresso pela marca que deixou nos que de lá vieram. Ele manifesta o desejo de lá voltar, mas o trauma da Guerra Colonial impõe a marca dolorosa. É a terra de onde teve de fugir. A terra onde o pai foi escravo, e onde ele próprio inscreve a sua origem com sinais dessa mesma condição.

CV é a terra natal dos seus pais, onde vivem até hoje, e com a qual mantém uma espécie de vínculo, por questões filiativas. É também a terra que o faz querer regressar, quando se confronta com o oposto do paraíso que STP representa. É o deserto com pedras, onde nada cresce; onde a natureza impõe trabalho, para que as pessoas não morram de fome. Mas é também um lugar onde existe apoio e onde as pessoas partilham tudo e ficam juntas. É onde está a avó e os vizinhos que acolhem e partilham tudo o que têm. Onde existe a morabeza – a saudação e bem receber – o acolhimento que não tinha em STP. Contudo, em CV ele sente-se estrangeiro. Ele “não estava habituado”, como diz. Os outros (os que lá vivem) falam de uma maneira diferente da sua, e ele não os entende. Eles são rebeldes, ao contrário de si, que obedece e é educado. Eles gostam de guerras, das quais o pai e a família fugiram. Era estrangeiro aos nove anos e é agora as cinquenta e sete, pois quando vai, vai com uma mente (a de cá), que no encontro com a realidade que lá existe, o deixa triste. Ele representa CV como o “mau caminho”. O caminho das “tentações”. Lá reside o crime. Lá roubam-se e matam-se pessoas. Ele vai ao encontro da terra, mas não consegue lá ficar muito tempo. Ele não aguenta. A ilha que diz ser sua (Ilha de Santiago) parece ser agora um horror. Na própria terra ele sente-se ameaçado. Lá não há nada. Não há trabalho, não há educação. Só há crime, porque as pessoas querem algo e escolhem o caminho fácil – é uma terra habitada pela criminalidade. Contudo, e baseados nas suas palavras quando atribui uma hierarquia às suas Ilhas, parece-nos que a sua primeira Ilha está em CV, pois apesar de negativizada, é lá que mantém os laços filiativos.

Portugal é representado como a terra prometida. Ele idealiza a mudança para algo melhor. Em Portugal há trabalho e ganha-se dinheiro. Para além disso a sua vinda proporcionava alívio na família. Era menos um na família para sustentar. Então o pai envia-o para que se faça homem. Quando chega, ele quer voltar porque a sua vida era ao sol, e aqui só encontrou o “frio” que o gelou e paralisou (de dentro para fora). Ele vivencia, de novo, o desamparo e a solidão. Ele está sozinho, como em STP, e não tem ninguém, nem nada. Não tem o sol, não tem pai, não tem mãe, não tem irmãos. Francisco encontra o vazio em Portugal. Ele deixa-se levar de lado para lado. A chegada é terrível. Ele sente-se “no fim do mundo”, e quer regressar para CV, e chora

pelos pais. Em Portugal ele é entregue a “eles” que o levam para uma espécie de prisão. O impacto com o novo mundo leva-o a colocar no corpo a sua angústia. Em Portugal ele adoce o corpo e a mente. Ele só vai para onde o mandam e está sujeito a que “eles” o libertem. É em Portugal que o sentimento de escravidão é invocado, e onde ele atualiza a miséria e a situação penosa que viveu em STP. Em CV ele era livre, apesar de ser estrangeiro. Em Portugal é igualmente estrangeiro e também escravo. Em oposição a este vivido sentido como penoso, Portugal é também o lugar onde ele parece encontrar uma possibilidade de ser livre, e demarcar-se da escravidão. É cá que ele pode tocar instrumentos com liberdade, o que lá (CV) era proibido (pelo pai), apesar de ter “vindo” de um lar onde iam muitos músicos (a casa do pai). Ele trouxe a “doença do bichinho da música”, que refere como algo que “cura” as suas “dores” mais intensas. As angústias ásperas e desérticas transportam vozes de dor e de sofrimento. Ele diz que tocar guitarra foi a sua “terapia para fazer passar dor”. Ele refere-se às dores do estômago – a doença que contraiu na quinta onde o prenderam e escravizaram, mas latente está a dor psicológica ligada à angústia do desamparo e da solidão que o “bichinho” apazigua. O sofrimento aparece no corpo, marcado pelas experiências vividas e pelos seus anseios.

É esta herança boa que traz de lá – “a doença do bichinho musical” – que o faz ligar-se a outros de cá, com quem se identifica através da música – os “seus irmãos musicais”. E são estes outros que passam a constituir o seu quadro social de apoio em Portugal. O seu vivido é terrível, mas cá ele também encontra algo que o leva a libertar-se “deles”, e “aventurar-se” na Ilha da Madeira, onde faz da música, uma via para se tonar “alguém”, (no sentido de uma identidade). Na Madeira ele diferencia-se e apropria-se de um lugar. A Ilha da Madeira é representada como a terra onde se fez homem (o único local onde consegue ser-aí). É lá que regressa quando quer reencontrar o passado, onde estão as pessoas (com nome) que o olham com admiração (que parece buscar no outro) e a quem parece sentir-se ligado – a sua “segunda ilha”, talvez porque a primeira seja aquela onde está o seu pai. No Continente, ele volta a ser o escravo (porque ele “faz tudo e mais alguma coisa, e não quer falar nisso”). Ele é o contínuo – o “tipo sempre de serviço” a quem os mais importantes confiam as tarefas de maior responsabilidade, mas não deixa de ser o Contínuo mal pago e abusado.

Contudo, cá, apesar de andar a “correr de um lado para outro”, ele sente-se seguro e é um homem livre, ao contrário de lá (na sua Ilha de Santiago) onde as crianças de 9/10 anos “já andam de armas empunhadas”, a percorrer “o mau caminho”.

As representações que Francisco faz dos diferentes lugares onde esteve/está, podem ser compreendidas através da designação Moro (2003), de “*vulnerabilidade específica*”, que se inscreve

em torno de uma total ausência de pertença, uma vez que estas representações não interiorizam o novo quadro cultural externo.

Os pais aparecem como aqueles que devem cuidar do “menino”, mas que o levantam da cama para trabalhar nas roças, quando deveriam ajudar, proteger, mimar e dar brinquedos. Eles devem de ajudar, mas têm de ser ajudados.

A representação materna encontra-se latente em quase todo o discurso de Francisco. Ele não fala dela, e quando fala, ela aparece a chorar a sua partida para Portugal e a sua chegada a CV; quando lhe pede para voltar para STP ao chegar a CV, e quando lhe pede para regressar a CV ao chegar a Portugal; quando o visita em Portugal e lhe diz que “ele está acabado e tem de parar”; quando vai a CV e a mãe lhe diz para se proteger dos “rebeldes” e “criminosos” que lá estão. As referências à mãe aparecem num apelo à sua proteção, pelo desamparo e angústia sentidos devido à inexistência de um continente materno. Revela a ausência de um objeto interno que o contenha. A fantasmática materna emerge a par de movimentos de abandono, na medida em que nunca o mantém, nem o leva para um lugar seguro, permitindo que se “acabe”.

O pai representa a lei. O modelo a seguir. Representa o “caminho difícil” que tem de fazer para se manter no “bom caminho”, onde os valores de “tolerância”, “benevolência”, “esperança”, “esforço”, “respeito” e “educação”, são elementos que assumem uma forte conotação simbólica ao longo do seu discurso, cuja inscrição reside sempre no servir os outros, cuja identidade não pode ser revelada, pois constitui o perigo de se sentir diferenciado – e diminuído – em relação a “eles”. Francisco representa o pai num registo de apropriação da sua história (do pai) para se “tornar um homem”. O pai foi homem aos 11 anos, “sem mãe, sem pai, sem nada”, então, ele aos 16 anos já o deveria ser. O pai representa a “luta” pela vida. Representa a dor, a solidão, o sacrifício, o desamparo, e todas as dificuldades que “são obrigatórias” serem vividas através do “caminho difícil”, que é preciso fazer para se andar com a “cabeça levantada” e não ter “ninguém que lhe aponte o dedo”. O pai é o representante do seu superego, e o peso da sua herança torna-se mais evidente quando se apropria da sua história, para justificar a sua decisão (forçada) de imigrar para Portugal. Encontra-se latente na narrativa do Francisco, a representação de um pai que o manda embora de casa para que se torne um homem.

Verifica-se que a herança paterna de Francisco traz consigo um conjunto de significantes que circulam no seu discurso. Contudo, é num momento específico da sua narrativa, que conseguimos atribuir significado às dificuldades que apresenta, para compreender e elaborar as experiências que vai vivenciando noutros lugares, a partir do momento da sua partida de CV para Lisboa. É quando descreve a experiência de “escravo” pela qual o pai passou, no contexto da

Guerra Colonial, que todo o discurso latente na sua narrativa parece adquirir um maior sentido. Ele refere que o pai foi escravo, mas não diz a palavra “escravo”. Ele faz referência a um livro onde consta a história pela qual o pai passou – a vivência de escravo. (“...o meu pai passou por tudo aquilo (...) ele tinha 11 anos de idade e foi uma das razões que me obrigou a deixá-lo aos 16 anos (...) ele quando dizia-me aquilo, servia como exemplo (...) Não! Se tu foste homem aos 11, eu também posso ser homem. E fui responsável aos 16 anos...”). A partir do vivido transmitido pelo pai, Francisco perpetua um sofrimento psíquico. Em razão desta experiência transmitida, que como ele próprio refere, lhe serviu como exemplo, o seu espaço de liberdade para se tornar - quem efetivamente ele poderia/pode ser - tornou-se muito limitado.

São vários os momentos no seu discurso, em que invoca valores morais e a submissão a regras. A aceitação e não-reação àquilo que o “ataca” e lhe provoca sofrimento. O deixar-se ser “levado por outros”, e o ter que ouvir os conselhos dos mais velhos, contrariamente aos mais novos, que o podem levar ao “abismo”, é uma constante no seu discurso. Ele diz: que “*Não havendo respeito, não havendo disciplinas e regras, o homem jamais...*”. Implícitos nesta consideração de que o “homem jamais”, será homem, se não respeitar, se não for disciplinado e sujeito a regras, estão os conteúdos psíquicos transmitidos pelo pai. Neste sentido, podemos aludir a Freud (1914), em “*Introdução ao Narcisismo*”, onde apresenta os fundamentos narcísicos da transmissão psíquica entre gerações, destacando a ideia do quanto um filho poderá ficar aprisionado aos ideais narcísicos dos seus pais, sendo transformado numa extensão dos mesmos, inviabilizando a construção de uma singularidade esperada e tornando-o, ao contrário, uma repetição da história materna e paterna. Ainda neste sentido, Eiguer (1997) propõe que a patologia na transmissão entre gerações está ligada à força da tragédia que reside em indivíduos dominados por lutos muito difíceis, que por sua vez fazem com que os filhos vivam com os acontecimentos traumáticos que os atingiram. O pai atribuiria assim ao filho, um traço ou uma situação que ele não pôde elaborar em si mesmo. No contexto clínico refira-se Herrmann (2001, p.151) que aponta para o “paciente que sofre de imobilidade”, ou seja, um sujeito cujas “condições particulares do seu desenvolvimento paralisaram a sua história, em torno de um sentido que se congelou”. É neste contexto que enquadrámos os “maus vividos” de Francisco ao longo da sua narrativa. Ao referir-se à sua migração (forçada), por conta dos conteúdos psíquicos que lhe foram transmitidos, ele dá conta de uma rutura imposta, uma vez que a saída do país é vivida como um requisito necessário, neste caso, para que se “faça um homem” e seja “dono do seu nariz”, tal como o pai o foi aos 11 anos de idade. Como diz, foi uma das razões que o obrigou a deixar o pai aos 16 anos.

Francisco manifesta bem a presença dos conteúdos psíquicos transmitidos pelo pai, quando se refere ao seu próprio filho, de 16 anos. Enlaçado no seu discurso sobre a vivência de escravo do pai, ele diz: (“...ele às vezes passava-se... por isso eu digo... não devemos estar sempre a pedir, porque um dia o pai passa-se... e sem querer pode mandar uma frase mais picante... uma frase que nos choca e se nós tivermos a consciência, se nós sentirmos, temos de tomar uma decisão (a decisão de ir embora). Francisco revela assim a sua herança psíquica e deixa evidente a força do legado paterno quando diz: (“Isso não acontece com o meu filho de 16 anos (...) ele vai fazer 16 anos e só pede computador... só pede ténis de marcas, só pede... é triste dizer isso. Eu quando tento cativar isso na cabeça do miúdo, o que é que a mãe diz? A mãe diz: “Tu não podes meter na cabeça do miúdo o teu passado”. Mas eu não sei se é verdade. Se não deverei dizer isso ao meu filho. Eu acho que devo dizer isso ao meu filho para mostrar que a vida não é só estender a mão.”. A violência provocada pelos traumas vividos e os sentimentos dolorosos mal compreendidos, terão causado desarranjos na capacidade do Francisco os elaborar à posteriori, sendo assim geradores de conflitos relacionais com o seu filho, cuja origem, muito provavelmente, assenta na herança de conteúdos psíquicos. Neste sentido, através da transmissão dos conteúdos traumáticos da geração precedente (a do pai), são agora repassados para a geração seguinte (a do filho).

11. Discussão

Francisco revela uma clara vulnerabilidade no campo das suas relações de filiação, que se encontram, por sua vez, intrincadas na emergência de uma problemática associada à ausência de uma estrutura identitária, inscrita na forma como representa o(s) outro(s).

Em toda a narrativa Francisco revela uma angústia incapaz de ser elaborada. Se partirmos da noção que a fundação do psiquismo tem o seu princípio no recém-nascido, e que o sujeito prossegue na sua construção ao longo de sua vida, numa constante representação das relações estabelecidas com as suas figuras parentais, na sua relação com o Outro, toma-se como princípio que o processo de subjetivação é infinito. Sendo assim, parece-nos possível relacionar o sentimento de desamparo vivido pelo bebé, àquilo em que o sujeito se vai tornando, através do contacto com o Outro. Podemos assim colocar a possibilidade de que a angústia revelada por Francisco, teve a sua origem naquilo a que Lacan no seu seminário “*A angústia*” (1963, cit Berta e Rosa, 2005) apresentou como sendo uma angústia que parte do “desamparo inicial” (designação freudiana) para assinalar os diferentes tipos de resposta, na sua relação com o Outro, que no seu caso, toma a invariância, no sentido da não-diferenciação, como uma constante nas suas representações sobre o Outro e sobre o mundo. Francisco, na sua narrativa revela sinais constantes da ausência de sentimentos de proteção, desde quando tinha apenas sete/oito anos de

idade. É notório no seu discurso, a marca de afetos dolorosos e mal compreendidos, destituídos de um espaço contendor das suas angústias, à partida, originário das suas primeiras relações de objeto. Sob este prisma, e à luz das suas representações filiativas, projetivas e fantasmáticas, torna-se possível compreender a natureza complexa que a sua problemática alcança.

É sob prisma que o processo de formação identitária de Francisco se apresenta sob um traço distintivo de ausências identificatórias importantes: no campo da negociação identitária que, ainda em criança e depois em adolescente, precisaria ter feito, esta foi colocada num campo confuso entre filiações e afiliações, ficando indeterminado também o lugar da sua pertença (Bouche-Florin et al.,2007). Assim, é na continuação deste decurso de ajuste conflitual que todo o seu sistema elaborativo é colocado em causa. E, na tentativa incessante de eliminar ou gerir as ameaças identitárias com que Francisco se depara, constantemente, por conta das novas situações, que lhe provocam um mal-estar generalizado (físico e psíquico) evidenciado pelas suas descrições sintomáticas, cuja inscrição tem assento, tanto no sensorial como nas percepções sobre o exterior, que ele procede a uma clivagem do Eu (Bouche-Florin et al.,2007), sobressaindo a sua impossibilidade de reconciliação, sendo que na situação de sujeito imigrante a problemática ganha contornos particulares na forma como funcionamento mental se vai organizar (Mohamed, 2001), que no caso dele, encontra a resolução na clivagem.

Como resultado, esta impossibilidade de ser-aí, sempre que se depara com o novo, aparece como um reflexo direto da falta de pertença a um lugar, sem possibilidade de reconciliação, sendo a sua manifesta angústia (inscrita no desamparo), o resultado dessa mesma impossibilidade. Assiste-se assim a um combinado de interpretações clivadas, que têm como consequência um Eu sem estrutura. Considerando os postulados teóricos de Devereux (2009), esta representação estruturada e estruturante, de que Francisco não dispõe, é denunciadora da falta de uma estrutura que sustente uma identidade, necessária à constante reorganização psíquica imposta, principalmente num contexto de migração.

Enquanto o seu país de origem aparece ligado à condição penosa – trabalho, solidão, sofrimento e escravidão - associado a memórias e noções sem vivido na condição de criança (que ele era) - posição que lhe foi retirada e o levou a vivenciar uma maturidade que não tinha - impossibilitou-o de organizar-se internamente para construir uma estrutura identitária; o país de acolhimento, por sua vez, é aquele com que se depara com a ausência de uma base segura, podendo ser atendida, aqui, como a ausência de um quadro cultural de referência – como, aliás, toda a questão envolta do vivido penoso, que aparece como ameaça à sua integridade, o exemplifica bem.

A própria confusão e interpenetração ao nível das suas referências temporais, entendidas por Devereux como indispensáveis a aquisição de uma representação do Eu estruturada, dá conta da sua descontinuidade no tempo, e da falta de sentido que coloca nos vividos presentes. Assim, na impossibilidade de construir uma identidade, seja no tempo, ou no espaço, Francisco mostra igualmente uma incapacidade de atribuir uma identidade aos elementos integrantes do mundo real, neste caso, pessoas – as pessoas que invoca, com o único atributo de serem “eles”, e isso pode ser tomado como um indicador da sua vulnerabilidade, neste caso, em contexto de migração, pois não reconhecendo o Outro como tendo uma identidade, Francisco também não se dá a conhecer, o que nas considerações de Devereux (2009), pode ser interpretado como um conjunto de estratégias defensivas que são acionadas pelos sujeitos para se proteger, ou seja, não reconhecendo o outro, Francisco não se dá a conhecer, impedindo assim um confronto, que no seu extremo, o sujeitaria à perda da sua “identidade real”. A recusa à sua identidade constitui assim uma via que o favorece e o protege contra uma ameaça de destruição (Devereux, 2009).

Indo ao encontro do sugerido por Pastori (2006), a invocação constante aos valores morais e o sentido de sujeição, parece estar diretamente vinculada a uma herança cultural e a todos os obstáculos que se apresentam, no sentido de se conseguir ajustar a elementos essenciais à sua continuidade (psíquica), através de elementos que fazem parte de um referencial identitário. É este movimento que Francisco faz constantemente. Ele recupera um conjunto de elementos pertencentes a uma herança filiativa (paterna) evocada a partir do uso persistente de conteúdos psíquicos que lhe foram transmitidos, muito bem representados nas suas palavras, através das suas representações de “bom e mau caminho”, mantendo sempre viva uma filiação – um vínculo, que poderemos entender como a única possibilidade de uma espécie de continuidade de si – os valores que herdou permitem-lhe aceder um laço filiativo, mesmo que desse laço, possa ter origem as suas impossibilidades de se ver como um sujeito diferenciado.

Dentro da lógica da intersubjetividade, o reconhecimento do sujeito enquanto pessoa única e diferenciada dos outros, é fruto de um processo de construção de identidade que se edifica ao longo de toda a vida. Segundo a teoria das relações objeto, tal como afirma Gomes e Porchat (2006, cit por Rodriguez & Gomes, 2012), é através das relações objetais que o desenvolvimento da capacidade de criar vínculos é possibilitada, permitindo assim aos sujeitos o acesso à subjetivação, ou seja, são as experiências vividas pela criança/adolescente/jovem, tanto na esfera familiar como em outros ambientes, que contribuem para a formação e amadurecimento até à idade adulta, sendo que é dentro da esfera familiar que a criança adquire as primeiras experiências de afeto, dor, medo, raiva, e outras, possibilitando a aprendizagem para a sua atuação futura. Por

esta via de entendimento, conseguimos perceber a forma como Francisco representa o mundo. As experiências vividas na sua infância, pautadas por sentimentos de desamparo a todos os níveis, comprometeu a possibilidade de estabelecer com os outros, relações através das quais se veja como um ser diferenciado e único, o que no seu caso não é possível, precisamente pela ausência de referências internas que lhe transmitam segurança. Ao sentir os outros e os lugares, sempre como “coisas” ameaçadoras e terríveis, onde as pessoas e os lugares não são reconhecidos por ele, como tendo qualidades próprias, ele manifesta bem um tipo de relação objetal primitivo, que se mostrou incapaz de lhe conferir um sentido de unidade.

Assim, iniciando-se na infância, o processo de subjetivação articula-se assim com a história de vida do sujeito, com a história do grupo familiar a que pertence e dentro das gerações que integra, bem como com a cultura em que se insere. Nesta ótica, encontramos sentido nas considerações de André-Fustier & Aubertel (1998, p. 133, cit por Passos & Bertin, 2003, de que são as funções do aparelho psíquico familiar que dão à criança “as chaves de acesso ao mundo”, no sentido que é a família que transfere à criança uma forma de entendimento e apreensão do mundo externo, a qual irá determinar a forma como o seu mundo interno se vai organizar. As representações que os sujeitos farão no futuro serão interpretações, daquilo a que Passos & Bertin, 2003 chama de *script* familiar, e que as autoras referem como uma possibilidade de libertação, ou pelo contrário, uma “cerco” do qual o sujeito não se consegue libertar, aprisionando-se nele. E é nesta última possibilidade que enquadrámos o caso do Francisco, pois a sua história é reveladora da falta de criatividade e incapacidade para enriquecer as suas próprias fantasias (Passos & Polak (2004), e demarcar-se no acesso a uma individualidade.

A história de Francisco evidencia uma forte identificação ao paterno, pela via da transmissão psíquica sob duas formas, que encontramos explicadas por Freud, em Totem e Tabu (1912-1913, (cit por Passos e Polak, 2004). O autor fala-nos numa identificação aos modelos parentais, que aparece inscrita na própria história do sujeito, e num outro tipo de identificação que aparece através daquilo a que chama uma “transmissão genérica” pela existência de traços mnésicos de relações com gerações anteriores, onde o processo é referente à história da geração que o precedeu, no caso do Francisco, a história do pai, da qual se apropria e, como ele próprio diz, lhe serve de exemplo.

Assim, sendo o mecanismo de identificação uma das bases essenciais do processo de transmissão entre gerações, tal como defendido por Kaës (2005), seria necessário que Francisco tivesse conseguido metabolizar as vivências que lhe foram transmitidas pelo pai, introjetando-as como fazendo parte de algo que não lhe pertence. Ao contrário, o que parece ter ocorrido foi uma

incorporação das vivências transmitidas, que Laplanche (2004) observa como um objeto que o indivíduo faz penetrar e conservar no interior do seu corpo, de uma forma mais ou menos fantasiosa.

A ausência de uma organização interna, que impossibilita Francisco de aceder a uma construção de si, é também explicada por Kaës (2003) quando fala da estrutura interna do vínculo intersubjetivo, enquanto via de acesso à relação de objeto para a análise das identificações. Neste caso, nas concepções do autor, as falhas que ocorrem na introjeção, que antecedem a possibilidade de desenvolvimento de outros tipos de identificação, como são exemplos a identificação adesiva e a identificação projetiva, levam a confusões identitárias, manifestadas pela impossibilidade da pessoa se ver diferenciada e separada do(s) outro(s), o que nos leva a crer ser o caso do Francisco.

Todo este processo organiza-se tendo como pano de fundo a vida psíquica da família, da qual Francisco é indissociável. Desde o início da sua narrativa quando fala de si, ainda criança, os lugares são vazios de uma relação protetora e contentora das suas angústias, e as experiências ressoam a ausência de um significado incapaz de ser organizado. Impera assim, uma pobreza relacional revelada no seio da sua família, o que é revelador de um conjunto de impossibilidades de subjetivação, que só poderia ter lugar na ligação de Francisco ao Outro.

Neste caso, o quadro intersubjetivo da transmissão psíquica, parece admitir aspetos negativos que obstruíram a construção da identidade e da liberdade de Francisco. A criação de uma zona necessária para que a subjetividade se pudesse formar parece ter sido inviabilizada, devido a prováveis mecanismos de interferência e apropriação, que habitam a sua extensão psíquica (Faimberg, 2006). Francisco, enquanto sujeito resultante de encontros intersubjetivos, parece ter ficado preso nas vivências e na impossibilidade de elaboração das mesmas pela geração anterior, o que terá obstruído o seu campo intersubjetivo, devido aos vividos traumáticos que lhe foram transmitidos.

Nos casos de patologia transgeracional, como parece o caso da constituição familiar de Francisco, o sujeito reconhece-se nos aspetos patológicos da personalidade de uma das figuras parentais (neste caso, o pai), e sobre esta identificação organizou um falso *self* (Badaracco, 1986). Assim, a identificação patológica de Francisco ao pai, é refletida pela agregação no seu psiquismo de constituintes presentes, de uma forma invasora. Estes elementos forçaram-no a uma reorganização e a uma submissão das restantes funções mentais, que tornaram ineficiente o seu desenvolvimento. Devido à dor psíquica que esta identificação origina, e na impossibilidade de se defender das ligações asfixiadoras causadoras de submissão e inação, alicerçadas em diferentes mecanismos de introjeção ou identificação projetiva, através da invasão do ego de Francisco, teria

sido forçado ao mimetismo, no sentido de uma reprodução dos conteúdos psíquicos traumáticos, perdendo assim a sua individualidade e inviabilizando a alteridade.

A busca contínua de uma entrega a um objeto externo - neste caso, a todos aqueles por quem Francisco se permite ser “levado e trazido”- capaz de prover a confiança e segurança de que careceu, terá constituído uma posição extremamente traumática, refletida numa intensa dor psíquica, no sentido em que as necessidades primárias teriam chocado com as necessidades das figuras parentais, de onde o “desamparo inicial”, ao esbarrar nas carências do objeto real e na sua agressividade, modificaram a sua presença, numa presença traumática e enlouquecedora (Badaracco, 1986). Nestes casos, o objeto não se deixa omitir, sucedendo uma perversão da sua função, sendo que, ao invés de ter facilitado uma zona de desenvolvimento, este objeto apresenta-se constantemente intrusivo, sendo inconcebível para Francisco representar o mundo e refletir sobre ele de uma forma criativa, ficando assim alienado na história do pai.

O reconhecimento da distinção de gerações, assim como o reconhecimento do Outro como alguém diferente de si mesmo, isto é, o alcance e o reconhecimento da alteridade, são aquisições essenciais a que Francisco não acedeu. Para que estas tivessem sucedido, teria sido necessário que o pai tivesse legitimado a própria história enquanto sua, sendo que esta validação nunca ocorre inteiramente, uma vez que os pais possuem sempre desejos inconscientes, como afirma Faimberg (2006).

Perante o exposto parece-nos possível dizer que Francisco apresenta uma subjetividade comprometida, onde as heranças dos conteúdos geracionais, transmitidas nos encontros intersubjetivos, por uma “fenda” nos processos de metabolização, simbolização e transformação, o levou a uma incorporação desses conteúdos, conduzindo-o à alienação na sua identidade, concordante com o conceito de Telescopagem de Gerações introduzido por Faimberg (2006), ao admitirmos a presença invasora de uma história no psiquismo de Francisco, que não pertence à sua geração. E, será justamente pela impossibilidade de elaboração na geração anterior, que esses elementos reaparecem assimilados por indivíduos da geração atual, como é o caso de Francisco (Passos e Polak, 2004).

Assentes nestes pontos de vistas, Francisco vê-se impossibilitado de adquirir o sentido de uma autêntica individualidade, e, naturalmente, um sentido de identidade e assimilação internas, com a necessária continuidade no espaço e no tempo. Francisco parece encontrar apenas uma possibilidade de continuidade, assumindo-se como, e por extensão da figura paterna, ou como diz Devereux (2009), da unidade dual que o mantém ligado à mãe, neste caso, à figura paterna,

colocando-se aqui a questão, exatamente no facto, que o assumir uma individualidade, acarreta, no caso particular de Francisco, uma renúncia à sua existência.

Assim, não havendo uma autêntica distinção de limites, observa-se ao que Faimberg (2006) menciona como um psiquismo vazio (pela ausência de estrutura) e, ao mesmo tempo, cheio demais (de conteúdos invasores), e expõe como uma identidade negativa, nomeadamente pela impossibilidade de construção e implementação de uma extensão intersubjetiva, que proporcionaria a Francisco a distinção entre Eu e o Outro (Badaracco, 1986).

12. Conclusão

Este estudo teve como objetivo, através da metodologia utilizada, que coloca o sujeito psicológico e a vivência subjetiva no centro da investigação, a possibilidade de escutar o sujeito a falar de si mesmo e da sua vivência, de forma livre e aberta, e de aceder à subjetividade implícita na questão inicialmente colocada, permitindo assim que se realizasse uma abordagem e análises teóricas capazes de prestar um contributo, pela via deste tipo de investigação, para a área da psicologia clínica.

Retomando as noções teóricas que deram lugar à análise apresentada, e indo de encontro ao que sugere Pastori (2006) o sofrimento que se apresenta na clínica da migração aponta para uma dificuldade muito própria desta vivência: a dificuldade em sair de uma posição e assumir outra.

Assim, a mudança dos referenciais culturais, que acontece no caso do processo migratório, modifica a forma como o sujeito se constitui, e se constitui nesse lugar. As condições pelas quais se é levado a constituir um lugar no mundo dependem da forma como essa rutura é vivenciada pelo sujeito. Contudo, pode considerar-se transversal a esta vivência, a existência de uma necessidade de resgate das heranças (Pastori, 2006).

Ao pressupor o afastamento do lugar de origem e, em consequência dessa situação, o afastamento de referências que fazem parte da sua identidade, é possível verificar-se que algumas das contingências que acompanham o processo migratório vêm dificultar o confronto com o diferente e o novo, podendo consequentemente assumir contornos vivenciados pelo sujeito de uma forma particularmente ameaçadora. Neste sentido, ao procurarem-se algumas aproximações, nomeadamente à problemática identitária conforme é abordada por Devereux (2009), pôde constatar-se a presença de certas semelhanças no que diz respeito ao conflito imposto por esse impasse, no processo identificatório.

Assim, o sofrimento migrante, compreendido sob o ponto de vista de quem está colocado entre mundos diferentes, faz emergir consequências psíquicas que se podem desenvolver a partir desta vivência tão particular que é a migração.

No decorrer das considerações teóricas efetuadas em torno da temática em análise, emergiu a ideia do desamparo inicial, que embora surgido nesta análise através da alusão ao seminário de Lacan “*A angústia*” (1963, cit Berta e Rosa, 2005), teve a sua origem nas concepções de Freud sobre o tema. Não tendo sido muito desenvolvida, a ideia de “desamparo inicial” teve um forte assento na análise que fizemos da narrativa do Francisco, na medida em que nos levou a focar o tema da transmissão psíquica entre gerações, particularmente, através dos postulados teóricos de Kaës, Faimberg e Badaracco, para dar conta do cerne da problemática identitária, sugerida no caso do Francisco, e surgida da questão inicial que deu impulso à sua narrativa, cujo objetivo, como já referido neste trabalho, foi aceder à subjetividade do participante, no contexto do seu vivido na condição de sujeito imigrante.

O tema da transmissão psíquica transportou-nos às ideias iniciais de Freud sobre a transmissão e às teorias psicanalíticas de grupo, que permitiram o seu enquadramento, enquanto entidade constituída por uma realidade psíquica própria, influenciada pelos sujeitos que o formam, e que contribui para a organização da vida psíquica dos mesmos, sendo que estes processos são passíveis de serem explorados através da natureza do vínculo intersubjetivo, e dos processos de identificação (Kaës, 2003).

Através das noções fundamentais de Faimberg (2006) e Badaracco (1986) foi-nos possível compreender as particularidades dos processos de transmissão psíquica e que, na sua vertente mais negativa, conduzem a perturbações no acesso à subjetividade, à identidade e à alteridade, devido à impossibilidade da criação de um espaço psíquico que permita o seu desenvolvimento.

Através da análise da narrativa do Francisco, podemos dar-nos conta de como o quadro intersubjetivo de transmissão psíquica é capaz de comportar aspetos negativos, que se revelam na impossibilidade da construção de uma identidade, e, por conseguinte, resultando num bloqueio do seu espaço intrasubjetivo. Francisco parece ter ficado aprisionado na vivência não elaborada da geração anterior, permitindo-nos dizer que estamos perante uma Telescopagem de Gerações, onde o Eu dos sujeitos se encontra alienado na subjetividade de Outro, onde o objeto se constitui como permanentemente intrusivo, impossibilitando a criação de um espaço que permita o desenvolvimento psíquico de Francisco (Faimberg, 2006).

É assim, que percorrendo considerações teóricas de grande valia psicanalítica, todas elas essenciais e reveladoras quando considerado o sujeito humano e psicológico, particularmente a disciplina psicanalítica, que se foi revelando claro o fenómeno da imigração, enquanto saída do lugar de origem para outros lugares (estranhos e desconhecidos), que inscreve o sujeito numa vivência de enormes contornos representativos, cuja relevância se mostra mais do que suficiente para se dê continuidade ao desenvolvimento de reflexões mais profundas, para que possam ser promovidas novos olhares sobre esta questão.

A possibilidade de podermos dar continuidade ao uso do método utilizado, constituiu-se como mais uma evidência das suas numerosas possibilidades e potencialidades, no sentido de colocar em destaque os efeitos do afeto, os conflitos dinâmicos, os processos intersubjetivos inconscientes, bem como, as práticas incorporadas na formação da identidade, tal como refere Hollway (2009).

Como limitação deste estudo aponta-se o facto de não terem sido utilizadas outras narrativas, o que permitiria perceber, da existência e do tipo de diferenças, que poderiam ser encontradas na expressão de outras subjetividades, que, possivelmente, fariam emergir outros temas de análise, com potencial analítico diferenciado capaz de prestar um contributo mais alargado para o fenómeno da imigração.

Como sugestão para estudos futuros podemos pensar na possibilidade de uma investigação em contexto psicoterapêutico, com o sujeito do estudo, que permitiria uma compreensão mais aprofundada, de como se fundam e onde se encerram os processos específicos de transmissão psíquica no caso do Francisco, atendendo a que a vivência incorporada através do seu pai, se inscreve numa temática ainda pouco explorada, que é a vivência subjetiva no contexto da Guerra Colonial, onde a escravatura parece ter deixado a marca de uma série de impossibilidades de desmarcação desse vivido, por parte das gerações posteriores. Neste mesmo sentido, seria interessante poder aceder, através do mesmo método com que desenvolvemos a presente investigação, à subjetividade do filho de Francisco, já que parecem evidentes os conflitos relacionais existentes entre pai e filho, identificados pela clara dificuldade que Francisco manifesta, em integrar a forma como o filho olha o mundo, acrescentando o facto do mesmo, já ter nascido em Portugal – o lugar de acolhimento de Francisco - o que tornaria a futura investigação ainda mais aliciante.

Por último importa referir que a aprendizagem que este estudo possibilitou não se encerra neste momento, e deixa lugar a que, possivelmente, sejam abertas novas questões para que outras investigações tenham lugar, na busca de novos conhecimentos e novos significados.

13. Referências Bibliográficas

- Badaracco, J. (1986). La Identificación y sus vicisitudes en la psicosis. La importância del concepto "Objeto Enloquecedor". *International Journal of Psycho-Analysis*, 67, 217-227.
- Barros, M. L., & Bairrão, J. F. (2009). Psicologia Social e Políticas de Existência: Fronteiras e Conflitos. *XV Encontro Nacional da Abrapso*, 2-9.
- Barros, M. L., & Bairrão, J. F. (2010). Etnopsicanálise: Embasamento crítico sobre teoria e prática terapêutica. *Revista da SPAGESP – Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 11 (1), 45-54.
- Bibeau, G. (1997). Cultural Psychiatry in a Creolizing World: Questions for a New Research Agenda. *Transcultural Psychiatry*, 34 (1): 9-41
- Bouche-Florin, L., Skandrani, S. M., & Moro, M. R. (2007). La construction identitaire chez l'adolescent de parents migrants: Analyse croisée du processus identitaire. *Santé Mentale au Québec*, 32(1), 213-227.
- Castles, S. (2000). Ethnicity and Globalization. *London: SAGE Publications*, 79-95.
- Cuche, D. (2002). *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2. ed. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC.
- Devereux, G. (1956). Normal et anormal, Essais d'ethnopsychiatrie générale. *Éditions Gallimard*, Paris, éd. 1977, 1-83.
- Devereux, G. (1972). *Ethnopsychanalyse complémentariste*. Paris, Flammarion.
- Devereux, G. (1977). *Essais d'ethnopsychiatrie Générale*. Paris: Gallimard.
- Devereux, G. (2009). *La renonciation à l'identité: Défense contre l'anéantissement*. Saint-Germain, Paris: Petite Bibliothèque Payot.
- Dubar, C. (1991). *La socialisation. Construction des identités sociales e professionnelles*, Paris, Armand Colin.
- Eiguer, A. (1997). Transgénérationnel et temporalité. *Revue Française de Psychanalyse*, Paris, v. 61, n. 5, p. 1855-1862.
- Fernandes, W. (2003a). A importância dos grupos hoje. *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 4 (4), 83-91. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702003000100012&lng=pt&tlng=pt

- Faimberg, H. (2006). El telescopaje de generaciones: genealogia de las identificaciones alienantes. In *El telescopaje de generaciones: A la escucha de los lazos narcisistas entre generaciones Madrid: Amorrortu editores*, p. 23-45.
- Faimberg, H. (2006). La «escucha de la escucha»: una contribución al estudio de las resistências narcisistas. In *El telescopaje de generaciones: A la escucha de los lazos narcisistas entre generaciones Madrid: Amorrortu editores*, p. 46-63.
- Freud, S. (1976). *Psicologia de grupo e análise do ego* (J. Salomão, Trad.). Em Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1996). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. In: S. Freud, *Obras Completas*. (Vol XII; J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1911).
- Freud, S. (1973). *Pour introduire le narcissisme*. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1987). *Conferências introdutórias à Psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).
- Herbin, A. (2007). Exil et transmission psychique: Sur la route. Consultado em 6 de novembro de 2016, através de:
http://www.geneasens.com/dictionnaire/exil_et_transmission_psychique.html
- Herrmann, F. A. (2001). *O método da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2000). *Doing qualitative research differently: Free association, narrative and the interview method*. London: SAGE Publications.
- Hollway, W. (2003). Psychoanalytic Methods. In A. E. Bryman, A. Bryman, & T. F. Liao, *The SAGE Encyclopedia of Social Science Research Methods* (pp. 879-880). London: Sage Publications
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2008). *The free association narrative interview method*. In L. M. Given (Ed.), *The SAGE encyclopedia of qualitative research methods* Sevenoaks, California: Sage, (p. 296-315).
- Kaës, R. (1998). Une différence de troisième type. In R. Kaës (Ed.), *Différence culturelle et souffrances de l'identité*, Paris: Dunod, (p. 1-18).

- Kaës, R. (1993). *Transmission de la Vie Psychique entre Générations*. Paris: Dunod.
- Kaës, R. (2003). *As Teorias Psicanalíticas do Grupo*. Lisboa: Climepsi. (obra original publicada em 1999).
- Kaës, R. (2005). *Espaços Psíquicos Compartilhados: transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kris, A. O. (1996). *Free Association: Methods and Process*. London: Routledge.
- Laplanche, J. (2004). *Vocabulário de Psicanálise*. Laplanche e Pontalis. São Paulo: Martins Fontes
- Laplanche, J. (2005). *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense.
- Laplanche, J. (2007). *Ethnopsychiatrie psychanalytique*. Paris: Beauchesne.
- Lioger, R. (2002). *La folie du chaman: Histoire de l'ethnopsychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro T. (2007). Transmissão psíquica geracional: um estudo de caso. In T. Féres-Carneiro (Eds.), *Família e casal: Saúde, trabalho e modos de vinculação* São Paulo: Casa do Psicólogo, (p. 341-364).
- Malinowski, B. (2000). *La vie sexuelle des sauvages : du nord-ouest de la Mélanésie*. Trad. S. Jankélévitch. Paris: Payot & Rivages, Original publicado em 1929.
- Marques, M. E. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach: Modelos de observação e teorias das transformações em Psicologia Clínica* (2.^a ed.). Lisboa: Climepsi.
- Marques, M. E. (2001). *A Psicologia Clínica e o Rorschach* (2.^a ed.). Lisboa: Climepsi.
- Mohamed, A. (2001). Vivre son adolescence à la croisée de deux cultures: *Entre crise identitaire, rupture, délinquance et galère? VEI Enjeux*, 126, 166-186.
- Moro, M. R. (1994). *Parents en exil, psychopathologie et migrations*. Paris: PUF.
- Moro, M. R. (2002). *Enfants d'ici venus d'ailleurs: Naître et grandir en France*. Paris: La Découverte.
- Moro, M. R. (2003). *Parents-enfants en situation migratoire: Une nouvelle clinique des métissages*. In T. Baubet & M. R. Moro (Eds.), *Psychiatrie et Migrations*. Paris: Masson.

- Moro, M.; De La Noe, Q; Mouchenik, Y. (eds.). (2006). *Manuel de Psychiatrie transculturelle: Travail clinique, Travail social*. Grenoble: La Pensée Sauvage, Ed.
- Nathan, T. (1988). Migration et rupture de la filiation. In A. Yahyaoui (Ed.), *Troubles du langage et filiation chez le maghrébin de la deuxième génération* Grenoble: La Pensée Sauvage. (p. 7-11).
- Nathan, T. (1990). *La follia degli altri*. Firenze: Ponte Alle Grazie.
- Nathan, T. (1995). *Psychoanalyse païenne*. Paris, Odile Jacob.
- Nathan, T. (2013). *La folie des autres: Traité d'ethnopsychiatrie clinique* (2ª ed.). Paris: Dunod. (Obra original publicada em 1986)
- Paduart, P. (2008). De Freud à Devereux: Naissance de l'ethnopsychanalyse. *Revue Belge de Psychanalyse*, 52, (p.83-101).
- Passos, M. & Polak, P. (2004). *A identificação como dispositivo da constituição do sujeito na família*. Mental, v.2, n.3, Barbacena.
- Pastori, S. S. (2006). *Mudança de lugar/lugar de mudança: Impasses psíquicos no processo migratório* (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo). Recuperado de http://www.bc.ufpa.br/Portal/...2006/PASTORI_Suzana.htm
- Passos, C. & Bertin, I. (2003). *A transmissão psíquica em debate: breve roteiro das concepções psicanalítica e sistêmica*. Interações v.8 n.15 São Paulo
- Pedneault, C., Ammara, G., Luong, T. N., & Rashed, S. (2006). Le Clinique transculturelle à la clinique de pédiatrie de l'Hôpital Maisonneuve-Rosemont: De filiation en métissage. *Santé Mentale au Québec*, 31 (2), (p. 57-71).
- Quinodoz, JM (2007). *Ler Freud. Guia de leitura da obra de S. Freud*. Porto Alegre: Artmed
- Robriguez, B. & Gomes, I. (2012). *Novas formas de parentalidade: do modelo tradicional à homoparentalidade*. Boletim de psicologia, vol.62 no.136, São Paulo
- Rosa, M., Berta, S., Carignato, T., Alencar, S. (2009). A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. *Rev. Lationam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 497-511.
- Santos, M. (2010). A noção de identidade e seu uso nos estudos migratórios. *Rev. Inter. Mob. Hum.*, Brasília, Ano XVIII, Nº 34, p. 27-43.

- Scliar, M. (1997/1998). Sonho em Movimento: a imagem do imigrante na literatura brasileira. *Revista USP. São Paulo (36):136-139.*
- Silva, T. (2000). *A produção social da identidade e da diferença.* In: Silva, T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis: Vozes.
- Thompson, J. B. (2009). *Ideologia e cultura moderna.* Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes.
- Trad, L. (2003). Processo Migratório e Saúde Mental: Rupturas e Continuidade na Vida Cotidiana. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 13 (1): 139-156.
- White, L. A. Dillingham, B. (2009). *O conceito de cultura.* Rio de Janeiro: Contraponto.
- Woodward, K. (2009). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, T. *T. Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais.* Petrópolis: Vozes Ltda., (p. 7-72).
- Yin, R.K. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e Métodos.* trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman.

ANEXO

Transcrição da Entrevista

Segue-se a descrição do contexto metodológico onde se insere, já um pouco adiantado nesta introdução. A análise da narrativa do Francisco um homem de cinquenta e sete anos, nascido em São Tomé e Príncipe, que ainda menino imigrou para Cabo-verde, e já adolescente, imigrou para Portugal, onde permanece até hoje

Fernando, 57 anos

Nacionalidade: São Tomé e Príncipe

Profissão: Contínuo numa Empresa de Marcas e Patentes e Músico

(1h48m)

(Agradecimentos)

F: Qual é a pergunta então?

E: A pergunta é: Fale-me da sua experiência de imigração...

F: A minha experiência de imigração são várias... que eu saiba desde os anos de 76, né...? Acho que passei por várias experiências... acho que não há tempo, não há tempo, nem há livro que cabe a história da minha imigração... eu passei por tantas... não sei... portanto... na área social, na área profissional, como estudante... o dia-a-dia... não sei agora... experiências há bastantes... qual a experiência que queria que eu me baseasse? Não sei...

E: A sua experiência enquanto imigrante... sendo o Ferrando de Cabo-verde, tendo emigrado para Portugal... a sua história, digamos assim... a deslocação da sua terra natal para outro país, desconhecido, à partida...

F: Em relação à deslocação, quero corrigir o seguinte: sou filho de cabo-verdianos, nascido em São Tomé e Príncipe... então a primeira deslocação não se deu em Cabo-verde para Portugal, mas sim de São Tomé e Príncipe para Cabo-verde, de Cabo-verde para São Tomé e Príncipe, de São Tomé e Príncipe para Cabo-verde e de Cabo-verde para Portugal. Portanto a minha imigração... eu posso dizer que já sou imigrante desde feto... já era imigrante...isso para mim... daí eu dizer que tenho uma longa história como... portanto como imigrante. Desde que me recordo... eu nasci numa roça, em que aos meus 7, 8 anos de idade, os meus pais já me levantavam de cama para acompanhar

as roças... portanto... nas colheitas... colheitas de café, ou seja, colheitas de produções... café, cacau, coco... ainda miúdo... aí que eu digo... quase não tive infância, nunca tive um brinquedo... até aos meus 9 anos de idade nunca tive um brinquedo... tinha que levantar, ajudar os pais nas colheitas, pois tinha que chegar a casa... tomar o banho... não sei se era banho (risos) porque aquilo é... está por debaixo de equador, chove de dia e noite... nós andamos sempre de corpo lavado (risos), exceto os pés que vinham cheios de lama... então os pés é que estavam sempre sujos... agora de resto... depois tinha de fazer o meu comer e aos meus 7, 8 anos numa roça, pegar nos livros, deslocar km e km para uma cidade e ia para o ensino... ao fim do dia, já de noite, voltar a fazer mesmo percurso. Como uma criança... nem tive tempo para brincar... saía de casa de manhã, das colheitas, lá acompanhava os pais... ao meio do dia vinha para casa preparar os meus fazeres, ia p`ra escola por volta das 7, 8 horas e quando saía da escola encontrava os militares... na altura nós chamávamos os caçadores... portanto, eram os militares que estavam... então eu vendo a jogar os militares numa cidade a sete, oito km... eu tava... então eu também queria jogar e perdia-me no tempo... no tempo, quando desse por mim, já era de noite, de noite, e não havia iluminação... cidade até roças, quem se lembra daquilo nos anos 70, não havia iluminação... então, meu Deus... Agora como que eu vou? Como que vou regressar à roça? Como que eu vou regressar a casa dos meus pais? Com medo dos bichos... por vezes chegava a bater nas portas das pessoas pedindo agasalho... me deixasse dormir... para o dia seguinte, porque tinha medo dos animais, ou medo de outras consequências e... quando sim, não acontecesse, então tinha de regressar mesmo p`ra roça... à noite! Será que eu estou no caminho certo? Vendo ao fundo... vendo e vindo... vendo ao fundo um vulto... só poderia ser meu pai, né? Ao encontro do filho... Meu Deus do Céu! O meu pai claro... com medo do filho perdesse ou tivesse acontecido algo... batia, claro... eu hoje sou pai, eu reconheço. Eu também era capaz de bater... Batia, mas coitado de mim... eu também era... era a única hipótese que eu tinha de mexer com uma bola... de brincar com uma bola... na roça não tinha bola... Nem se fala televisão, nem um brinquedo (risos) nada disso! E quando chegava a casa já cansado... cheio da fome... comia na cama... e era assim sucessivamente... diariamente... foi assim ao longo de anos e anos, até que 69 regressámos de vez para Cabo-verde, né? Ainda me recordo. Hoje tenho aqui, estou aqui tão perto, onde paravam aqui os barcos da CNN – Companhia Nacional de Navegação... a última viagem... portanto... parece que foi no dia 31 de outubro de 69... foi num barco chamado Quanza... Quando chegamos a Cabo-verde... eu, em

pleno dia... entrava, portanto, na zona portuária... no porto de Cabo-verde... a cidade da Praia, onde é agora... então Santiago... Vendo uma ilha deserta... uma ilha toda seca... eu disse: Meu Deus, onde é que nós estamos? Na altura tinha 9 anos de idade. Disse: Nã... pai, pai, mãe, mãe nã! Eu não quero desembarcar... eu tenho de voltar... eu quero voltar! Tenho de voltar para a ilha... eu não conheço isso! Ainda com aquele horário... muito calor... um calor intenso e... tudo cheio de pó... Eu disse: “Ai Meu Deus!” – Aquilo foi terrível p`ra mim! Foi terrível para me adaptar... foi muito terrível para nos adaptar. Todos os dias agente chorava... portanto, na altura, era eu - o Fernando, o meu irmão... hummmm... era eu mais três... portanto... eu mais três... foi terrível! Mas pronto! Com o tempo... criança tem que se adaptar...

E: Terrível para de adaptar? Disse?

F: Foi terrível por causa... p`ra já, os mantimentos... na alimentação não tinha nada... Em termos de frutas, Cabo-verde..., ... porque são São Tomé por natureza... São Tomé e ilha de Príncipe, por natureza... Sabe que aquilo chove diariamente... daí que se diz que o povo de São Tomé malandro. Porque a natureza também ajuda. Quando chove tem tudo. São Tomé, agente não precisa cavar para ter uma batata, nem uma mandioca, nem ... aquilo é espontâneo... é espontâneo... daí que eu dou a razão ao povo de Cabo-verde, que o povo de São Tomé não quer trabalhar... porque a natureza oferece... e quando se diz que o povo cabo-verdiano é trabalhador... Sim! É trabalhador... mal de si se não trabalhasse muito, morria então! É trabalhador ou procura subsistência? É lutador pela subsistência! Daí que se diz que Cabo-verde... se for preciso semeia-se por cima de uma montanha... semeia-se uma batata ou milho, ou qualquer coisa... ou plantasse uma batata, um milho ou um feijão... porque tem de fazer isso! Porque a natureza não oferece nada... E eu não estava habituado! São Tomé, se a pessoa quisesse comer uma banana, era só chegar e comia uma banana. Se quisesse uma papaia, chegava, tinha uma papaia... quer uma mandioca, quer um feijão, tem! Agora em Cabo-verde não! Eu não estava habituado àquilo. O peixe com abundância! Eu ainda me recordo... há um peixe chamado xarouco, que se pesca muito nos rios, porque há muitos peixes... Então vou pescar também! Se for preciso eu pescava uns xaroucos e fervia uma banana e pronto! Fazia isso e depois ia para escola. Em cabo-verde (risos) Nada disso! Nada! Bom... mas... foi difícil, pois quando chegamos a Cabo-verde, o meu pai, ou os nossos pais, na altura... a habitação era tão limitada, tão limitada... ainda por cima foi danificada porque tinha acontecido um incêndio... a casa era coberta de colmo e houve um

incendio... nós tínhamos que deitar na casa duma avó... Mesmo assim na nossa avó, tinham vizinhos... tinham vizinhos que partilhavam partes de casa na qual nós deitávamos... Dai que tem... ou que havia, uma tradição que chamada Morabeza. É isso! É partilhar, que em cabo-verde... na altura, partilhava-se tudo que agente tem partilhava-se em tudo. Na educação, na saudação... em tudo partilhava-se... Mas hoje, presentemente... eu posso dizer, que infelizmente, eu vim de lá há meses... quando posso, vou! Tenho ido ultimamente uns anos, e nota-se que infelizmente já não é a mesma coisa... não sei... porque hoje o mundo é muito materialista... vivemos à base do material, né? É verdade! Hoje só vivemos à base de material. Aquela morabeza que havia... “bom dia!, Boa tarde, boa noite”... não é só na Europa! Também lá fora isto está a acontecer... dia-a-dia... estamos a perder. Não quer dizer que não haja em partes... mas ainda continua a haver... aquela abundância que havia há uns anos nas décadas anteriores... isto não! Claro! Como sabe, eu penso que é a nível mundial! No dia-a-dia estamos a perder aquela maneira acolhedor, certo? Como cá em Portugal, também dizem... em Lisboa... o procedimento de acolher uma pessoa não é o mesmo... o processo de acolher não é o mesmo que lá no norte, né? Ou se formos uma ilha nos Açores, como já tive na Ilha dos Açores... já tive na ilha da Madeira... a maneira e o procedimento de receber as pessoas... é o respeito! É o respeito! Ou como ia dizendo... Em Cabo-verde... sim! Depois fomos andando... costuma dizer-se que as crianças habitam-se e aprendem depressa... sim! Fomos adquirindo novos amigos... (risos) não sabia falar crioulo... para falar com as crianças... mal percebia, e nós tínhamos uma maneira de conversar, e gozavam muito connosco... “he pá lá... tão os vindo lá de sul”... os de sul está mais pegado ao norte e ilha de príncipe e são tome está mais ao sul... “la vieram de sul”... até hoje tenho um irmão que é o “Sul”! Sul, porque eramos os miúdos... Nós achávamos que eram mais rebeldes... picarias... Gostavam de guerras e não estávamos habituados... Eu então, sofri muito! Até hoje posso dizer... Eu não sou um homem tímido. Eu vivo mais pelo respeito... O respeito para mim acima de tudo... Eu não sei se sou um homem tímido ou se sou um homem respeitador, porque timidez chega a uma altura que todo o homem perde a timidez! É verdade! Há momentos que o homem (risos) é obrigado a cometer besteiras porque senão não se safa... Só que hoje é um novo procedimento... Mas é o respeito! Não havendo respeito, não havendo disciplinas e regras o homem jamais... porque eu não sou obrigado a ser um Doutor, eu não sou obrigado a ser um enfermeiro, um piloto... um arquiteto, porque não tive possibilidades... Nós eramos 5 filhos... e ainda continuamos a ser 5 filhos... o Nosso

pai... ou seja... os nossos, quando desembarcamos em Cabo-verde não tínhamos possibilidades... Ainda tivemos muito tempo... Ainda me recordo o primeiro emprego do meu pai... ainda tivemos uns anos... em 69 foi ganhar 600 escudos... 600 escudos para sustentar uma família composta por 7 pessoas... é difícil! ...,... Para dar de estudar... pronto... para sustentar no ensino, educação, na saúde, na alimentação... depois no vestuário... era impossível! Eu... sacrificámos, conseguimos... Já na altura tínhamos levado transferência escolar no ensino... Chegamos a Cabo-verde para nos adaptar... estudar na escola primária... fomos chumbando... porque não tinha condições... não há livros, não há cadernos, não há lápis, não há caneta, não há papel... não dinheiro para pagar propinas... parece que na altura era 7 e quinhentos... não há, não há! Não há nem 50 centavos... agente queria meio escudo para comprar um bolo... havia colegas a comer na escola, no intervalo, e um tipo ficava ali a lamentar, mas pronto! Fazia parte da vida... mas sempre mantendo aquela disciplina, as regras, a educação... não tentando subtrair coisas alheias... levar vida com honestidade. Havia dias que agente comia, havia dias que agente não comia.... Mas pronto! Isso... fomos superando... superando com calma... eu acho que houve uma bênção de Deus! Nós fomos superando com dificuldades até o pai foi também conseguindo outras colocações, porque infelizmente, na altura – agora não – mas na altura trabalhava-se mais os homens, porque as mulheres ficavam em casa a cuidar dos filhos, né? Então só o pai para trabalhar, sustentar... foi difícil! Foi muito difícil! Contruir a casa... Sabe o que é uma criança com 9 ano ou 10 anos, ter que fazer uma distância de 3 ou 4 km para ir buscar... conseguir carregar latas de areia em cima da cabeça, para conseguir transportar areia da praia, ajudar... apanhar cascalhos... para ajudar a fazer habitação para nos manter. Isto rouba-nos o tempo... Não temos tempo para jogar, para estudar, não temos tempo para nada...

Assim se foi sucedendo até aos meus 16 anos de idade... então deparei-me sempre com essas dificuldades. Depois fiz a escola primária... da escola primária fui para ciclo. No ciclo pronto! Não cheguei a acabar o ciclo e na altura cheguei a pertencer a Nova Mocidade Portuguesa! Terrível Também! O que é que eu fiz? Olha... a minha farda de Mocidade... adquirida no primeiro ano do ciclo, porque quando eu entrei na Nova Mocidade Portuguesa, na altura, foi o Marcelo Caetano numa visita a Cabo-verde e então na Mocidade nós tínhamos instruções e tudo aquilo... No fim do ano tínhamos que repor as mesmas fardas de mocidade... Então no final... o que é que se passa? Eu

sempre tive curiosidade e estimação pelos animais... isto é... os pássaros! Porque em São Tomé muitos papagaios, muitas rolas... Então chego a Cabo-verde... he pá... ao menos um casal de pombos eu queria ter aqui... Gozavam muito comigo! Mas e o que mais aprecio. É o pássaro! Por causa da sua liberdade... as suas cores... espontaneidade... eu... pequei farda da Mocidade e não sabia... porque sempre que dizia a colega “arranja-me um casal de pombos!”... Ele dizia assim: “ Não! Tu és da Mocidade Portuguesa. O meu sonho um dia é vestir a farda da Mocidade.”. E eu disse então: “Então o que é que tu queres?” E ele... “Ou vendes-me a farda da Mocidade por 70 escudos ou dás-me a farda da Mocidade e eu dou-te os pombos”. E assim fiz! (muitos risos) E então quando chegou o fim do ano... a requisição disseram: “Ho Gonçalves... a tua farda da Mocidade? – Eu perdi a farda da Mocidade! ... He pá... fui expulso de ciclo (risos)... Eu não queria dizer nada... Depois o individuo era tão crescido... batia tanto... É que nem farda, nem pombos... fiquei sem nada! Eu nunca mais me esquece disso!

Aos meus 16 anos, então disse ao pai... “Ho pai, tu tas a sacrificar muito... é verdade – nas ferias de minha escola eu ia ajudar o meu pai num estabelecimento... era um estabelecimento chamado “Adega do Leão” na cidade da Praia... então eu ajudava... nem tempo para ir à praia, porque tinha de ajudar o pai... é porque o dinheirinho que eu recebia... olha o diminutivo... o dinheirinho era para ver se desse para comprar caderno, um lápis... um tostão no bolso para no intervalo comer também uma bola de Berlim... uma bola com creme! Nunca tinha comido... aquilo fazia uma grande com fusão! Muita dificuldade!

Então aos meus 16 anos de idade... disse: “Ho pai! Nós somos tantos na família... Porque o meu pai na altura que se dava muita imigração, os imigrantes que vinham para Portugal... imigrantes com poucas formações vinham cá e trabalhavam ou nas minas, ou na obras... eu não sei... trabalhavam e chegavam lá e diziam: “Ho Sr. Luís... Você tem aqui um rapaz com 16 anos... se o deixasse imigrar, talvez a vida tornaria mais fácil, porque é menos um na família.... Menos custo! E lá ganha-se!”. Eu não tinha noção e quando ouvia aquelas palavras ia para cama, mas não dormia. Então tentei convencer o pai. “Ho pai... se me deixasses viajar...”. Então o pai chegava à noite e ia falar com a mãe. Ficavam os dois a chorar e diziam: “He pa... Nos nunca nos abrimos e agora vamos deixar o miúdo com 16 anos ir embora... assim sem mais sem menos”.

Mas isso é natural! Eu quando me recordo até vem lagrimas aos olhos... a mãe chorava, o pai chorava e eu... dizia: “Eu vou tentar!”.

Até que uma vez o pai disse: “Fernando, tu realmente tu queres tentar?”. Eu disse: “Sim, pai. Eu quero viajar!” Mas... depois... Com 16 anos, eu vou para onde? Sabe que na altura... 16 anos... nos anos de 76... o que é que é um miúdo de 16 anos? Vou para quem? Então espera aí... haaaaa... No regresso, ou seja, quando estávamos em São Tomé e Príncipe, também haviam mais nativos de Cabo-verde que estávamos na mesma roça. Conhecíamos uma pessoa, que tratávamos como se fosse família, e essas mesmas pessoas regressaram connosco a Cabo-verde... então o pai disse: “olha... então nesse caso tu vais tentar viajar e vais parar a casa de tal pessoa... e então... “tudo bem!”. Comunicaram-se entre eles e disseram: “Então manda-me o Fernando!”. Hooo Meu Deus do Céu!... Meu Deus... nem dá para contar... Porque se eu for contar a história de 76 até aos anos de 2016... Já viu isso? Nem sei haveria tinta...

Então 76, 20 de dezembro... 76... Lá vem o Ferrando para Portugal. Sozinho! Eu não sabia o que era o frio! A minha vida era ao sol... aquele calor intenso... até no Natal há sempre aquele sol... então o pai consegue arranjar-me 600 escudos para pagar a viagem de capital... cidade da Praia, até Ilha do Sal... 600 escudos. Vou de Praia até Ilha do Sal. Fui como estudante. E da Ilha do Sal até Portugal, na altura a TAP... pagava-se 2 contos... Então a minha viagem nem chegou a 3 contos. 76... Então 76, saio de Praia, Capital, e dia 20 de dezembro... choro em casa... parecia que tinha morrido alguém... Fernando vai-se embora! 20 dezembro de 76 saio de cidade da Praia fazendo voo para Ilha do Sal apanhar o voo que vem para Portugal. Chegando ali os voos não estavam confirmados. Começaram ali as dificuldades. Tive que ficar 2 dias na Ilha do Sal. Com 16 anos, sozinho, sem conhecer ninguém...

Então, como vinham mais pessoas, disseram: “Não. Nós vamos para tal sitio, vamos levar o miúdo”. La vai o miúdo! Dois dias na Ilha do Sal. 20 e 21. 22 de madrugada tínhamos de partir p'ra Portugal. O meu espanto... ver ali aquele monstro fazendo barulho... e eu... “Vou viajar naquilo...”. 22 de dezembro pela madrugada arrancamos do Sal para Portugal Continental... para a Portela. (Risos). Excusa dizer... o Fernando trazia umas calças, chamava-se boca de sino, de riscas... uma camisa de manga comprida... 20 de dezembro nessa altura... sem casaco... Eu sabia lá o que era frio... Hooo meu Deus do Céu! Quando chego ao aeroporto, elas 7 da manhã... eu disse: “Não. Eu não... daqui não saio porque ainda era de noite... dentro do avião vinha

quente... ar condicionado... ar quente... Quando saio do avião para ser transportado até à gare, ou serviço de fronteiro... passaporte... trazia uma mala pequena... Peguei na mala e quando cheguei não conseguia abrir a mão por causa do frio... chorava... Eu queria voltar no mesmo avião (risos). Chorava ao meu pai e à minha mãe... Agora não tem de voltar! O menino tem de seguir em frente!

Fizeram o despacho na alfândega e tinha de apanhar um táxi até... até Sintra... isto é... praia das maçãs, e depois azenhas de mar... E depois ainda tinha que ir para uma quinta... Quando lá cheguei e vi uma quinta... Não! Isto em filmes! Eu não acredito! Cheguei por volta das 10 ou meio-dia..., mas o frio era tanto que o céu não se via nada... Ali pronto! Só me recordo, que quando me viram de camisa... pensava que ia morrer... Trouxeram-me um sobretudo... Deitei-me dentro daquele sobretudo 3 dias. Eu não conseguia levantar de cama... com frio. Deitei-me 3 dias. Eu quando acordava, sonhava, acordava... pensava que estava em Cabo-verde... chorava todos os dias... Ai meu Deus do Céu! Eu vou morrer aqui! (risos).

Eu chorava e diziam: “Hooo miúdo... tenha calma... isto é assim.”. Mas eu não aguentava... chorava, chorava... metiam comida na mesa... Eu não comia. Eu não despeia aquela roupa... porque não dava! Chegava ao quarto... aquilo era uma quinta... escorria água pela parede... XXXXXX... Ficando, ficando, foram-me convencendo...

Depois disseram: “olha... tens de fazer algo pela vida... tens de trabalhar...”. Eu disse: “trabalhar? O que é que é trabalho, aqui? – Porque aquilo era uma quinta num aviário... eu sabia lá o que eram galochas! Disseram: “Olha... você vai ter que usar galochas, vai ter que usar aquilo...”. Que são galochas?”. Galochas são umas botas de... (risos) que vinha até joelhos...

Começaram a mostrar-me aviários, animais... Eu disse: “he pá...”... Colheitas de fruta... matar galinhas... depenar galinhas... produziam ovos, galinhas... Então o que é que eu vou fazer? Qual é o trabalho? – Trabalho é distribuição de rações no aviário... tinha de levantar às 4 da manhã... porque num aviário as galinhas não dormem, 24 horas... O primeiro trabalho é fazer é colheita de ovos... são milhares de ovos... carregar cestos em cada mão... Eu ainda era miúdo... São pavilhões, e pavilhões e pavilhões... Colheitas de ovos... aquele cheiro... aquelas luzes... as fezes das galinhas.... Eu não estava habituado... alergia... comecei a ter mesmo problemas gravíssimos... Portanto... fazia-se a colheita, e depois a distribuição das rações...

Transportar sacos de farinhas... 50 kg às costas... Na altura, 30 a 50 kg às costas... 16 anos, e eu tinha que fazer aquilo... A sério! Eu pensei... Acho que estou no fim do mundo... Acho que vou morrer sem ver meu pai e minha mãe e meus irmãos... Quando me acordavam, descalço... jogar à bola na beira da praia... e agora tou aqui ... Eu me arrependi mesmo. Chorava todos os dias... Que eu saiba, numa semana, mandava 2, 3 cartas para Cabo-verde... a solicitar que me mandassem buscar de novo, porque eu já não podia mais.

Olha... Fui vacinando... fui vencendo... assim sucessivamente... Depois as rações, à noite... Tinha muito pouco tempo... levantava às 4 da manhã, mas à noite... jantar, preparar... são cestos e cestos de frangos que eles matavam, para vir para loja... para distribuir... eles eram fornecedores diretos. Quando não assim fosse, era para ir para fábrica de madeiras... faziam carruagens em São João das Lampas... buscar amparas para meter... serraduras... que era para meter no aviário, no chão para quando as galinhas fizessem as fezes tem que se por aquilo, para quando fazem as fezes cair em cima daquilo. Depois, tinha de recolher aquilo tudo outra vez, para voltar a por... e assim sucessivamente.

Tentei comunicar... soube que a madrinha... tinha uma madrinha chamada Elisabete que vive em Lisboa, mas vive onde? Perguntei ao pai, e ele disse: “vive em tal sítio!”. Então um dia pedi para vir a Lisboa de comboio, e eles lá me libertaram. É que eu estava ali dentro como se fosse um escravo. Eu não podia sair. Aquilo... Então... Vim a Lisboa... e quando vi aquele meio de transporte enorme com luzes... primeira vez que viajar de comboio... tinha uns 17 anos... Comboio antigamente não era nada como antigamente, mas para mim era confortável (risos)... era um luxo (gargalhada). Vim até ao Rossio. Chego ao Rossio, vejo as luzes, casas e carros... aquilo... mas isto... “Será que estou em Hoolywood? Não! E descí... Mas eles sempre disseram: “Vai, mas tem de voltar!”

Quando cheguei, a minha preocupação era encontrar uma pessoa que se chama Elisabete, no meio de uma multidão... Quem é a pessoa? Aí... Mas não é que eu encontro a Pessoa?!

Eu perguntava no meio do Bairro Alto... tal, pessoa, tal, pessoa, tal pessoa... E perguntavam: “ Mas o menino está perdido? Não, eu não estou perdido. Eu quero encontra tal pessoa e consegui. Não ! NÃO É BEM ASSIM!

Antes dessa minha madrinha, havia um Senhor que ia muitas vezes a Cabo Verde, na Ilha de Fogo que chamava Domingos Fernandes! Não me espeço! Tinha de alcunha: “O Boi”. Ele dizia que vivia no Cabo Santana. Então eu vim e perguntava Cabo Santana... Eles disseram: “E ali cabo santana... uma comunidade, e encontrei! Encontrei e vou lá explicar a situação. E eles disseram: “ Lá não podes ficar! Tu voltas e vais dizer que vens para nossos pés. Assim o fiz. Eles libertaram-me e la venho eu outra com a minha malinha. Quando chego a Lisboa à comunidade onde agra é o Ministério, ao lado da Faculdade de Medicina... Marcos da Pátria... Eram uns prédios que diziam que tinham sido assaltado pelos refugiados... assaltavam as casas... e viviam aglomeradas e eu... Meu Deus! Mas também fui passando... Ali já estava num meio diferente. Foi-se dando tempo ao tempo e fui acostumando... e pronto!

Mas agora... Fernando... Afora sim. Agora vais ter que trabalhar. Neste país ninguém vive sem trabalho. Eu disse: Está bem!

Tinha 17 anos e disse: Eu trabalho nas obras... na construção e pessoas que vieram de Angola. Retornados, mas que eram portugueses. Lembro bem dois irmãos... um João Serra e outro Vítor Espadinha... são meus patrões e eu vou-te apresentar e tu vais trabalhar. Vais dar serventia. E fui dando serventia... remodelação de prédios....

Mesmo que eu quisesse estudar, não podia... fomos... fomos andando... O que é que eles fizeram? Então... Lembro-me um destes Senhores patrões disseram: “Vamos levar o Fernando para a Praia da Nazaré! O Fernando vai ter que levar as suas panelas, colheres... e levar tudo o que é necessário... o colchão... Ele vai! Está la mais pessoas e vai-se habituar. Vamos fazer uma creche. Transformar um supermercado numa creche. Tive que lá ir mesmo! Na altura já tinha 17 anos. Ficava, vinha só ao fim-de-semana ou de quinze em quinze dias. Dormia no mesmo prédio... 17 anos... Mas aí está! Por causa da educação... se olhar muito... portanto... a paciência, a tolerância... também vontade de conhecer... ia aproximando sempre e ouvindo conselhos das pessoas mais velhas... eu sempre procurei estar sempre com os velhos... porque os mais novos eu pensava que não iam- me dar bons conselhos. Podiam levar-me ao abismo... e ouvia os de mais idade... chamava-lhes mestres... Depois eles também, com a educação que eu apresentava, me convidavam para casas... eu ia, davam-me conselhos. Chegava hora de recolha, e eu tinha de me recolher... Chegava a hora das minhas obrigações, tinha de cumprir... Pronto!

Acabando a missão da Praia da Nazaré regresssei para Lisboa para junto dos mesmos... do mesmo Senhor. Ali quando estive... na casa dela então... foi quando eu procurei... comecei a conhecer mais pessoas e procurei a minha madrinha Elisabete... que já nos conhecíamos desde São Tomé e Príncipe. Consegui encontrá-la. Ela disse: “ Filho, tu vens para os meus pés... Aqui tenho filhos que já te conhecem. Quando fui para os pés dela, então... OK! Já estou melhor. Mas naquela fase dos meus 16 anos até essa data, derivado do sistema de alimentação... de não comer... não estava habituado... Eu me recordo que eu comia muitos ovos, porque aquilo no aviário haviam muitos ovos... Eles de manhã comiam muitos ovos e eu não estava habituado... aquilo eram omelete, café com leite e pão. Comiam-se muitos fritos e aquilo... o meu estomago não tolerou e acabei por arranjar um problema ao estômago. Comer fora de horas e em excesso de gordura... Eu não estava habituado. Arranjei um problema ao estômago.

Quando já estava com a minha madrinha... 17/18 anos tentei... ok! Agora ok! Procurei pedir transferência... queria me matricular para estudar. Indicaram-me a escola Manuel da Maia – Campo de Ourique, junto ao cemitério dos prazeres. Sim- Matricular-me. Trabalhava de dia e estudava de noite... com dificuldades. Mas já ali comecei tão mal... problemas de estomago iam-se acumulando no dia-a-dia... pronto... matriculei-me e fiz o ciclo ou a preparatória... não sei... Saí e fui matricular para a escola comercial Veiga Beirão (...)

Ou ia para a escola industrial ou para comercial. Fui para comercial. Mas tive que desistir. Trabalhava de dia e estudava de noite... surgiu-me uma perfuração no estomago... uma ulcera... gastrite... que eu não aguentava as dores... portanto... trabalhava de dia, estudava a noite e no repouso era só chorar de dores... Que havia de fazer? Dia sim, dia não tinha de ir para o centro de saúde. Os médicos disseram: “Mas um miúdo tão novo a sofrer desta maneira... isso não pode ser! Mas também como eu vim de uma lar, em que o meu pai tocava instrumentos... mais o cavaquinho.... Iam muitos músicos lá a casa. Desde pequeno encontrei instrumentos em casa. Meu pai não deixava pegar instrumentos, mas eu pegava. Pegava num instrumento... tocava com os dedos... às vezes partia uma corda e batia tanto, o pai... “Fernando, quem mexeu?” Fui eu, pai! – o pai nunca queria que eu tocasse. E eu vim. E quando eu vim, vim sempre com aquela doença... aquele bichinho no interior musical... Já quando estava com a minha madrinha no Bairro Alto, lembro-me que um dia na praça de Luís de Camões, vi um grupo de Jovens que fazia cultos evangélicos e tinham pandeiretas, violas... E eu fui

lá... Não foi o Evangélico que me levou, mas sim o som dos instrumentos que tinham lá... portanto, eu gostei muito daquilo...

E: Tem alguma orientação religiosa?

F: ahhhh... sim. Sou crente! Basta dizer que sou crente e acredito em Deus. Mas respeito também aqueles que não são crentes. Eu respeito! Eu tenho que respeitar. Respeito os que são, os que não são e os que têm várias religiões. Não sou praticante, porque por natureza, sou um pecador.

E: Um pecador?

F: Sim. Eu fui batizado numa igreja católica. Mas depois, dando continuidade a isso do evangélico...

O que é que se passa? Eu fui atrás do grupo evangélico. Liam bíblias. Falavam do bem... Na altura, aquela religião não mandava matar nem roubar... E assim... porque não? Eu fui dando ouvidos. E no fim convidaram-me, se eu não queria regressar com eles à base... ao ponto de partida, isto é... uma igreja evangélica onde eles tinham partido ali da Rua de Santa Catarina... Quando lá fui, receberam-me muito bem. Já tinha os meus 18/19 anos... ahhhh... Convenceram-me a fazer visita periodicamente. Quando pudesse ali... em tais dias...

Eu encontrava ali piano, guitarra... (risos) Eu ia mais por causa dos instrumentos musicais... poderia tocar com mais liberdade, e eles a tocar e a cantar... Mas também prestava atenção à religião... aos cultos que faziam. Comecei a dar... comecei a pegar na guitarra sozinho... nunca ninguém me tinha ensinado guitarra... fui tocando sozinho... e depois dentro dos cânticos eu comecei e então fui para fora... Saindo da igreja... Até que um dia veio um miúdo e vendeu-me uma guitarra por 600 escudos... e com essa mesma guitarra, todos os dias da minha vida... todas as noites com dores eu não conseguia dormir... Eu pegava na minha guitarra e ia para a praça, tocar, tocar... e tocava... e era a minha terapia para passar a dor... quando eu regressava, já era de manhã e tinha de trabalhar... Quando ia trabalhar, à noite tinha de voltar aos estudos...

Eu fui aperfeiçoando os ouvidos... todos os dias até que tive convite. Disseram: “ Há pa... não gostarias de pertencer a uma banda?” E eu, disse: “Eu toco numa igreja... não posso! Eu não posso tocar fora da igreja”. Mas foram-me convencendo e eu fui entrando

em bandas pequenitas... sempre a tocar com os maiores... os mais crescidos... os maiores em sentido musical...

Fui aperfeiçoando, aperfeiçoando e ao mesmo tempo essa doença ia-me acompanhando... ia desenvolvendo e eu na altura trabalhava num supermercado chamado Expresso, mas faltava muito ao trabalho e os patrões não gostavam, porque achavam que eu era um galdério... mas eu é que sabia o que estava sofrer... Levaram-me para fazer um exame profundo ao hospital de Santa Marta. Quando lá fui já não me deixaram sair do hospital. Disseram-me: “ Você tem aqui uma perfuração e tem de ser operado ao estomago”. Eu na altura tinha 22 anos. Pensei... “Eu vou ser operado e sou capaz de morrer... já não vou ver meu pai”. Eu disse: “ Não!”. Mas eles disseram: “ O jovem tem de ser operado, porque senão isto...”

Bem... fui para casa, e disseram-me para esperar receber uma carta ou telefonema para ser operado. Eu disse: “ Está bem”. Mas nessa altura já tinha vindo também um outro irmão, que tinha vindo de Cabo-verde...,... porque acho que ainda consegui um sacrifício... com 60 contos fui a cabo-verde visitar meu pai. Precisamente no dia em que saí de CB, 6 anos depois, sem dizer nada, cheguei a casa. Sai a 21 de dezembro e cheguei no dia 22 de dezembro – 76-82. Era choro... a mae e o pai, os irmãos... nem acreditaram! Choravam, choravam...

Quando regresssei, o pai mandou também o meu segundo irmão... para vir ter comigo... também não sabia... não tinha possibilidades de vir... mas lá veio e ficamos todos juntos...

Então o medico disse que eu tinha de ser operado e fui chamado... tinha de ver e procurar pessoas para dar o sangue... tive que arranjar colheitas de sangue. Fui operado a uma bactomia... Na altura foram 18 pontos. Tive para lá, cerca de uma semana... mas o medico disse assim: “Vou-lhe tirar metade dos pontos e fica outra metade para vir tirar ao hospital. Nunca mais apareci no hospital (risos)... Porque eu não sabia que a seguir a uma intervenção cirúrgica eu tinha de voltar ao hospital para ser acompanhado...

Não tem um lenço?

E: Não tenho, mas posso tentar arranjar... vamos interromper um pouco.

F: Sim, por favor.

(interrupção – antes do reinício da gravação *“Desculpe, mas sou muito desconfiado de mim próprio)*

F: Eu ia dizendo... Fui operado e vim para casa com 9 pontos... mas antes de ser operado eu ia trabalhar de dia e estudava à noite... e depois ia tocar para uma disco chamada “Lontra”, porque eu queria dinheiro para voltar a visitar os meus pais. Então eu dormia muito pouquinho... pensava que podia... Tinha vinte e tal anos... Era um homem possante... um jovem possante apesar de ...

Mas estando de baixa, diziam: “Você não vai trabalhar. Vai descansar e portar bem!”. Mas eu não ouvi conselhos e estava em casa ainda com os restantes pontos e apareceu um individuo, que presentemente está na Finlândia... há 25 anos, que eu considero como um irmão musical. Me disse: “Hooo Nando... que tal se nós fossemos até à Ilha da Madeira aventurar? Eu disse: “Ho jovem, eu já me aventurei muito pela vida e eu acho que não vou aventurar... mas eu... também como ganhava 16 contos (...) eu estava de baixa e nunca mais tinha dinheiro e estava com dificuldades e não podia tocar nem podia fazer nada... Eu disse: “ Está bem. Ok! Então eu vou!”...

Mas o meu irmão quando veio de CB trouxe uma viagem, no qual tinha um regresso, no caso de querer regressar... então nesse regresso, ou tinha de regressar ou então tinha de receber o reembolso... ahhhh ... O colega disse: “Entõ, eu e o outro vamos indo à frente, preparando terreno na Ilha da Madeira. Vás tentar recuperar ligeiramente e vamos esperar por ti”.

Passando dias, então eu estava mesmo naquela que realmente estivessem a preparar terreno (risos). Todo confiante, eu pedi o reembolso do meu irmão para comprar bilhete para ir até Ilha da Madeira. Assim foi. (risos) Quando lá cheguei não tinha um sítio para dormir, não tinham nada... (...) Eles dormiam num armazém de um amigo numa terra chamado Santo António e para se deslocar para procurar trabalho... bem... a aventura era tocar em restaurantes... como se toca hoje... tinham de fazer algo porque achavam que assim conseguiam.

E: Que tipo de música tocavam?

F: Musica africana. Nós é que levamos a música africana para a Madeira, na altura... africana e algumas brasileiras... Foram para lá... e eu convencido que sim, foram-me buscar ao aeroporto e eu disse: “Onde vou ficar?”. Eles disseram: “ Durante o dia nós

ficamos no Funchal e à noite nós recolhemos lá para cima em Santo António (nas montanhas). Quando cheguei, eu vi logo que aquilo... deitado ao pé das grades das cervejas, eu vi logo... Ai Meu Deus do Céu! Outra vez!

E eu ainda tinha os pontos... então eu nem tinha dinheiro para transporte... então, ficávamos cá em baixo no Funchal, numa zona velha da cidade... Conhece a Ilha da Madeira? Pra mim, é a minha segunda Ilha...

Assim foi... Com o tempo, eu recorro que em pleno calor eu ia para a praia e arrancava os pontos sozinho... tinha de tirar aquilo... mas quando fui para Madeira, eu fui matricular na escola Francisco Franco... dar continuidade ao curso comercial que eu queria. Queria continuar a estudar. Estudava à noite.

Houve um Senhor que já não existe, chamado Arsénio, que tinha uma casa de fados. Tinha um restaurante típico, onde os turistas na altura iam jantar na zona velha da cidade. Então arranjou-nos... Mas esse senhor tinha música ao vivo tocada na hora do jantar... mas ele não nos podia arranjar nada, mas gostava da gente porque tinha vindo da Guiné Bissau... Era militar na Guiné Bissau e tinha uma paixão pela música africana. Ele não nos arranjou trabalho na altura, mas garantia-nos o jantar. Ali estávamos com ele. Depois regressávamos á noite para a nossa Toca..... Dando tempo ao tempo, porque bastava tocar... Era um duo... um tocava na Inglaterra – New Jersey – e o outro vivia no Canadá. Então eles encontravam-se no inverno porque a Ilha da Madeira tem muita solicitação no Inverno... Muitos turistas vão lá... Escandinavos, Noruega... Enquanto estava lá o grupo, nós não podíamos tocar. Mas até que um dia o grupo desfez-se e nós arranjàmos trabalho. Já ganhávamos 40 contos. 40 Contos cada um, na altura, já dava para pagar um quarto para deslocar daquela vida. Tínhamos de arranjar um sítio. Eu, mais esse colega meu, conseguimos arranjar um quarto e partilhávamos o quarto. Outro, como era casado na altura, a mulher foi busca-lo (risos) à Ilha da Madeira. Veio e não sei o que houve, e ele acabou por ir embora e emigrar para a Suíça e lá ficou até agora.

Então, eu e o meu colega, la ficamos os dois e a vida foi dando. Eu continuei a estudar e tive um convite para ir jogar para um clube regional da madeira. Mesmo assim... “Eu vou tentar!” Sabe? Nós temos sempre aquela queda... é a música, é desporto... é Africa!

Fui tentar ainda treina em várias equipas... São Vicente, Equipa de Choupana, Filiar de D. João da Madeira e por aí fora... já nem tinha tempo para mim durante o dia. Aliás... antes disso tinha de me matricular também para tirar a carta de condução. Tinha de ter a carta. Ter tempo para a instrução. Tinha de ter tempo para treinar, tinha de ter tempo para estudar, tinha de ter tempo para tocar à noite... Eu não tinha tempo!

Depois... dentro disso, eu tinha de ter sempre aquele conceito de estar junto das pessoas... pessoas conseladoras... criar amizade... sempre tendência a fazer novas amizades. Independentemente das posições sociais, eu sempre procurei amizade... pra mim não tinha um conceito nem preconceito de não ser um homem formado presentemente... mas eu era um homem formado... Eu sei que há muitas pessoas formadas que não gostam de dizer isso, mas eu tinha mais formação que muitas pessoas formadas, porque a minha universidade foi esse percurso todo. Os meus professores foram todos aqueles que passaram por mim, que me ensinaram. E eu sempre aproximei das pessoas. Nunca fiz a diferença das pessoas. Pessoas de alta e baixa sociedade. Pessoas prostitutas, pessoas... até posso dizer pessoas drogadas... não se tive ao lado de algumas... isso eu não sei. Pessoas terríveis, porque eu aprendi ao lado delas todas... tirei um pouco de lição. Então, eu para aprender tinha de ter bons e maus exemplos para aprender a lição da vida. Nós temos de passar bons e maus momentos na vida para tirarmos uma prova 9. Fazer uma autoconsciência e dizer “ Não! Eu não faço isso porque isso é mau ou faço porque é bom!”.

Daí que eu digo... nós temos de ensinar os nossos a encontrar o bom caminho, não o mau caminho, porque eu acho que não existe só um caminho na vida. Tem vários caminhos. A opção é nossa. Nós é que temos de escolher. Porque o bom caminho que nos leva... o bom caminho é muito difícil...

E: O que é o bom caminho?

F: O bom caminho é o caminho... é o caminho é aquele que nós nunca deixamos o rasto de..., ... de destruição... na nossa má imagem. É um rasto de más ações. Temos de evitar no bom caminho todas as perseguições e todas as tentações. É muito difícil. E esse é o bom caminho. Aquele que nós chegamos ao objetivo lá em cima. Mas esse é muito difícil. Temos de resistir. Sabe que o bom caminho, é o caminho da luta. Para mim é o caminho da luta. Podemos é não ser vitoriosos, mas temos de lutar na vida e é o que eu faço aqui hoje. Pra mim é o bom caminho.

E: E o mau caminho?

F: (RISOS) Pra mim o que é o mau caminho? O mau caminho é sair dali fora. Ser solicitado e logo ... uma tentação! Não resistir à tentação, que é o mau caminho. Esse mau caminho pode ter pernas curtas. A verdade é que eu posso atingir o objetivo facilmente e poderei não atingir... Não sei. Eu mesmo atingindo esse objetivo nunca a minha consciência é tranquila, porque tudo o que se consegue, também facilmente acaba. Ou acaba a vida, ou acaba aquela boa obra, ou acaba agente.

Aos meus 57 anos de idade, até agora eu ando de cabeça levantada. Não há ninguém que me aponte o dedo.

Eu: Escolheu então o bom caminho?

F: Sim... depende... gostaria que fosse ainda melhor o bom caminho... mas pronto... com sacrifício... bem...

E: Gostaria que o bom caminho ainda fosse melhor?

F: Gostaria. Gostaria, mas também até onde tenho tingido, dou Graças a Deus. Sempre agradecendo a Deus. Sempre que chego à noite, logo agradeço o máximo ao nosso Deus, por ter vencido o dia. E quando amanhece peço a Deus que ilumine e guie os meus passos. Entrego tudo e ele que decida. Mas eu sei que mesmo pedindo... mesmo falando com ele, eu peço. Porto-me mal. Porto-me mal, porque sou um pecador, como disse. Eu fui feito vindo do pecado e no pecado vou morrer. Mas pronto. Sempre que posso, tento reconciliar-me e fazer uma autoconsciência. Eu tenho de fazer isso. E sobre tudo, não esquecer de agradecer. Agradeço mais que peço. Eu tenho um filho de 16 anos. Se ele chegar ao pé de mim... “Pai dá-me isso... pai dá-me aquilo... “. Chega a uma altura que eu me chateio com o miúdo. Mas dificilmente o filho chegar ao pé de mim e dizer: “pai obrigadão, pai... pelo computador... obrigado por me teres levado ao jogo de basquete, obrigado por isso...”. Não! Contrário. E chega a uma altura... uso esse termo comparativo... Não. Eu tenho que agradecer mais do que pedir.

E: Disse-me que estava na Madeira...

F: Ahhh... Na Madeira fazendo e praticando todas essas ações, eu consegui tirar a carta de condução e, na altura eu comecei a namorar uma madeirense. Eu fui roubar... roubar... (risos) Foi subtrair... O pai nunca conseguia tirar a carta e ela disse: “Tu vais

conseguir, tu vais conseguir...” E eu disse: “Está bem!” Então eu fui tirar a carta de condução. Em pouco tempo eu tirei...

Então, eu fui a uma equipa de filmagem... de França... uma agencia de publicidade... (...) Sei que foi uma delegação para recrutar figurantes para filmagem... e como falava diariamente mais ou menos francês... Foi “les ennemis intimes” – os inimigos íntimos – então no recrutamento de figurantes acharam engraçado que eu podia fazer parte da filmagem... Mais uma obra!

Cerca de um mês... era assim... tocava... vinha da escola, à noite, e às vezes faltava às aulas e acabei por deixar mesmo porque não tinha tempo... qualquer coisa tinha de ficar... sem apoio sem nada... então saía da escola, e depois saía dos treinos, de tocar acabava perto da meia noite... e o filme era da meia noite em diante, até de manhã... Saía da musica e ia para o Decoor de filmagem... (...) Estava ali cerca de 12 horas de filmagem... vinha para casa e só tinha tempo para descasar ligeiramente para ir para a aula de condução. Foi assim durante um mês e tal... Mas se eu queria algo, eu tinha de com seguir algo. E consegui adquirir monetariamente algo e fui novamente a CB.

Mas da Madeira, vim ca ter com a minha mãe, que ela tinha vindo cá de férias... Ela disse: “Hooo filho... tu tas tão acabado com tudo isso... Para lá com tudo isso...”. Eu disse. “ Não, mãe. Não vou parar. Eu gosto.”

Mas sempre fazendo amizade com pessoas, sempre sempre, sempre... Não é por nada, mas eu sinto orgulho nisso. Para mim, a melhor riqueza que eu tenho, é conhecer a si, conhecer aquela pessoa... mas conhecer mesmo... Conhecer... Não é só conhecer... é cativar esse conhecimento e viver esse conhecimento sem segundas intenções. Até ao fim. E isto é muito importante. E pronto... o Nando passou a ser o miúdo... o black muito conhecido na Ilha da Madeira... O Nando é o Nando. O Nando, tanto pode estar no Hotel Charenton, como pode estar no “On the rocks”, como pode estar no “Neandertal”... nos melhores Hotéis, com os melhores músicos, o melhor cinema...

O Nando é reconhecido até hoje. Quando vou à Madeira ... se disser que vou à Madeira, tenho alguém à minha espera no aeroporto com uma viatura e com uma casa posta para o Nando. Quando lá vou, é para desfrutar e relembrar o passado e vou à procura deles todos para dar um abraço... e Dizem: “ He pa Nando... não mudaste nada!”... Eu quando vou...

Sabe? A tendência de um ilhéu é envelhecer... o ilhéu vive sempre na ansiedade de um dia se expandir... expandir como? Não é cair ao mar... é ir para o Continente... ir para distante... e isso envelhece uma pessoa. Todos os dias estás a levar com o quebramar... todos os dias estás no mesmo sítio. Por mais que circular, é muito limitado... Então, vejo todos eles com...

Também já estou velho, né? Mas vejo miúdos que eu deixei... que nós jogávamos, e estão acabados e isso dói bastante.

Então eu vim para o Continente. Tive que regressar porque um dos meus colegas acabou por casar com uma turista que é da Finlândia e ele foi para a Finlândia. Não. Eu é que vim primeiro e ele ficou lá e depois acabou por ir embora.

Eu chegando aqui tive que regressar de novo à casa dessa minha madrinha. Regressei à base. E regressando à base, o que eu fiz? Continuei a tocar, já mais profissional... E fui trabalhar.

Concorri para segurança. Não. Men Power – uma empresa de trabalho temporário – prestação de serviços – já trazia carta de condução e tudo fiz. Já tinha mais hipótese de colocação e fui trabalhar como motorista – fazia serviços para delegações que de fora. Daí concorri para Prossegur e depois sempre tentando o melhor possível... Depois fui trabalhar como...

Eu quando regressei do Funchal foi quando houve o incêndio no Chiado ... fui trabalhando, fui trabalhando e quando saí da Prossegur fui trabalhar para uma empresa que faz contador de água, contar de electricidade... chamado registo... E eu ainda joguei aqui cerca de 2 anos no INATEL. Fui federado no INATEL. Mas tive que parar... derivado à minha infância... aqueles trabalhos de carga e descarga... criei um problema na coluna e tive que parar mesmo. Inclusive quiseram operar, mas eu disse Não. Agora já não... (risos)

Depois fui trabalhar para uma empresa chamada “Lucas Locomotive” na Avenida 24 Julho, em frente à discoteca Plateau. Trabalhei naquele edifício grande como motorista de distribuição de peças e acessórios. Fazia o país de norte a sul. Também contribuiu muito para expandir muito a minha doença na coluna. (...)

Continuava a tocar à noite... No Noites Longas... foi quando eu conheci o Camacho Costa – um grande comediante...

Então trabalhava à noite a tocar e de dia ia distribuir peças. Recordo-me que um dia tinha de distribuir umas peças para Portalegre e foi uma madrugada com muita chuva...

(conta um acidente – muito descritivo - com a carga em que ficou com lesões e fez acordo c a empresa)

F: (...) Então cheguei a um acordo amigável com a empresa e saí (...) Saindo dali fui fazendo outros trabalhos de prestações de serviços. Fui para o Porto fazer uma formação e fui para vendas ... uma empresa de consumíveis (...). Depois eu saí. Eu é que decidi, porque eles depositavam muita confiança em mim... dinheiro... até chegaram a pagarem viagem a CB. Depositavam muita confiança. Eu nunca... Aí é que está... Costuma-se dizer: nós nunca devemos... Eu assim penso... Eu não gosto de passar por engraçado, mas sim cair na graça... Agente quando se armamos em engraçados, esquecemos, e quando damos por nós, estamos a ser malcriados... Mas se agente cair na graça...

Ainda me recordo... eu fui pedir demissão da empresa e disseram: “ eu não acredito... pela confiança que temos depositado em ti e vais embora e vais nos deixar...”. Não. Eu vou embora... Não sei se fiz bem ou fiz mal... Eu arrependi-me... Tive a corda ao pescoço, mas aquele orgulho... sou um bocado orgulhoso... orgulho e vergonha de volta. Mas eu sei se fosse pedir perdão e pedir que me recebam, não vão aceitar, porque ficaram zangados comigo. Eu sei que ficaram zangados.

Só fui lá muitos anos depois pedir um abraço. Contei os maus bocados que passei e disseram: “ mas porque não veio? E eu disse que tinha vergonha, porque eu é que fui de livre vontade... Aí está! Tudo influências alheias... mas pronto!

Trabalhei depois como motorista particular de um advogado e esse advogado, sempre deslocava ao Beato, ou deslocava ao Tribunal, fui conhecendo e travando amizades com as pessoas e procurando o melhor, até que um dia – isto não tendo em conta a minha vida em conjunto, porque hoje não estou a dizer nada disso – só estou a por a minha pessoa em si – Então um dia tive um convite – eu segui um anuncio e recebi uma resposta a dizer se não queria ir a uma entrevista de uma empresa de propriedade industrial – Marcas e Patentes - Eu estava numa área de vendas e era marketing e publicidade e eles acharam que eu podia fazer aquele trabalho. Vim para essa empresa que é AG da Cunha Ferreira, LDA. (...) onde até me encontro presentemente nessa empresa.

Eu já vinha com muito conhecimento de empresas, embaixadas... e o meu trabalho é fazer um trabalho de contínuo – Eles me consideram um contínuo - Eu me sinto bocado revoltado, né? Mas olha... que remédio! Eu é que faço toda a área de expedição, entrada e saída de correspondências ... as procurações quando vêm e têm de ser reconhecidas em termos da PGR, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Consulados e Embaixadas... Sim. Passam pelas Dotoras e as Dotoras encarregam-me desse serviço em termos de despachos oficializados (explica o serviço).

E: Diz que se sente revoltado...

F: Não. Sinto... não... Sinto pelo meu emprego e pelo ordenado ao fim desses anos todos... mas pronto... aí está... eles quando atribuem uma classificação dizendo que sou contínuo... e quando todo esse trabalho... nós eramos uma empresa com 50 e tal funcionários, hoje são 20 e tal... todos os outros foram-se embora... eu não! Cheguei ao pé – porque eu estava a achar que há tantos anos que eu faço isso e tenho possibilidades de fazer – não sei se fiz mal ou não... mas se depositar confiança em mim, eu quero mostra que eu faço esse trabalho – porque uns diziam: “Hooo Nando... não vás lá porque não consegues!”. Eu disse: “Não. Eu não posso viver assim. Não posso viver. Digo sempre... Não já tenho na vida, mas podemos lutar contra esse não. Quem sabe lá amanhã?

Então eu fui ter com a pessoa nos novos corpos gerentes, e disse: “Olhe... eu penso que sou capaz. Se depositarem confiança em mim, eu gostaria de uma oportunidade para mostrar que posso fazer”. Até que um dia disseram: “ A partir de hoje, queremos realmente que você ponha em prova aquilo que acabou por dizer – Eu até já estava esquecido – “ Você quer tentar?” – E eu, “Sim. Vamos tentar fazer isso”. Porque eu, trabalho nessa mesma empresa, e faço o meu trabalho... Estou inserido numa área de apoio informático. Tudo quanto é serviço externo, Procuradorias e assim... Tudo quanto é trabalho exterior. E depois existem outras áreas... a área comercial, a área jurídica, vem tudo parar ao Fernando... “Fernando, Fernando...”. Então daí que eu me sinta revoltado... Mas porque é que me dizem que eu sou Contínuo? Eu sou... Lá dentro eu faço de tudo... Tudo Não! Há pessoas lá dentro que só fazem isso ou isso, mas quando é para fazer determinados trabalhos têm de chamar o Fernando para dar o apoio e dar a ajuda. Às vezes eu acho que é demais! Na categoria que sou aplicado, eu posso fazer o meu trabalho e então não me responsabilizo. Porque eu sou um Contínuo e eu não posso

fazer esse trabalho. Mas pronto! Eu tento fazer o melhor. Até agora... estou lá há uns 15 anos (faz contas) ... 14 anos.

Estive lá 5, 6 anos a recibos verdes. Eu tive que ir lá falar para decidir a minha posição. E eles diziam: “he pa... não vás, senão ainda poe-te de la fora. Eu disse: “Não! Eu aqui... Eu não vim para Santa Casa da Misericórdia. Eu confio em mim e no meu trabalho”. Pronto! Ainda la estou nesse trabalho. Faço tudo e mais alguma coisa (risos) Eu não quero falar nisso... é mesmo tudo e mais alguma coisa... Acho que estamos na reta final...

Quantas vezes usam do meu conhecimento? Conheço Juízes, advogados, conheço determinados embaixadores, porque eu continuo ativo em termos de eventos musicais. Porque a música, quando vou tocar, eu viajo e nem sempre vou pelo facto monetário... porque estou a tocar e a verdade é que estou a juntar o útil ao agradável, e infelizmente hoje já não se paga tanto... Mas se vou tocar a sua casa, vou tocar ao seu evento, vou tocar à sua quinta, e preocupo-me. O primeiro de tudo, é saber entrar. Saber estar. Nesse saber estar, eu não vou só para tocar, nem vou só para receber. Comunico consigo. Comunico, se puder, com o máximo das pessoas. Mas eu começo sempre de baixo. Gosto sempre de perguntar. Perguntas sem ofensas. Dialogar com as pessoas. Me expor e dizer: “Vocês têm-me aqui quando quiserem... vamos comunicar!”.

E tento tirar o máximo de conhecimento e amizade, porque não sei o dia de amanhã. E hoje posso dizer que a minha riqueza é o conhecimento. Já não digo amizade, porque hoje há amizades por interesse. Determinadas pessoas dizem bom dia, boa tarde, já com segundas intenções, porque tenho prova disso. Não dizem bom dia, boa tarde mesmo de coração. Porque hoje dizem, e a manhã não dizem. Porque há aí alguma coisa...

Basta uma pessoa ter problemas em casa... com o pai, com a mãe, com o filho, seja com as finanças, com o correio, seja que problemas tem, estão habituados a ter todo o meu apoio. Tenho sempre o mesmo comportamento. Para se transformar eu não tenho a culpa. Eu, mesmo assim, havendo isso comigo, não vou mudar para consigo. Porque você não tem a culpa, e então eu tenho de manter a minha satisfação consigo. O meu pressentimento é de amizade. As minhas saudações têm de continuar. O meu problema é meu. Eu que tenho de resolver. Posso é pedir uma ajuda ou um auxílio. Mas eu não quero expandir... não quero repor o meu problema nos alheios. Isso não faço. Daí que eu diga... quase a maioria das pessoas, quando nos cumprimentam, vêm com um

sorrindo de pica-pau amarelo... Já não podemos confiar... Obrigam-nos a descair um pouco...

E: Está a dizer que aprendeu a ser desconfiado?

F: Sim. Aprendi. É triste. Eu sinto muito triste, porque eu não queria ser assim, e estou obrigado a cair nessa sociedade, mas eu não gostei. É muito triste. Era tão bom que eu não mudasse. Que eu continuasse a ser sempre o mesmo Nando. Portanto... aquela saudação, aquela prestação...

E: A Morabeza?

F: A Morabeza. Sim. Gostei! Mas infelizmente a sociedade – eu não sei se é a sociedade que faz o Homem, ou Homem que faz a sociedade. É capaz de me responder? Eu não sei. (risos)

E: Não sabe?

F: Não. Eu não sei. Talvez mais amanhã. O amanhã dirá.

E: Uma última questão... e Cabo Verde e São Tomé?

F: CB vim de la em 69 e nunca mais regressei. Mas gostaria muito de ver a terra onde eu nasci. Já pus a minha pessoa à disposição em termos de eventos culturais, e um dia viajar... gostaria muito, porque há muitos nativos...,... nativos, isto é... descendentes... aqueles mesmo que nasceram em CV que nunca mais puderam regressar. Isso é muito triste, sabe? Há muitos que não puderam regressar e não vão regressar mais. Não. Não conseguem regressar.

E: Não conseguem regressar?

F: Guerra colonial! Nós ainda saímos de São Tomé e Príncipe - da Guerra Colonial... Não sei se devemos dar graças por isso, porque fomos dos últimos a sairmos... 69. Em 75... 69... portanto... nós eramos contratados e íamos contratados, ou os pais foram contratados - e tinham registos dos contratos – e depois tinham de regressar, e depois contratavam outros colonos para sempre... para trabalhar fazendas. Então em 69, quando acabamos o contrato – na altura agente podia acabar o contrato e renovava automaticamente o contrato – ficava ali, portanto, na roça a trabalhar. Se não, tinha de regressar. Regressando, sabe Deus contrato... O contrato responsabilizava-se pelo

regresso. Garantia o transporte. Isto é, navegação... barco. Avião nunca! Sempre de barco...

E: Pais cabo-verdianos, o Fernando nascido em São Tomé, quando os pais foram lá contratados e depois tiveram de regressar.

F: Sim. Por isso que lá nasci. É isso. O meu pai chegou um dia a CV... Em 1947, o livro que Miguel de Sousa Tavares escreveu, em 47 o meu pai passou por aquilo. No tempo do Gorgulho. Ele tinha 11 anos de idade e foi uma das razões que me obrigou deixá-lo aos meus 16 anos. Porque quando... ele às vezes passava-se... por isso eu digo... não devemos estar sempre a pedir, porque um dia o pai passa-se... e sem querer pode mandar uma frase mais picante... uma frase que nos choca e se nós tivermos a consciência, se nós sentirmos, temos de tomar uma decisão. E foi a decisão que eu tomei. O pai dizia: “ Pa..., desculpa lá, mas aos teus 12, 13, 14 anos, já devias fazer assim, e assim e assado... enquanto eu, teu pai, aos meus 11 anos, fui senhor do meu nariz. Fui homem aos 11 anos de idade. “ Mas como pai? Como foi possível?” - “Por causa de necessidade, obrigou-me a fugir...”. Ele fugiu de CV tinha 11 anos de idade... Apareceu-lhe uma pessoa que lhe disse... olha eu vou para São Tomé, se fores também... e o pai fugiu de barco. Fugiu de barco... pronto! Entrou num barco que agente na altura chamou de lancha ou batenão, com uma lata e entrou e desapareci de casa, até... olhe... aos 11 anos saiu de casa, sem mãe, sem pai, sem ninguém no meio daquela mata toda. Ele quando dizia-me aquilo, servia como exemplo... “ Não... Se tu foste Homem aos 11, eu também posso ser Homem. E fui responsável aos 16 anos... Isso não acontece com o meu filho de 16 anos. Ele vai fazer 16 anos e só pede computador... só pede ténis de marcas, só pede... é triste dizer isso. Eu quando tento cativar isso na cabeça do miúdo, o que é que a mãe diz? A mãe diz: “Tu não podes meter na cabeça do miúdo o teu passado”. Mas eu não sei se é verdade. Se não deverei dizer isso ao meu filho. Eu acho que devo dizer isso ao meu filho para mostrar que a vida não é só estender a mão. A vida tem vários procedimentos. Tolerância, sacrifício, a benevolência, a esperança, esforço... a vida...

E: Tudo aquilo que o faz fugir do mau caminho?

F: Sim.

E: E CV?

F: Em relação a CV tenho ido... Fui há dois anos... fui este ano e em relação a CV, para ser muito sincero, tenho 57 anos e sai de lá aos 16 anos... Quem poderá falar de CV melhor que eu, são aqueles que lá habitam, porque eu quando vou, vou com uma mente e quando lá chego, na minha ótica, na minha maneira de ver, falar e sentir, só eu é que sei... Em relação aos que lá estão, pra ser sincero aquilo não está fácil. Em parte nenhum do mundo está fácil, mas há locais, há religiões, há países, que estão melhores que outros, né? É como nós em relação aos outros países da Europa, né? CV em relação a nós, aquilo não está a acontecer... Primeira coisa é a educação. A segunda, é a segurança das pessoas. Mas tudo isto está na sociedade, toda também ela desconfiada... uma sociedade tímida, uma sociedade na expectativa ou numa perspetiva, mas que não vê uma luz ao fundo. Não há luz. Há conversas e promessas dos políticos. Como aqui ou em qualquer lado...

Eu às vezes penso... há ideias internas – lá dentro – e há ideias exteriores - as de fora – temos certas ideias, mas quando chegamos com as nossas ideias lá dentro... Costuma-se dizer que o segredo é a alma do negócio, e se eu chegar a CV com uma ideia, com um projeto, talvez não aprovelem esse projeto, mas sim, podem derruba-lo e depois vão aplicar o mesmo projeto para eles. Mas antes de mais nada... quando se fala de CV, eu para falar de CV, em geral tenho de conhecer todas as Ilhas e todas as pessoas. Eu só estou a falar da Ilha de Santiago. Quando vou por pouco tempo... uma ou duas, no máximo três semanas e estando ali... mas já não consigo! Não é a mesma coisa. Eu se for a CV agora – Ilha de Santiago, em termos de segurança, liberdade... andar a visitar por ali fora, já não é como há dois, três anos atrás, porque cada vez é pior. Daqui que nós temos tido bastante... Eu não gosto de dizer isso – bastante criminalidade. Isto é, a nossa Ilha de Santiago – muita criminalidade. Eu sinto muito... Miúdos, mas são crianças de 9, 10 anos que já andam de armas empunhadas... Eu sinceramente... eu não acredito! Não acredito! Sabe o que é ir à própria terra e dizer “Hooo mãe, hooo pai...”, “ Mas hooo filho... tenha cuidado, filho, tenha cuidado! Ó filho não leva o relógio, ó filho não leva... tenha cuidado.

Então... eu estou aqui a correr de um lado para o outro, mas estou num sítio que estou à vontade e sinto liberdade e não consigo... Isso eu digo... Se os meus governantes... Meus ou deles... Eles têm de fazer algo... dizer algo... Por favor... tenta aprofundar em termos de segurança CV. Eu nunca fui assaltado. Por acaso, porque todo o cuidado é pouco, mas já assisti... Um tipo vê diariamente conflitos e pancadarias e isso me custa

muito. Eu não gostaria que CV... Aí está o mau caminho... as pessoas querem tudo, mas não pode ser assim. Porque a nova geração quer ter este telemóvel de marca, quer um relógio, quer ter...

Não há ensino, não há trabalho... Eles querem algo. Mas algo como? Como é que se pode ter algo na vida? Têm de se preparar e às vezes fazer aquele caminho difícil. O caminho fácil é isso. O fácil é isso! É assaltar as pessoas. É tirar vida. É pancadarias. Isso é caminho fácil.

E: E aquele menino de 16 anos que desceu em Lisboa, vindo de CV, cheio de frio? Valeu a pena?

F: Valeu! Valeu a pena! A Sério que valeu a pena! Porque ainda aos meus 57 anos... a partir do momento que um Ser vem para este mundo, vem para enfrentar a adversidade e então...

Agora pergunto... Será que o CR e o Messi não têm adversidades para enfrentar? Não Épela questão material. Eles têm material... Têm de certeza... Senão tinham parado. Têm adversidades. Nem que seja um adversário no campo. Adversidade há sempre. E às vezes quanto mais temos de bens corpóreos, parece que têm mais adversidades... às vezes maiores. Eu na categoria de classe pobre, média ou classe pobre, eu sou capaz me confortar. Hoje posso comer um prego, amanhã posso comer uma bifana, depois posso comer um bife e até posso estra uma semana sem comer nada disso. Ate posso comer uma batata frita com molho de ketchup, e quando surgir nova oportunidade para comer um bife, eu como um bife. Mas as pessoas que diariamente comem bifas têm medo que amanhã não comem bife. Por isso que eu digo... quanto mais bens corpóreos, mais incerteza e mais insegurança. Penso que há esse problema no mundo não é? Os países potenciais vão à procura de outros países para buscar petróleo, vão lá buscar dinheiro... porque eles têm medo. Querem tudo para eles! E os outros... olha... Têm medo das dificuldades. Por isso que se nota, que cada vez há mais pessoas pobres, há mais. Mas também os que são rios são cada vez mais ricos. Os que são pobres são cada vez mais pobres. Eu acredito nisso. Eles vão lá tirar. Eles vão lá subtrair. Eles têm de ter uma defesa. Os ricos têm medo de não ter. Os que têm, têm medo de perder os seus bens.

Eu se me cair uma moeda de 10 cêntimos, 5 cêntimos, sou capaz de deixar cair no chão... se não encontrar... olha... mas se for um ricaço, se perder uma propriedade, se

perder bolsa de valores, é capaz até de se suicidar... De resto... Olhe... Peço desculpa de levar este tempo todo...

Eu: Como se sentiu a dar esta entrevista?

F: Senti-me um bocado tocado, um bocado impressionado com um certo passado, né? Mas ao mesmo tempo senti-me orgulhoso. Nunca tinha dado uma entrevista do género. Mas para ser sincero... Não sei qual a finalidade desta entrevista... Fui apanhado desprevenido... Vim sem nada na manga (risos)

Eu: Mas aceitou...

F: Penso que seja para algo importante e confiei.

Eu: Obrigada!